

Jacques-Rouman

OS DONOS DO ORVALHO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Jacques-Rouman

OS DONOS DO ORVALHO



Prefácio

Jacques Roumain, escritor haitiano nascido em porto príncipe (1907) numa família burguesa estudou na suíça e na França e, de volta ao Haiti, colaborou na imprensa e dedicou-se à militância política, vinculando-se às comunidades negras e fundando, em 1934, o partido comunista haitiano. Apaixonado por etnologia e folclore, também fundou, em 1941, o "Bureau Déthnografie". Poeta e romancista, quase toda sua obra associa essas duas inspirações – a política e a indigenista. Tornou-se internacionalmente conhecido com o romance Os donos do orvalho (Gouverneurs de la Rosée) (1944), traduzido para várias línguas e levado ao cinema. Faleceu ainda jovem, na década de 1940.¹

¹ Fonte: dictionnaire historique, thématique et technique des littératures, direction jacques demougin, volume 2 paris, libraire larouse, 1986.

Capítulo 1

Morreremos todos... – e ela afunda a mão na poeira.

A velha Délira Delivrance diz:

– Morreremos todos: os bichos, as plantas, os filhos de Deus. Ó Jesus, Maria, Virgem Santa!

E a poeira escorre entre seus dedos. O mesmo pó com que o vento devasta, com seu hálito seco, o campo de milhete, a barreira alta dos cactos roídos pelo verdete, as árvores, os campeches¹ ferrugentos.

Levanta-se da estrada a poeira, e a velha Délira, acorada diante de sua choupana, os olhos baixos, balança suavemente a cabeça e o xale, que escorregou para um lado, deixa ver uma mecha grisalha, polvilhada, parece, dessa mesma poeira que lhe escorre entre os dedos, como um rosário de misérias

E ela repete, então:

– Morreremos todos...

E implora a Deus. Mas inutilmente, pois há tanta gente pobre invocando o bom Deus com tanta força, que uma gritaria grande e aborrecida se forma e chega aos ouvidos do bom Deus e o faz berrar: “Que diabo de barulho é esse”, e tapar as orelhas. Esta é a verdade, pois o homem está abandonado.

Com a cadeira recostada ao tronco de um cabeceiro, Bienaimé, o marido, fuma cachimbo. A fumaça ou sua barba de algodão flutua ao vento.

– É sim, negro é um pobre desgraçado – diz ele.

Délira finge não ouvir.

Um bando de corvos se abate sobre os candelabros². Seu crocitar rouquenho domina todos os ruídos. Logo em seguida, numa revoada, deixam-se cair sobre o campo calcinado, como pedaços de carvão atirados à toa.

Bienaimé chama:

– Délira! Ô Delira!

Ela não responde. Ele grita:

– Mulher!

Ela levanta a cabeça.

Bienaimé brande o cachimbo como um ponto de interrogação:

– O Senhor é o Criador, não é? Responde: o Senhor é o Criador do Céu e da Terra, não é mesmo?

Ela faz um “sim”, mas com má vontade.

– Pois bem, a Terra está cheia de dor, a Terra só tem miséria. Então, foi Deus que fez a dor, que fez a miséria!

Solta curtas baforadas triunfais e atira longe uma cusparada sibilante.

Délira lança-lhe um olhar cheio de cólera:

– Não me atormentes, excomungado. Não chega, não, o que eu já tenho de preocupação? Conheço a miséria: meu corpo todo me dói, meu corpo todo é um ninho de miséria. Não é preciso que me agourem com a maldição do Céu e do inferno.

Depois, com grande tristeza, os olhos cheios de lágrimas, ela diz docemente:

– Ô, Bienaimé, negro está pagando...

Bienaimé tosse àasperamente. Talvez quisesse qualquer coisa. A desgraça traz humor negro, que aflui à boca, e então as palavras são amargas.

Délira levanta se penosamente. É como se fizesse esforço para apumar o corpo. As atribulações todas da existência cavaram-lhe vincos no rosto negro, livro aberto na página da miséria. Mas seus olhos têm

luz de manancial, e é por isso que Bienaimé desvia o olhar.

Ela deu uns passos e entrou em casa.

Para lá dos campeches, onde se perde num desenho confuso a linha esmaecida dos serros longínquos, um vapor se eleva. O Céu não tem um sulco, é chapa ardente.

Atrás da casa, o marro redondo parece uma cabeça de negra, cabelos encarapinhados, ervas ralas, em moitas esparsas ao rés do chão; mais adiante, ombro sombrio contra o Céu, outro morro, cheio de chanfraduras reluzentes. A erosão pôs a nu longos filões de rocha: a terra foi dessangrada até os ossos.

Derrubar os bosques foi, sem dúvida, um erro. Quando ainda via o falecido Jean-Joseph Josaphat, pai de Bienaimé, as árvores cresciam por lá fortes e copadas. Destruíram o bosque para fazer roças; plantaram ervilha na lombada e milho na vertente.

Trabalhada duramente por negros experimentados, por lavradores que sabem que não poderão levar um bocado à boca se não o extraírem do solo por um trabalho viril, a terra tinha correspondido tal como a mulher que de início resiste, mas depois, ante a força do homem – é seu direito – diz: vem, goza...

Naquela época, viviam todos em boa harmonia, unidos como os dedos da mão, e a vizinhança se reunia no mutirão³ para a colheita ou o amanhã.

Bienaimé levanta-se, caminha com passo indeciso para o campo. Uma erva seca como estopa invadiu o canal. Já faz tempo que os talos altos dos caniços se curvaram, misturando-se à teima. O fundo do canal está gretado como louça velha, azinhavrado de matérias vegetais putrefatas. Antes, ali corria livremente a água, ao sol: seu borborinho e revérbero produziam um riso doce de lâminas reluzentes. O milhete crescia cerrado, dissimulando a choupana à vista da estrada.

“Ah! esses mutirões – relembra Bienaimé – ele chegava, cabeça de grupo, responsável, ao nascer do dia, com um bando de gente decidida para o trabalho: Dufontaine, Beauséjour, o primo Aristhène, Pierrilis, Dieudonné, o cunhado Mérilien, Jean Fortuné, o compadre Boirond, o acompanhador Antoine, cantador de primeira, capaz de vencer com sua língua a malícia de dez comadres juntas, mas sem maldade, só por divertimento, palavra de honra.

A gente se metia no campim-guiné (pés nus mergulhados no orvalho, o Céu opalescente, a frescura, o carrilhão das galinhas-d’angola selvagens, ao longe...). Pouco a pouco as árvores enegrecidas, a folhagem, coberta de farrapos de sombra, recobravam a cor. Banhava-as uma luz oleosa. Nuvens enxofradas cingiam como xales o cimo dos montes elevados. A região emergia do sono. No terreiro de Rosanna, o tamarindeiro lançava, de repente, como um punhado de saibro, um turbilhão barulhento de gralhas.

Beaubrun Casamayor, Rosanna, sua mulher, e os dois filhos os saudavam. Diziam-lhes: “obrigado, irmãos, obrigado”. Questão de cortesia, porque um favor é coisa que se presta de boa vontade: “hoje, eu trabalho teu campo; tu, amanhã, o meu. A gente ajuda uns aos outros, essa é a amizade dos pobres, pois não é?”

Um momento depois, chegavam, de seu lado, Simeon e Dorisca com uns vinte negros decididos.

Rosanna ficava à sombra do tamarindeiro, às voltas com suas panelas e caldeirões estanhados, de onde já se elevava o gargarejo saltitante da água que ferve. Délira e outras vizinhas viriam mais tarde para lhe dar uma de mão.

Os homens se afastavam, enxada ao ombro. A roça a limpar estava na curva do caminho, protegida por uma cerca de bambus entrecruzados, em que trepadeiras de flores róseas e brancas se misturavam em tufos desordenados. Da casca dourada dos taquaraçus emergia uma polpa avermelhada como veludo de mucosas.

Já haviam retirado as traves da tronqueira. À entrada da roça, um crânio de boi alvejava sobre um poste. Agora mediam com a vista a tarefa: esse eito de ervas daninhas, emaranhadas com trepadeiras.

Mas era terra da boa. Deixá-la-iam tão limpa como a superfície de uma mesa recém aplainada. Naquele ano, Beaubrun queria tentar a sorte com berinjelas.

– Em fila! – gritavam os chefes de grupo.

O acompanhador Antoine passava a tiracolo a bandoleira do tambor. Bienaimé ocupava seu posto de comando à frente da linha dos seus homens. Antoine preludiava com umas curtas pancadas; depois, o ritmo crepitava sob seus dedos. Num impulso unânime, eles erguiam as enxadas. Um relâmpago de luz feria o ferro; por um segundo, os homens brandiam um arco-íris.

A voz do acompanhador subia rouca e forte:

A té...

De um só golpe, as enxadas caíam num ruído surdo, atacando o pelame malsão da terra.

Femme-la dit, mouché, pinga

ou touché moin, pinga-eh⁴

Os homens avançavam em fila. Sentiam em seus braços o canto de Antoine, as pulsações precipitadas do tambor, como um sangue mais ardente.

De repente, o sol aparecia. Lantejoulava qual espuma de orvalho sobre o erval. Honra e respeito, senhor Sol, Sol nascente! Mais acariciante e cálido do que a penugem de um pintinho, sobre a lombada do morro, ainda por um instante todo azulado na frescura da manhãzinha. Esses homens negros te saúdam com um volteio de enxadas, que arranca ao Céu vivas centelhas de luz! E te saúdam a folhagem denteada dos pés de fruta-pão, remendada de azul, e o fogo dos chorões, por longo tempo aninhado sob as cinzas da noite, e que estala, agora, num estrépito de pétalas, ao lado dos campeches.

O canto obstinado dos galos alternava-se de uma a outra roça.

A fila móvel dos lavradores retomava o novo refrão numa só massa de voz:

A té

M'ap mandé qui moune

Quí en de dans caille lá?

Compé répond:

C'est mouin avec cousme mouin

Assez-é⁵

Brandindo as enxadas de cabo comprido, coroadas de centelhas de luz, e deixando-as cair de novo com exata violência:

Mouin en dedans déjà,

En l'ai-oh!

Nan point taureau

Passé taureau

En l'ai, oh⁶

Uma circulação rítmica se estabelecia entre o coração palpitante do tambor e o movimento dos homens: o ritmo era como uma corrente poderosa que os penetrava até o mais profundo de suas artérias e nutria seus músculos de renovado vigor.

O canto encheria a manhã inundada de sol. O vento o levaria para lá das colinas, em demanda do planalto de Bellevue, e comadre Francille (estaria diante de sua choupana, debaixo da latada de vinha selvagem, em meio a um bater de asas e a um piar de aves, às quais estaria jogando punhados de milho),

pois é, garanto que minha comadre Francille se voltaria para o rumor da planície – seguro que ela o faria, pois se estava na primavera – e levantaria a cabeça para olhar para o Céu, sem escamas de nuvens, que mostraria, como tigela emborcada, que não continha uma gota de chuva.

O canto tomaria o caminho da várzea, ao longo do canal, remontaria até a fonte escondida num vão da garganta do monte, em meio ao pesado odor dos fetos e samambaias esmagados na sombra e ao secreto borbulhar do olho–d’água.

Talvez aluna jovem negra da vizinhança – Irézile, Thereze, Georgine – tenha acabado de encher sua cabaça. Quando sai da corrente, braceletes de aljôfar se desfazem em volta de suas pernas. Põe as cabaças num cesto de vime, que equilibra na cabeça. E caminha pela vereda úmida. Ao longe, o tambor expede um enxame de sons murmurantes.

“Irei mais tarde – pensa a moça. – Fulano também vai”. (É seu namorado).

Invade–a um calor, lânguido, feliz. Apressa o passo, balanceando os braços. As ancas rebolam com maravilhosa doçura. Ela sorri.

Sobre os campeches flutuam farrapos de fumaça. Nas clareiras, os carvoeiros desmontam os balões de suas caieiras, sob os quais a lenha verde se queimou a fogo lento.

Uma árvore é feita para viver em paz, com a luz do dia e a amizade do sol, do vento, da chuva. Suas raízes se afundam na fermentação gorda da terra, aspirando os sucos elementares, os sumos fortificantes. Parece sempre perdida num grande sonho tranqüilo. A ascensão latente da seiva a faz gemer nas tardes quentes. É um ser vivo, que conhece o curso das nuvens, e pressente as tormentas, pois está cheio de ninho de pássaros.

Com as costas da mão, Estinval enxuga os olhos avermelhados. Da árvore mutilada resta apenas o esqueleto calcinado dos ramos dispersos entre as cinzas: uma carga de carvão, que sua mulher venderá no vilarejo de La Croix–des–Bouquets.

Que pena não ter podido responder ao convite do canto. A fumarada ressecou–lhe a garganta. Sua boca está amarga como se tivesse mastigado um bolo de papel. Como lhe faria bem uma garapa de canela. Não, de anis, que é mais refrescante; um grande sorvo de álcool até o mais fundo do estômago.

– Rosanna, querida... – diria.

Ela conhece sua fraqueza e, rindo, lhe ofereceria a quantidade de três dedos, em leque.

Ele cospe, um cuspo grosso, e volta a remexer o montão de terra misturada com cinza.

Pelas onze horas, a mensagem do mutirão enfraqueceria; já não era o bloco maciço de vozes a sustentar o esforço dos homens; o canto vacilava, elevava-se sem força, de asas atadas. Às vezes retomava forças, com vazios de silêncio, com vigor decrescente. O tambor gaguejava ainda um pouco, mas já não era o chamado jovial de quando, ao amanhecer, o acompanha, dor o golpeava com sábia autoridade.

Não era só a necessidade de repouso; era a enxada cada vez mais pesada, o jugo da fadiga sobre a nuca endurecida, o mormaço asfixiante; é que o trabalho terminava. Contudo, era uma parada apenas para dar tempo a um trago de cachaça e um relaxamento dos rins – no corpo é o que há de mais teimoso, os rins. Embora a nós, habitantes de morros e campos, pobres demais para comprar sapatos, os burgueses das cidades nos chamem de picuinha, “negros descalços”, “pés no chão”, “pés de anjo” – não importa e merda para eles, porque, no trabalho de verdade, nós somos sem iguais; e que esses tais burgueses fiquem sabendo: com nossos grandes pés de camponeses, nós lhes chutaremos um dia pela

bunda, com bons pontapés – canalhas...

Haviam cumprido uma tarefa dura, roçado, raspado e limpado a, face hirsuta da terra; a erva má, cortada, juncava o solo. Beaubrun e seus rapazes a recolheriam para queimá–la. O que fôra erva daninha,

espinho, sarçais, entrelaçados de cipós, voltaria, em cinzas fertilizantes à terra revoada. Beaubrun estava plenamente satisfeito.

– Obrigado, vizinhos – repetia.

– As ordens, vizinho – respondíamos nós.

Mas, para a frente, já não havia tempo para cortesias. A comida esperava. E que comida, que comilança! Rosanna não era uma negra sovina, isso não. Todos os que, por despeito, tinham falado mal dela – por ser uma mulher de verdade, com quem não se podia faltar com o respeito, uma bugre a quem não se podia dizer bobagens – agora se arrependiam. É que, desde a curva do caminho, um odor lhes vinha, ao encontro, os saudava, de fato os envolvia, os penetrava, lhes fazia com que o estômago desse horas, de apetite devorador.

O acompanhador Antoine, que ainda na ante-véspera recebera de Rosanna, ao lhe dirigir um gracejo canalha, pormenores de uma precisão surpreendente sobre os excessos de sua própria mãe, ao aspirar fundamente o cheiro da comida, suspirava com solene convicção:

– Beaubrun, meu velho, tua patroa é uma bênção...

Nos caldeirões, caçarolas, tigelas, empilhavam-se o assado de porco apimentado a valer, o pirão de milho com bacalhau e um à-vontade de arroz, e, ainda mais, arroz com ervilhas coradas e guisado salgado. E bananas, batatas, inhames a faltar.

Bienaimé dá alguns passos e chega à beira da estrada. Apóia-se contra os toros entrecruzados da cerca. Do outro lado, o mesmo desconsolo: a poeira sobe, volteia em torvelinhos espessos e se abate sobre os candelabros e sobre a erva daninha e rala, rente ao solo como uma pelada.

Outrora, nesta época, o Céu se tornava cinzento desde a madrugada; as nuvens se reuniam, pejudas de chuva, não uma chuva forte, isso não, apenas o necessário, como sacas cheias que se esfarinhassem em chuva fina, mas persistentes, deixando coar às vezes um raio de sol. Isso não bastava para saciar a terra, mas a refrescava, a preparava para as grandes chuvaradas, irrizava os brotos novos do milhete, com a ajuda do vento e da luz. De vez em quando os ramos dos campeches soltavam um bando de verdelhas e, as ave-marias, as galinhas-d'angola vinham, arrepiadinhas, beber à beira dos charcos do caminho e, se a gente as espancava, voavam, pesadamente gordas, empapadas de chuva.

Depois, a tempo começava a mudar: pelo meio-dia, um mormaço pesado envolvia campos e árvores prostrados; uma fina umidade dançava e vibrava, como um enxame no silêncio, apenas cortado pelo estrídulo ácido dos grilos.

O céu se desfazia em nuvens lívidas, que escureciam com o entardecer e se moviam pesadamente por sobre os morros, varadas de relâmpagos e trovões surdamente retumbantes. Nos raros desvãos das nuvens, o Sol aparecia como um resplendor longínquo, de palidez de chumbo, que feria o olhar.

Do fundo do horizonte, subia, de repente, um rumor confuso e crescente, um sopro enorme e raivoso. Os trabalhadores atrasados nos campos apertavam o passo, enxada ao ombro; de súbito, as árvores vergavam; uma cortina de chuva avançava, agitada violentamente pelo rugido ininterrupto da tormenta. A chuva já estava ali: primeiro, algumas gotas quentes e rápidas, depois, cortado de relâmpagos, o céu negro abria-se para o aguaceiro, a avalanche, a enxurrada torrencial.

Bienaimé, no estreito alpendre cercado por um balaustre gradeado e protegido pelo rebordo do teto de palha, contemplava sua terra, sua boa terra, as plantas empapadas, as árvores balançando-se ao canto da chuva e do vento. A colheita seria boa. Ele havia penado ao sol em longas jornadas. Essa chuva era a sua recompensa. Olhava-a, com carinho, cair em grossas cordas; ouvia-a chapinhar no pátio de pedra, diante da latada. Tanto de milho, tanto de

ervilha, o porco cevado; isso daria para um blusão novo, uma camisa e, talvez, o poldro baio do seu vizinho Jean-Jacques, se ele quisesse fazer um abatimento no preço.

Esquecera-se de Délira.

– Mulher, esquento o café – disse ele.

Sim, comprar-lhe-ia também um vestido e um xale.

Encheu o curto cachimbo de barro. Eis o que era viver em boa harmonia com a terra.

Mas tudo isso era o passado. Não restava disso senão um travo amargo. Agora tudo era poeira, essa cinza triste, que recobria o que outrora fora a vida, não uma vida fácil, oh! não!, mas tinha-se boa disposição e, depois de se engalfinhar com a terra, depois de abrir, de escavar, de revolver, de molhar com o seu suor e de fecundar a terra, como a uma fêmea, vinha a satisfação: as plantas, os frutos e todas as espigas.

Pensara em Jean-Jacques, e ei-lo que vem pela picada, tão velho e inútil como ele próprio, conduzindo uma esquelada jumenta, cujo cabresto deixa arrastar pela poeira.

– Irmão – cumprimenta ele.

E o outro responde de igual modo.

Jean-Jacques indaga por sua comadre Délira.

Bienaimé pergunta :

– Como vai comadre Lucie?

E trocam agradecimentos.

A jumenta tem uma grande chaga no lombo e estremece sob as picadas das moscas.

– Adeus, sim? – diz Jean-Jacques.

– Adeus, meu negro – responde Bienaimé.

E vê o vizinho afastar-se com sua jumenta para o bebedouro, esse charco estagnado, esse olho de lódo coberto de uma crosta azinhavrada onde todos bebem, homens e animais.

“Há tanto ele se foi, que deve estar morto agora”, pensa ela. A velha Délira pensa em seu filho, Manuel – é seu nome – que há anos se foi, a cortar cana de açúcar em Cuba. “Deve estar morto, agora, em terra alheia”, repete. Dissera-lhe pela última vez: mamãe... Ela o beijara. Agarrou-o em seus braços, esse rapagão que estivera no fundo de sua carne, no mais profundo de sua carne e de seu sangue, que tinha saído dela, de sua carne o de seu sangue, e que se convertera nesse homem a quem ela murmurara entre lágrimas: “Vai, meu filho, que Nossa Senhora da Graça te proteja”, e ele dobrara o cotovelo do caminho e desaparecera, “ó filho do meu ventre, dor de meu ventre, alegria de minha vida, tristeza de minha vida, filho meu, meu único filho.”

Deixa de moer o café, de cócoras a um canto. Não lhe resta nem uma só lágrima, mas parece que seu coração se encarquilhou no peito e que ela se esvaziou de toda vida, menos desse tormento incurável que lhe aperta a garganta.

Ele devia voltar depois da *zafra*², como esses espanhóis chamam a colheita. Mas não voltara. Ela o esperara, mas ele não viera.

Às vezes chegava a dizer a Bienaimé:

– Eu gostava de saber por onde andaré Manuel.

Bienaimé não respondia. Deixava apagar-se o cachimbo. Levantava-se e saía pelo campo.

Mais tarde, ela ainda perguntava:

– Bienaimé, meu velho, onde estará o nosso menino?

Ele respondia rudemente:

– Fica em paz, mulher.

Mas ela tinha pena de suas mãos, que tremiam.

Esvaziou a gaveta do moinho, pôs novos grãos, retomou a manivela. Não era uma tarefa pesada, mas sentia se esgotada, a ponto de querer ficar ali, sem movimento, abandonando à morte seu velho corpo gasto, que a confundiria, por fim, com esse pó, numa noite eterna e sem memória.

Pôs-se a cantarolar. Era como um gemido, uma queixa d'alma, uma censura infinita a todos os santos e a essas divindades surdas e cegas da África, que não lhe tinham dado ouvidos, que voltavam as costas à sua dor e às suas atribulações.

“Ó Virgem Santíssima, em nome dos santos da Terra, em nome dos santos da Lua, em nome dos santos das estrelas, em nome dos santos do vento, em nome dos santos das tormentas, protege por favor, eu te rogo, meu filho, que está em terra alheia, ó Senhor das Encruzilhadas, abre-lhe um caminho sem perigos. Amém.”

Não ouvira Bienaimé voltar.

Ele sentou-se a seu lado. Na lombada do morro havia uma vermelhidão indecisa. Mas o Sol já não estava lá, navegava atrás da mata. Logo seria a noite, a envolver em silêncio essa terra amarga, afogando na sombra, cheia da paz do sono, esses homens entregues à desgraça, e, depois, a aurora se ergueria com o canto rouquenho dos galos, o dia recomeçaria, igual a outro dia, e também sem esperança.

¹ No original, “bayahondes”, espécie de acácia, gênero Cesalpino dos países quentes.

² Planta da família das Poligalácens.

³ Mutirão: Auxílio gratuito a que prestam os lavradores durante a colheita, queima, roçada, plantio, etc. Designação muito comum em Minas Gerais e São Paulo, conhecida em outros estados como adjutório, muxirão, etc.

⁴ Amulher diz: Moço, cuidado; / tome cuidado de não me tocar, hem

⁵ Em terra, / eu pergunto / quem está na choça? / O compadre responde: / Sou eu com minha prima / e chega, hem!

⁶ Já estou dentro / Prá riba, ô / Não há mais touro / O touro passou / Prá riba, ô.

⁷ As palavras grifadas aparecem em espanhol no original francês

Capítulo 2

Disse ao chofer do caminhão:

– Pare.

O chofer olhou-o, espantado, mas reduziu a marcha. Nem uma choupana à vista: estavam a meio da estrada. Não se via senão uma planície de campeches, de acácias e de sarças, pontilhada de cactos. A linha das montanhas estendia-se a leste não muito alta de um cinza violáceo que, à distância, esmaecia, confundindo-se com o Céu.

O chofer freou. O forasteiro desceu, puxou uma sacola, que levou aos ombros. Era alto, negro, com um casaco abotoado até o colarinho, calças de mescla azul, presas às perneiras de couro. Um facão comprido e embainhado pendia-lha da cintura. Acenou com um toque na aba ampla de seu chapéu de palha, e o caminhão arrancou.

Com o olhar, o homem saudou uma vez mais essa paisagem reencontrada: era claro que ele havia reconhecido, sob o tufo dos zimbros, a picada, apenas visível entre esse montão de rochas, de onde emergia o talo das piteiras, coroadas por cachos de flores amarelas.

Aspirou o aroma dos zimbros, mais rescendentes com o calor; sua recordação do lugar estava ligada a esse cheiro picante.

A sacola era pesada, mas ele não a sentia. Segurou a correia que a mantinha sobre o ombro e internou-se na mata.

Se a gente é de um lugar, se a gente nasceu nele com que dissesse nascido – nativo – então, ora, então agente tem nos olhos, na pele, nas mãos – com a cabeleira das árvores, com a carne de sua terra, com os ossos de suas pedras – o sangue de seus rios, o seu céu, o seu sabor, os seus homens e as suas mulheres: uma presença indelével no coração, como a mulher que a gente ama: a gente conhece a fonte de seu olhar, o fruto de sua boca, as colinas de seus seios, suas mãos que se defendem e se entregam, suas pernas sem mistérios, sua força e sua debilidade, sua voz e seu silêncio.

– Upa! – exclamou ele. (Um gato selvagem cruzou de um salto o caminho, entreparou um instante e desapareceu num ruído de folhagem revolta).

Não, ele nada esquecera, e, agora, outro cheiro familiar vinha ao seu encontro: o bafio da fumaça fria do carvão de lenha, quando, da meda, dica apenas um montão de terra dispersa em círculo.

Um valado estreito e pouco profundo abria-se diante dele. Estava seco, e moitas de ervas e toda classe de espinhos invadiam-lhe o leito.

O homem levantou a cabeça para esse pedaço de céu embaciado de tépido vapor, tirou um lenço vermelho, enxugou o rosto e pareceu refletir.

Desceu a picada, afastou alguns seixos, arranhou a areia ardente. Raízes mortas se esfarinharam entre seus dedos, quando, nas bordas do rêgo, examinou a terra granulosa, sem consistência, que escorria como poeira.

– Caramba! – disse ele.

Subiu lentamente do outro lado, com o rosto marcado por uma inquietude que não duraria muito. Estava contente demais neste dia. A água, às vezes, muda de curso, como um cachorro de dono. Vagabunda, quem sabe onde corria naquele momento?

Tomou o caminho de um morro coroadado de palmeiras. Seus leques corroídos pendiam inertes; não havia um sopro para abaná-los, espalmá-los num jogo descabelado de luz brilhante. Para o forasteiro isso equivalia a aumentar a caminhada, mas ele queria abarcar, do alto, toda a região, a planície aberta e,

entre claros das árvores, os tetos de palha, as manchas irregulares dos campos e das roças.

Seu rosto endureceu, empapado de suor. O que via era uma extensão torrada, cuja ferrugem; em parte alguma, o verde que esperava encontrar; aqui e ali, as choupanas, dispersas como cogumelos.

Contemplou além da aldeia, o morro descarnado, carcomido por largas regas alvacentas, onde a erosão lhe pusera os flancos a nu até as rochas. Tentou lembrar os altos carvalhos e em seus ramos, a vida agitada dos deliciosos pombos de raias negras, os mognos banhados de luz obscura, as ervilhas do Congo, cujas vagens secas sussurravam ao vento, os montículos alongados das plantações de batata: tudo isso, o sol havia lambido, abrasado, com sua língua de fogo.

Sentiu-se abatido e como quê atraído. O sol pesava sobre seus ombros como um fardo. Desceu a vertente, retomou a picada batida. Entrou numa savana onde errava, entre moitas de espinhos, em busca da erva escassa, um gado desnutrido. Sobre os cactos altos encarapitavam-se bandos de corvos que, à sua chegada, fugiam em negro redemoinho, crocitando interminavelmente.

Alí ele a encontrou. Levava um vestido azul, ajustado à cintura por uma faixa. As pontas de um xale branco que trazia à cabeça cobriam-lhe a nuca.

Levando sobre a cabeça uma canastra de vime, caminhava rápida, e suas ancas robustas moviam-se ao ritmo do passo largo.

Ao ruído de seus passos, ela voltou-se, deixando ver o perfil de seu rosto, e, sem deter-se, respondeu à saudação com um “bom-dia, sinhô”, tímido e um tanto inquieto.

Como se a tivesse visto no dia anterior –pois estava esquecido dos bons costumes –perguntou-lhe como ia passando.

–Com a graça de Deus, respondeu-lhe.

E ele disse:

–Eu sou daqui, de Fonds Rouge. Faz tempo que fui embora. Espera: na Páscoa vai fazer quinze anos. Estive em Cuba.

– Ah! Sim? –replicou ela, debilmente. Não se sentia tranqüila na presença do forasteiro.

–Quando fui embora não havia esta seca. A água corria na quebrada não muita, é bem verdade, mas sempre o necessário, e, mesmo às vezes, quando a chuva caía nos serros, dava até para uma cheiazinha.

Olhou ao redor.

–Hoje em dia *parece* uma verdadeira maldição.

Ela não respondeu. Reduzira o passo para deixá-lo passar, mas ele lhe deixou livre a picada e pôs-se a andar a seu lado.

Ela dirigiu-lhe de esguelha uma olhadela furtiva.

“É muita liberdade”, pensou, mas não ousou fazer nada.

Caminhando sem olhar para o chão, ele deu uma topada num pedregulho saliente e só se aprumou depois de uns pulinhos bastante ridículos.

– Upa! –Disse ela, estalando de rir.

Viu então que ela tinha belos dentes brancos, olhos francos e a pele preta muito fina. Era uma negra alta e bem feita, e ele sorriu-lhe:

–Hoje é dia de feira? –perguntou.

–Som na Croix-des-Bouquets.

– É uma grande feira. No meu tempo, era na sexta-feira, vinha gente de todo o canto para essa aldeia.

–Você fala de outros tempos como se fosse um velho.

Ela assustou-se logo em seguida, da sua audácia.

Entrecerrando as pálpebras, como se visse à sua frente um longo caminho, disse:

–Não é tanto o tempo que faz a gente envelhecer, são as penas da vida: passei quinze anos em Cuba, quinze anos cortando cana, todo dia. Sim, todo dia, da madrugada ao anoitecer. No começo a gente fica com os ossos do ombro moídos como um bagaço. Mas há uma coisa que faz a gente *aguantar*, que faz agente suportar tudo. Sabe o que é, hem, sabe o que é?

Falava com os punhos cerrados:

–A raiva. A raiva faz a gente fechar a boca e apertar mais o cinto quando se tem fome. Quando a gente fez *huelga* a gente se pôs em linha e cada um estava com a sua raiva como se fosse um fuzil carregado. O ódio é o direito e a justiça da gente. Com ele ninguém pode.

Compreendia mal o que ele dizia, mas dava toda a atenção a esta voz sombria, que pesava as frases, introduzindo nelas, de quando em quando, o brilho de uma palavra estrangeira.

Ela suspirou.

–Jesus, Maria, Virgem Santíssima! Para nós, os infelizes, a vida é uma caminhada sem perdão pela miséria. É assim, meu irmão. Não se tem consolo.

–Na verdade a gente tem um consolo. Eu explico: é a terra, é teu pedaço de terra, feito para a coragem de teus braços, com tuas árvores frutíferas em roda, teus animais no pasto, todas as tuas necessidades ao alcance da mão e da tua liberdade, que só depende da estação, boa ou má, da chuva ou da seca.

–É verdade –afirmou ela –mas a terra não dá mais nada, e quando lhe arrancas por acaso, algumas batatas, alguns grãos de milhete, tu os vendes por um nada no mercado. Por isso, nos dias de hoje a vida é uma penitência, é o que é.

Bordejavam agora os primeiros campos de candelabros. No espaço livre dos campeches, erguiam-se choças miseráveis. O capim batido a sopapos cobria-lhes as paredes com um fraco reboco quebradiço de barro e cal. Diante de uma delas, uma mulher socava grãos num pilão com a ajuda de longa mão de madeira. Deteve-se, suspendendo um golpe de mão, para vê-los passar.

–Comadre Saintélia, bom-dia! –gritou ela do caminho.

–Bom-dia, cunhada Annaíse, como vai sua gente, minha negra bonita?

–Todo o mundo vai bem, minha comadre, e você?

–Não vamos pior, não, só que meu homem é que está de cama, com febre. Mas isso passa.

–Sim, passa, querida, com a ajuda de Deus.

Caminharam um pouco.

–Então, seu nome é Annaíse –perguntou ele.

–Sim, Annaíse é o meu nome.

–Eu me chamo Manuel.

Cruzavam com pessoas do local, com as quais ela trocava longas saudações e, às vezes, se detinha para receber e dar notícias, pois em terras do Haiti assim fazem os bons vizinhos.

Por fim, ela chegou a uma cerca. Via-se, fundo do terreiro, à choça, à sombra dos campeches.

–Fico por aqui.

–Eu também não vou muito longe. Obrigado pela companhia. A gente vai se ver depois, não é?

Ela desviou a cabeça, sorridente.

–Pois se eu vivo com quem diz parede-meia contigo.

–É verdade? Onde?

–Ali embaixo, na curva do caminho.

Com certeza você conhece Bienaimé e Délira: sou o filho deles.

Ela quase arrancou a mão que ele segurava, o rosto descomposto por uma espécie de cólera dolorosa.

–*Hé, qué pasa?* –exclamou ele.

Mas ela já atravessava a cerca, com pressa, sem voltar-se.

Manuel permaneceu uns minutos imóvel. “Que moça esquisita, compadre –disse de si para si, sacudindo a cabeça –por um momento sorri com estima para a gente e depois, num abrir e fechar de olhos, foge sem nem sequer um até a vista. Nem o diabo é capaz de entender as mulheres”.

Para serenar o espírito, acendeu um cigarro e tragou profundamente o fumo acre que lhe recordava Cuba, a imensidão dos campos de cana, estendida de um horizonte a outro, a usina da central açucareira, o barracão fétido onde dormiam como um rebanho, ele e seus camaradas de infortúnio, depois de uma jornada exaustiva.

Logo que entrou no pátio, um cãozinho hirsuto acorreu ladrando com raiva. Manuel fez um gesto de agachar-se, apanhar e atirar-lhe uma pedra. O cachorro fugiu, de rabo encolhido, ganindo desesperadamente.

– Quietos, quietos, sai! –disse a velha Delira, saindo da choça.

Protegia os olhos com a mão para ver melhor o forasteiro que chegava. Ele aproximava-se e, à medida que avançava, uma luz deslumbrante crescia em sua alma.

Sentiu um impulso empurrá-la para ele, mas seus braços voltaram a cair ao longo do corpo e ela cambaleou, transtornada.

Ele a estreitou contra si.

De olhos fechados, ela apertava seu rosto contra o peito dele e, com a voz mais débil do que um sopro, murmurava:

–Meu filhinho, ai, meu filhinho!

Entre as pálpebras murchas, as lágrimas corriam. Ela se entregava, com todo o cansaço dos anos intermináveis de espera, sem forças para a alegria nem para a amargura.

Com a surpresa, Bienaimé deixara cair o cachimbo.

Apanhou-o e limpou-o cuidadosamente no blusão.

– Dá cá a mão, rapaz –disse. Ficaste muito tempo por lá; tua mãe rezou muito por ti.

Contemplou o filho, com os olhos anuviados de lágrimas, e acrescentou em tom resmungão:

– Mas, ainda assim, podia ter avisado que chegavas, mandando alguém adiante com um recado.

A velha quase morre do choque. Tu de fato não tens modos, meu filho.

Sopesou a sacola.

–E vens mais carregado do que um jumento.

O velho tentou tomar a sacola, dobrou-se-lhe ao peso, e pouco faltou para que a deixasse cair. Manuel segurou-a pela correia:

–Deixe, papai, está pesada.

–Pesada? –protestou Bienaimé, confuso. Na tua idade eu carregava outras e muito mais pesadas. A mocidade de hoje não presta, não tem coragem, não vale nada, é o que te digo.

Procurou nos bolsos algo para encher o cachimbo.

–Tens fumo? Nesse lugar de onde vens dizem que fumo é como sarça nos nossos morros. Malditos sejam esses espanhóis. Carregam os filhos da gente anos e anos e, quando eles voltam, nem têm consideração com os pais! Por que estás rindo? Vejam só, ainda ri, o sem-vergonha!

Indignado, pedia o testemunho de Délira.

–Mas papai... –disse Manuel, contendo o riso.

–Nada de “mas papai”. Perguntei se tinhas fumo; podes dar uma resposta, não?

–É que não me deste tempo, papai.

–Que é que queres dizer com isso? Que eu falo o tempo todo, não é? Que as palavras correm de minha

boca como água através de coador, hem?

Não respeitas teu próprio pai?

Com um sinal, Délira tentava acalmá-lo, mas o velho fingia estar furioso, comprazendo-se nisso:

– E, depois, perdi a vontade de fumar; tu me contrariaste demais, mesmo no dia da tua chegada.

Mas, como Manuel lhe estendesse um charuto, tomou-o, cheirou-o com veneração, fez uma falsa careta de desagrado:

– Isso presta? Eu, eu só gosto de charutos bem fortes.

Em busca de um tição, meteu-se pelo alpendre coberto de palha que servia de cozinha.

– Não faças caso –disse Délira, tocando o rosto de seu filho com um gesto de tímida adoração –ele mesmo é assim; é a idade. Mas tem bom coração, isso tem.

Bienaimé voltou. Tinha agora a cara em boa forma.

–Obrigado, meu filho, como charuto, é dos

melhores. Eh! Délira, que é que fazes aí, agarrada no rapaz como uma trepadeira?

Aspirou profundamente o fumo, contemplou o charuto com admiração, cuspiu longe:

–Com os diabos. É um charuto mesmo, bem, merece o nome. Vamos, meu filho, tomar uma coisinha para a emoção.

Manuel encontrou a choupana fiel à sua memória: a estreita varanda balaustrada, o solo coberto de seixos batidos, as velhas paredes esburacadas.

Tem, agora, o olhar de outros tempos, um olhar do qual se desvaneceu a onda amarga dos canaviais e da tarefa de cada dia, para a fadiga sem fim do corpo estafado.

Senta-se. Está em sua casa, com os seus, retornado ao seu destino: essa gleba rebelde, com suas terras sedentas e, sobre a colina, a crina áspera das plantas, erguidas contra o céu implacável como um cavalo empinado.

Toca o velho aparador de carvalho: “bom-dia, bom-dia, eu voltei”, sorri para a mãe, que enxuga a louça: o pai está sentado, com as mãos sobre os joelhos e o contempla: esquece de fumar o charuto.

–A vida é a vida –disse, por fim, sentenciosamente.

“Sim, é bem certo”, pensa Manuel. “A vida é a vida; em vão a gente toma atalhos ou dá longas voltas: a vida é um contínuo retorno. Dizem que os mortos voltam à Guiné, e mesmo a morte não passa de outro nome para a vida. O fruto apodrece na terra e nutre a esperança da nova árvore.”

Quando, debaixo das cacetadas dos Guardas Rurais, sentia os ossos estalar uma voz inflexível lhe soprava ao ouvido: “estás vivo, estás vivo, morde tua língua, engole teus gritos, porque és um homem de verdade, com o que é preciso e onde for preciso. Se morres, tuas sementes produzirão uma colheita invencível”.

“Haitiano maldito, negro de *mierda*” rugiam os guardas. Já não sentia a dor das pancadas. Através de uma névoa sulcada de choques fulgurantes, Manuel ouvia, como um manancial de sangue, o rumor inesgotável da vida.

– Manuel?

Sua mãe lhe servia uma bebida.

– Tens o ar distraído do homem que vê lobisomens de dia, disse Bienaimé.

Manuel engoliu de um trago a bebida.

O álcool perfumado da canela lambeu-lhe o vazio do estômago com sua língua abrasadora e precipitou-lhe nas veias seu ardor.

– Obrigado mamãe. É uma “branquinha” da boa. Como esquentar...

Bienaimé bebeu por sua vez, derramando antes algumas gotas no solo.

– Esqueceste o costume – censurou. Não tens mais respeito pelos mortos; eles também tem sede.

Manuel sorriu:

– Oh! Eles não têm medo de apanhar um resfriado. Suei muito e minha garganta estava tão seca que eu só cuspi poeira.

– Não te falta malcriação e isso é de negro besta.

Bienaimé tornava a se apoquentar, mas Manuel levantou-se e pôs-lhe a mão no ombro:

– Parece que não estás contente de me ver de novo.

– Eu? Quem disse isso?

A emoção fazia o velho gaguejar.

– Não, Bienaimé – fez Délira, apaziguando – ninguém disse isso. Não, meu velho, tu estás contente e satisfeito. Aqui está nosso filho. O bom Deus nos deu sua bênção e seu consolo. Deus seja louvado Jesus, Virgem Santíssima, louvados os meus santos, três vezes louvados, amém.

Chorava. Seus ombros moviam-se debilmente.

Bienaimé fez-se ouvir com voz clara.

– Vou avisar a vizinhança.

Manuel rodeou a velha com seus longos braços musculosos.

– Basta de sofrimento, mamãe, sou eu que estou pedindo. De hoje em diante estou aqui para toda minha vida. Todos estes anos, vivi como muda arrancada, solta na corrente de um grande rio; fui à toa por terras alheias; vi a miséria cara-a-cara; lutei contra a maré, até achar de novo o caminho de casa.

Agora fico de uma vez.

Délira enxugou os olhos:

– Ontem à tarde, estava sentada aqui mesmo; o Sol tinha-se posto, a escuridão tinha baixado; um passarinho no bosque gritava sem parar; tive medo de uma desgraça e pensei: será que vou morrer sem tornar a ver Manuel? É que estou velha, meu filhinho, sinto dores, o corpo não presta mais para nada, nem a cabeça também. E além disso, a vida é tão difícil! Outro dia estava dizendo a Bienaimé, eu disse a ele: Bienaimé, que é que vamos fazer? A seca nos engoliu; tudo morre: os animais, as plantas, os filhos de Deus. O vento não empurra as nuvens, é um vento excomungado, que arrasta a asa no chão, como as andorinhas, levantando um redemoinho de poeira; olha como ele corrupia no chão. Da manhã à noite, nem uma gota de chuva no céu. Será que o bom Deus se esqueceu da gente?

– Deus não tem nada com isso.

– Não diga essas coisas, meu filho, não sejas herege.

Atemorizada, a velha Délira persignou-se.

– Não estou dizendo bobagens, mamãe. Há coisas do Céu e coisas da Terra: são diferentes, não são as mesmas coisas. O Céu é dos anjos; eles são bem aventureiros, não precisam tratar do que comer e beber. E, com certeza, há anjos negros para fazer o trabalho pesado de lavar as nuvens ou varrer a chuva, e introduzir a limpeza do sol depois do temporal depois que os anjos brancos cantam como rouxinóis todo santo dia, ou tocam as cornetinhas, como a gente vê nas imagens da igreja. Mas a Terra é a luta do dia a dia. Uma batalha sem descanso; lavrar, plantar, limpar, regar até a colheita, e então se vê o campo da gente maduro se dobrar no vento da manhã, de baixo do orvalho, e a gente diz: eu, fulano, sou dono do orvalho, e o orgulho no coração da gente. Mas a terra é como uma boa mulher: de tanto ser maltratada, ela se revolta, eu vi que aqui puseram os morros nus. A terra está toda nua, sem proteção. São as raízes que fazem a amizade com a terra, não deixam que se vá; são as mangueiras, os azinheiros, os mognos que dão a água das chuvas à sede da terra e a sua sombra contra o calor do meio-dia. E assim, é o único jeito, de outra maneira a chuva escama a terra e o sol resseca tudo: não ficam senão pedras. Digo com consciência: Não é Deus que abandona o negro, é o negro que abandona a terra e recebe seu castigo: a seca, a miséria, o desconsolo.

– Não quero ouvir mais nada – disse Délira, sacudindo a cabeça. O que dizes parece verdade, e a verdade talvez seja pecado.

A vizinhança chegava, eram os colonos: Fleury Fleurimond, Riché Dieuville, Louis Sant-Julien, Laureore Laurélien, Éliacin Joachin, Celhomme Lhérisson, Jean Jacques Dorélien, Clairemisse e Mérilie.

– Primo – disse um – andaste fora um tempão.

– Irmão – disse outro – que alegria em te ver!

E um terceiro o chama cunhado, e todos lhe tomam a mão entre suas grandes mãos calosas de trabalhadores da terra.

Destine o saúda com uma reverência:

– Não é para censurar, mas Délira se roia por dentro, a pobre.

E Clairemisse o abraça:

– Somos da família; Délira é como minha tiazinha. Outro dia eu lhe contava um sonho. Via um homem negro, um homem muito velho. Estava em meio a estrada, ali onde cruza com o caminho das Palmeiras, e me disse: “Vá procurar Délia”. O resto não ouvi, os galos cantavam, acordei. Talvez fosse o “Papai Legba”¹.

– Quem sabe se era eu – disse o acompanhador Antoine. – Sou velho e negro, mas as mulheres ainda gostam de mim. Elas sabem que o melhor caminho se vence com o bordão velho.

Elas até sonham comigo.

– Chega – disse Clairemisse. – já estás com um pé na cova e ainda vives aceso.

O acompanhados respondeu com uma gargalhada.

Estava agora alquebrado e vacilante, como uma árvore de raiz apodrecida, mas afiava a língua o dia inteiro nos mexericos das reputações e era capaz de enfiar um montão de histórias e de boatos sem poupar saliva.

Olhou Manuel com uma chispa de malícia no rabo de olho e disse, pondo a nu os seus poucos dentes abalados.

– Sem faltar ao respeito, o ditado diz: “Pedra que rola não cria limo”², mas que o raio me para em dois se esse não é um negro bem desempenado!

– Aí está ele, no meio dos outros, sempre a dizer bobagens –reprovou–lhe Destine. –E ainda por cima com pouca vergonha. Mal educado!

Sim, disse Bienaimé com orgulho, é um negro de boa estampa. Teve a quem puxar: a idade me encolheu, mas no tempo de moço eu era um palmo mais alto que ele.

– Délira –interrompeu Mérillie –Délira querida, vou te fazer um chá contra a vertigem. Hoje tiveste um dia cheio.

Mas Délira contemplava em Manuel a frente dura e polida como uma pedra negra, a boca de corte voluntarioso, que contrastava com a expressão velada e com o distante dos olhos. Uma alegria um tanto dolorosa mexia em seu coração, como se fosse um filho em seu ventre.

– Muito bem –Começou Laureore Laurélien, um lavrador atarracado, de fala e de movimentos lentos; quando falava cerrava os punhos, como para reter o fio das palavras. –Ora muito bem, dizem que nestas terras de Cuba falam uma língua diferente da nossa, por assim dizer, uma gíria. Dizem, também, que falam tão depressa que por mais que se abra a orelha não se entende nada de nada, como se tivessem montado cada palavra sobre as quatro rodas de uma carreta a toda pressa. Tu falas essa língua?

– Claro –respondeu Manuel.

– E eu também –gritou o acompanhador. Acabava de beber trago sobre trago, dois copos da “branquinha” –Atravessei muitas vezes a fronteira: esses dominicanos são gente como nós, só que tem uma cor mais vermelha que os negros do Haiti, e as mulheres são mulatas de crina grande. Conheci uma

dessas vadias, estava bem gorda, a dizer verdade. *Antônio*, pois é, *Antônio*, era assim que ela me chamava. Pois bem, mal comparando com as mulheres daqui, ela não ficava devendo nada.

Tinha de um tudo e de boa qualidade. Pode até rogar uma praga, mas depois tenho que ver com Destine. Querida Destine, não é língua que vale, não, o resto é que conta, podes crês.

Sufocou uma tossezinha pícara.

– Não sou tua querida e tu és um vagabundo, um homem sem brio.

Destine estava fora de si, mas todos se puseram a rir:

– Puxa, esse Antoine...

A garrafa da “branquinha” torneia em roda. Torneia em roda. Manuel bebe, mas observa os vizinha, decifrado-lhes nas rugas do rosto a marca implacável da miséria. Eles o rodeiam; estão descalços e pelos rasgões de suas roupas remendadas aparece a pele seca e terrosa. Todos levam o facão à cintura – por habito, sem dúvida –pois qual trabalho se oferece, agora, a seus braços desocupados? Cortar um pouco de madeira para reparar as cercas das roças, abater alguns campeches para o carvão, que as mulheres levarão em lombo de burro ao vilarejo. Era com isso que prolongavam a existência faminta, acrescentando-lhe a venda de aves e, aqui e ali, uma bezerra magra, cedida a baixo preço no mercado de Pont Beudet.

Mas, no momento, pareciam ter esquecido a dura sorte: reconfortados pelo álcool, riam da falação inesgotável de Antoine:

– Meus amigos, sou eu mesmo quem diz, tenho lá o costume de mentir? –pois eu digo que essa negrinha, essa “donzela” Heloíse está cada vez mais gordinha. É o que acontece quando elas dão de brigar de ver quem ganha, com a rapaziada da vizinhança.

No meu tempo, essa questão de moças, ah, era uma complicação, um embrulho. Era preciso ter manhas, fingimentos, conversar direito, enfim tudo quanto é macaquice e rapapés, e, no fim das contas, a gente estava pescado de fato e amarrado como um caranguejo; era construir choupana, comprar móveis, sem falar da louça. Lembro-me bem de mana Mélie. A diaba era capaz de tacar fogo em uma pia de água benta.

Uma pele negra, sem manchas, graças a Deus, uns olhos com pestanas de seda e compridas como caniços à beira de uma lagoa, os dentes feitos de propósito para a luz do Sol, e roliça por todos os lados, bem gorduchinha, como eu gosto. A gente olhava para ela e ficava com um gosto de pimenta na boca. Caminhava com um remeleixo do diabo, era uma dança para perdição da alma, bolia na gente até a moela. Uma tardinha, dou com mana Mélie voltando da fonte, perto da roça de milho do compadre Cangé. O Sol ia-se pondo, já era no lusco-fusco. No caminho, ninguém. Conversa vai, conversa vem, peguei na mão de mana Mélie: ela baixou os olhos e disse só isto: “Ó Antoine, tu não tens modos, hem, Antoine?”.

Naquela época, a gente tinha mais maneiras que os negros de hoje, a gente tinha instrução. Então meti meu francês: “Senhorita, depois que a vi na galeria do presbitério tive um transporte amoroso. Já cortei as peças, as vigas e a palha para levantar essa casa que será sua. No dia de nosso casamento os ratos vão sair dos buracos, e os cabritos de mana Minnaine virão balir em nossa porta. Então, para firmar o nosso pacto de amor, senhorita, peço-lhe permissão para um pequeno atrevimento”. Mas mana Mélie me retirou sua mão, os olhos dela fuzilaram e me respondeu: “Não senhor, quando a mangueira florescer e o café amadurecer, quando o mutirão atravessar o rio ao som dos tambores, então, se o senhor for um homem sério, ai conhecer meu pai e minha mãe.” Para comer, é preciso sentar à mesa, para ter a mana Mélie, tive que me casar com ela. Era uma boa mulher, já está morta há muito tempo. Repouso eterno para ela, assim seja.

E de um só trago bebeu um cálice da “branquinha”. Todos desandaram em gargalhadas.

– Ah! Canalha! – murmurou Destine, crispando os lábios com desprezo.

Mas Laureore Laurélien, com uma espécie de atenção paciente em seu rosto plácido, interrogou Manuel:

– Bem, vou agora fazer outra pergunta: Eles tem água?

– Em quantidade *viejo*. A água corre de um lado a outro da plantação. E dá uma cana que é uma beleza, e com mais rendimento que nossa cana crioula.

Agora todos prestavam atenção:

– A gente caminha daqui até a vila não vendo senão água, cana por todos os lados, salvo, de quando em quando, uma palmeira sem importância, como uma vassoura esquecida num canto.

– Então tu dizes que eles têm água –disse Laurélien pensativo.

E Riché Deuville perguntou:

– E de quem é essa terra e toda essa água?

– De um branco americano, Mister Wilson, que esse é o nome dele. E a usina também e tudo o mais em roda é dele.

– E os colonos, há colonos como nós?

– Queres dizer, com um pedaço de terra, aves, algumas reses? Não, só trabalhadores para cortar cana a tanto por dia. Só tem a coragem nos braços, nem um punhado de terra, nem uma gota d’água, senão o suor do rosto. E todos trabalham para Mister Wilson, e esse Mister Wilson fica sentado no jardim de sua bela casa, debaixo do guarda-sol, ou então brinca com outros brancos de jogar de lá para cá uma bola branca, com uma espécie de pá de apanhar lixo.

– Ah! – disse o acompanhador, desta vez amargamente – se o trabalho fosse coisa boa, há tempos que era só para os ricos.

– É isso mesmo, Antoine – aprovou Louis Saint-Julien.

– Deixei milhares e milhares de haitianos do lado das Antilhas. Vivem e morrem como cães. *Matar a um haitiano o a um perro*, matar um haitiano ou um cachorro é a mesma coisa, dizem os homens da polícia rural: umas verdadeiras feras.

– É um desafio – exclamou Célhomme Lhérisson.

Manuel permaneceu em silêncio por um instante.

Relembrava certa noite. Estava a caminho da reunião clandestina.

Preparava-se a greve. *Alto*, gritou uma voz. Manuel pusera-se a um lado, confundindo-se com as trevas. Apesar do rumor fremente do vento por entre o canavial, percebia, não longe de si, uma respiração excitada. Invisível, encolhido, as mãos prontas, esperava. *Alto! Alto!* – repetiu a voz, nervosamente. Uma luz fraca sulcou a noite. De um salto, Manuel agarrou o revólver e dobrou o punho do guarda. Rolaram pelo solo. O homem quis gritar por socorro; Manuel, com uma coronhada, quebrou-lhe os dentes e golpeou-o várias vezes, até mergulhar sua arma no mole.

A lembrança fê-lo suspirar de satisfação.

– Sim – disse o acompanhador – assim é, e é uma injustiça. Os desgraçados trabalham ao sol e os ricos gozam à sombra; uns plantam, outros colhem. Na verdade, nós do povo somos a panela em que se faz toda a comida; ela suporta a dor de ficar sobre o fogo, mas quando a comida está pronta, a gente diz para a panela: tu não vens para a mesa, porque sujarás a toalha.

– É uma justa verdade – gritou Riché Dieuville. Uma tristeza pesada caía sobre os colonos. A segunda garrafa de “branquinha” estava vazia. Tinham voltado ao tema da sua condição e aos pensamentos que os atormentavam: a seca, os campos devastados, a fome.

Laureore Laurélien estendeu a mão a Manuel:

– Vou indo. Toma um descanso depois dessa viagem tão comprida. De uma outra vez quero conversar contigo sobre este país de Cuba. Então até a vista, adeus.

– Adeus, *compadre*.

Um após outro saudaram Manuel e saíram da choupana, repetindo:

– Prima Délira, adeus, sim? Mano Bienaimé, adeus, sim?

– Adeus, vizinhos – respondiam os velhos – e obrigado pela atenção.

Na porta, Manuel os via desaparecer pelos caminhos que, através do bosque, conduziam a suas choupanas.

– Deves estar com muita fome – disse a mãe. Vou preparar a comida: não temos muita coisa, fica sabendo.

Acocorou-se debaixo do teto de folhas de palmeiras, diante de três pedras enegrecidas, acendeu o fogo, avivou pacientemente a chama nascente, abanando-a com a palma da mão.

“Há luz em sua frente”, pensava extasiada.

O Sol declinava no céu: não estavam longe da Ave-Maria, mas uma onda de calor carregada de pó persistia no horizonte dos campeches.

¹ Deus afro-haitiano, divindade dos caminhos

² No original: *Pissé qui gaillé, pas cumin*, provérbio do crioulo haitiano, que ao pé da letra quer dizer “mijo disperso não espuma”.

Capítulo 3

– Deve estar chegando o dia – pensou Manuel.

Por debaixo da porta esgueirou-se, com um ligeiro friozinho, a claridade confusa da alva. Ouvia o canto agressivo dos galos no pátio, o bater de asas e o cacarejar atarefado das galinhas.

Abriu a porta. O céu, banhado da noite, empalidecia no oriente, mas o bosque, ainda adormecido, repousava em massa de sombras.

O cachorrinho o recebeu zangado e, mostrando os dentes com rancor, grunhia sem cessar.

– Que cachorro aborrecido, cachorro que dá raiva! – exclamou a velha Délira, espantando-o com a voz e um gesto.

Já estava ocupada, a esquentar o café.

– Tu te levantaste cedo, meu filho. Dormiste bem?

– Bom-dia, mamãe, sim? Papai bom-dia.

– Como vais, meu filho! – respondeu Bienaimé.

Mergulhava um pedaço de beiju de mandioca em seu café.

Délira ofereceu uma bacia de água fresca a Manuel, que lavou a boca e os olhos.

– Não dormi – queixava-se Bienaimé. – Não, não dormi bem. Acordei no meio da noite e fiquei dando voltas de um lado para o outro até amanhecer.

– Quem sabe não foi de alegria? – observou Délira, sorridente.

– Que alegria? – perguntou o velho. – O mais certo é ter sido pulga.

Enquanto Manuel bebia seu café, uma vermelhidão por cima do morro subia e alastrava. Com a luz, o campo com sua vegetação encarapinhada ganhava forma precisa, dilatando-se até o limite indeciso onde a alvorada se desprendia, lentamente, do abraço confuso da noite.

No bosque, as galinhas–d’angola selvagens lançavam seus veementes cacarejos.

“Contudo, a terra é boa – pensava Manuel – o morro está perdido, é certo, mas a baixada pode dar ainda uma boa quantidade de milho, de milhete, toda classe de alimentos. O que faz falta é a rega”.

Como num sonho, via a água correndo nos canais, qual rede de veias conduzindo a vida até o mais profundo da terra; as bananeiras inclinadas sob a carícia macia do vento, as espigas cabeludas do milho, as quadras de batatas estendidas nas roças; toda essa terra chamuscada ressurgia com as cores da verdura.

Voltou-se para o pai:

– E a fonte de Fanchon?

– A fonte de Fanchon, o quê?

Bienaimé metia no cachimbo o que restara do charuto da véspera.

– Falo da água.

– Está seca como a palma da minha mão.

– E a fonte de Lauriers?

– Meu negro, tu és teimoso. Nem uma gota, ali também. Só ficou o pântano de Zombi, mas é uma lagoa de mosquitos, água podre como cobra morta, enrolada, tão grossa que não pode correr.

Manuel ficou em silêncio; uma prega obstinada contraía-lhe a boca.

Bienaimé arrastou sua cadeira para a cabaceira e sentou-se; apoiando-a no tronco. Estava voltado para o caminho, por onde passavam colonos, conduzindo seus raquíticos animais de carga.

“Eh, burrinho, eh” – gritos ásperos elevavam-se na calma matinal.

– Mamãe, como vai viver?

– Com a graça de Deus – murmurou Délira.

E acrescentou, tristemente:

– Mas não há misericórdia para os infelizes.

– A resignação não adianta nada.

Manuel sacudiu a cabeça com impaciência.

– A resignação é uma traidora; é o mesmo que o abandono. A gente fica de braços quebrados, esperando os milagres e a Providência, de rosário na mão, sem fazer nada. A gente reza pela chuva, reza pela colheita, diz oração dos santos e dos “loa”¹.

Mas, fiques sabendo, a Providência é o negro não aceitar a desgraça, estar disposto a dobrar dia a dia a má-vontade da terra, obrigar a água caprichosa a fazer o que se quer; aí, a terra chama a gente: patrãozinho, e a água também: patrãozinho, não há outra Providência que o seu trabalho de lavrador sério, outra milagre que o fruto de suas mãos.

Délira olhou para ele com uma ternura inquieta:

– Tens a língua fácil e andaste por países estrangeiros. Aprendeste coisas que estão fora do meu entendimento: não passo de uma pobre negra tola. Mas és injusto com o bom Deus. Ele é o Senhor de todas as coisas: ele muda as estações, o fio da chuva e a vida das suas criaturas. Ele é quem dá luz ao Sol, quem acende as velas das estrelas; ele chama o dia e faz a grande noite; ele dirige os espíritos das fontes, do mar e das árvores: “Papai Loco”

“Senhor Auguê”, diz ele, estão-me ouvindo? E “Loco-atisô” responde: “Seja feita a vossa vontade”; e “Agueta-Uoiô” responde: “Amém”. Já esqueceste dessas coisas?

– Há tanto tempo não ouvia ninguém falar nelas, mamãe.

Manuel sorria e Délira, desconcertada, suspirou:

– Ai, meu filho, isso é que é a verdade, não é?

Agora era pleno dia. O sol, de um vermelho colérico, abrasava a crista dos morros. As marcas da erosão destacavam-se com dura clareza, e os campos apareceram em sua plena nudez. Na savana, os bois, fustigados pelos moscardos, mungiram longamente. O fumo das caieiras dos carvoeiros flutuava por sobre os campeches.

Manuel foi buscar seu facão.

– Vou dar uma volta, por aí, mamãe.

– Para que lado?

– Por lá.

Fez um gesto vago em direção das colinas.

– Vou-te esperar; não te distraias demais pelo caminho, meu filho.

Vendo-o dirigir-se para o bosque, Bienaimé resmungou:

– Mal chega e já se põe a vagabundar.

Manuel atravessava o bosque, ainda em sombras. As ramagens inclinavam-se sobre o caminho bordado de cactos. Mas ele se lembrava: depois de dar voltas, por um lado e por outro, o caminho desembocaria num vale estreito, onde Bienaimé, noutros tempos, preparara um pedaço de terra para algodão, depois, pela chanfradura do morro, subiria até a nascente.

Espantou um bando de galinhas-d’angola, que sobrevoou ruidosamente um cerrado de campeches: “Poderia tentar agarra-las, mas as galinhas-d’angola são mais astutas do que a rola e a verdelha”. Sentia-se cheio de alegria, apesar do pensamento obstinado que o obcecava. Tinha desejos de cantar uma saudação às árvores: “Plantas, ó minhas plantas, eu vos digo: minhas homenagens; e vós me dareis a senha: respeito, para que assim eu possa passar. Sois meu lar, sois minha terra. Plantas, eu vos digo:

liamas de meus bosques, estou plantado nesta terra, estou ligado a esta terra. Plantas, ó minhas plantas, eu vos digo: minhas homenagens; respondi-me: respeito, para que eu possa passar”.

Recobrava esse passo dos negros da planície, largo e quase negligente, mas de boa marcha; às vezes abria caminho com um rápido golpe de facão, e cantarolava ainda, quando chegou a uma clareira. Um trabalhador levantava aí o balão de sua caieira. Era um negro socado, como que batido num pilão. Suas mãos enormes pendiam da extremidade dos braços como tufo de raízes. Os cabelos desciam sobre a testa em pequenos caracóis enrodilhados e irregularmente distribuídos.

Manuel o saudou, mas o outro, sem responder, fixou-se atentamente; sob as sobrancelhas salientes seu olhar agitava-se, como o de um animal acochado em terreno de moitas de espinhos.

Por fim disse:

– És o negro que voltou ontem de Cuba?

– Sou eu mesmo.

– És o filho de Bienaimé?

– Sou eu mesmo.

Com os olhos apertados até deixar ver senão uma chispa ardente, o colono encarou Manuel; depois, com uma lentidão calculada, voltou-lhe as costas, cuspiu e se pôs de novo a armar o balão.

Manuel debatia-se entre a surpresa e a raiva. Um segundo mais desse fio vermelho em seus olhos, e teria respondido à insolência do vizinho com golpes de facão sobre o crânio; mas dominou-se.

Continuou seu caminho, ruminando a cólera e mal-estar. “El hijo de la madre...” Mas o que é que se passava. Relembrava a brusca mudança de atitude de Annaíse. “Em tudo isso alguma coisa não está clara.”

O vale estendia-se ao pé do morro. As águas, precipitando-se das alturas, haviam-no sulcado de regos e, pela vertente, sua terra lavada fora perder-se na distância. As pedras, como ossos, perfuravam-lhe a pele esquelética, e os zimbros, que são entre as plantas como aranhas recobertas de espinhos, o tinham invadido.

Manuel seguiu pelo flanco do morro. Subia em meio ao fogacho do sol. Lançou apenas um olhar para a planície, de cor enfermiça, com a crina acinzentada de seus campeches, com o leito seco do riacho, mostrando ao sol suas longas filas de calhaus. Deu a volta pelo caminho que, de viés, torna a descer para a falda de onde brotava, outrora, a fonte de Fanchon.

As lajes de pedra polidas pela água soaram sob seus passos. Vira-as recobertas de musgo úmido; lembrava-se da água pura, seu gorjeio sonoramente empostado, sem começo nem fim, e o sopro do vento, entrecortado pelas correntes de ar, como um lençol molhado. Vinha de longe a nascente, pensava Manuel, vinha das próprias entranhas do morro, caminhava secretamente, filtrando-se com paciência na obscuridade, para aparecer, por fim, na brecha da colina, livre do limo, clara e fresca como um olhar de cego.

Encontrou apenas uma cicatriz de cascalhos e arranha-gatos e, mais adiante, ali onde começava o leito do vale, blocos de rochas que, tendo rolado do morro, repousavam como gado manso à beira de uma clareira.

Desejara ver a situação e, com efeito, via agora; quanto à fonte de Lauriers, devia ser a mesma coisa: um buraco de lama ressecada, eis tudo. Seria preciso, então, resignar-se a perecer lentamente, afundar-se sem remédio no atoleiro da miséria e dizer à terra adeus, renunciar? Não, atrás dos morros havia outros morros, e queria morrer se não escavasse as veias das quebradas com suas próprias unhas, até encontrar água, até sentir nas mãos a sua língua úmida.

– Compadre, não viste uma jumenta ruça por estas paragens?

Era a voz de Laurélien.

– A maldita rompeu o cabresto.

Desceu, pesadamente, a vertente, na direção de Manuel.

– Então, estás voltando a tomar conhecimento da terra, irmão?

– Ouvir e ver são duas coisas diferentes – respondeu Manuel – e por isso que vim aqui, esta madrugada.

Não saía de minha cabeça, não saía, que podia ser que restasse um fiozinho escondido; às vezes se dá que a água some no fofo da areia e, assim, escorre até encontrar o duro, com o que prossegue seu caminho pelo fundo da terra.

Arrancou com o facão um torrão endurecido, quebrando-o contra uma pedra. Estava cheio de raminhos e detritos de raízes secas, que se esfarinhavam entre seus dedos.

– Olha: não há mais nada; a água está esgotada até as entranhas do morro. Não vale a pena ir procurar mais longe, porque é inútil. E, com repentina cólera:

– Mas, por que, diabos, vocês abateram a mata: os carvalhos, os mognos e tudo o que crescia lá em cima? Negros sem consciência, negros estabanados!

Laurélien lutou por um momento com as palavras:

– Que é que você quer, meu irmão... Derrubou-se para lenha, cortou-se para o madeiramento e as cumieiras das choças, arrancou-se para fazer cercas das roças, ninguém sabia de nada: a ignorância e a necessidade andam juntas, não é mesmo?

O sol raspava o dorso escorchado do morro com suas unhas resplandecentes; a terra resfolegava através de seus poros sedentos e a região começava a esquentar-se no torno da seca.

– Está ficando tarde – disse Laurélien. – Minha jumenta está correndo por aí; está no cio, e tenho medo de que a sem-vergonha se deixe cobrir pelo alazão cambaio do compadre Dorismond.

Galgaram, juntos, a encosta.

– Amanhã, se Deus quiser, vais à rinha?

– Se me der na vontade – respondeu Manuel.

Estava preocupado apenas com uma coisa e isso o irritava. Laurélien o sentiu confusamente e guardou silêncio. Chegando ao lugar onde o caminho se bifurcava para cima e para baixo, Manuel parou:

– Laurélien – disse – vou falar com franqueza contigo, compadre. Escuta, por favor, escuta bem. Isso de água é a vida ou a morte para nós, a salvação ou a perdição. Passei parte da noite sem dormir: estava sem sono e sem sossego, de tanto pensar. Eu imaginava: Manuel, como sair dessa miséria? Quanto mais bolia a coisa em minha cabeça, mais via que só tinha um caminho de boa direitura: é preciso descobrir a água. Cada negro tem sua certeza, não é mesmo? Pois bem, aqui está o meu juramento: vou encontrar a água e botar nela o cabresto de um canal, para que ela desça até a planície. Quem jura sou eu, eu mesmo, Manuel Jean-Joseph.

Laurélien contemplava-o com os olhos esbugalhados.

– E que vais fazer?

– Espera e verás. Mas por enquanto fica tudo entre nós, é um segredo nosso.

– Que a Virgem Santíssima me fure os olhos se eu disser uma palavra.

– Muito bem; e se eu precisar de tua ajuda posso contar?

– Conta comigo – afirmou solenemente Laurélien.

Apertaram-se as mãos.

– De acordo? – fez Manuel.

– De acordo.

– De verdade?

– Três vezes de verdade.

Quando Manuel descia a elevação, Laurélien ainda gritou:

- Ô compadre Manuel!
- Que mandas, compadre Laurélien?
- Amanhã pode apostar em meu galo: não há outro mais valente.

Manuel costeou o bosque; a derruba antiga o havia comido pelas bordas, mas agora recuperava seus direitos com o crescimento tenaz dos cactos arborescentes eriçados de agulhas, suas largas folhas carnudas, insensíveis ao movimento do ar, grossas e lustrosas como a pele dos jacarés.

Quando chegou em casa, o céu cinzento–escuro pesava como uma carapaça de fogo sobre a copa das árvores. A choça, apoiada contra a ramagem, parecia abandonada desde época imemorial. Bienaimé cochilava sob o cabaceiro. A vida estava desgarrada, paralisada em seu curso: o mesmo vento varria os campos em lufadas de pó; além da savana, o mesmo horizonte barrava os olhos a toda esperança. Remendando um trajeto mil vezes surrado, a velha Délira ruminava, atormentada, os pensamentos de cada dia: a reserva de víveres diminuía, já se ervilha. Ai! Virgem Maria, não era culpa sua, ela havia cumprido com seu dever e tomara suas precauções, segundo a velha sabedoria. Antes de semear o milho, ao despontar do dia, diante do olho vermelho e vigilante do Sol, dissera ao Senhor Jesus Cristo, voltada para o levante, aos Anjos da Guiné, voltada para o sul, aos Mortos, voltada para o poente, aos Santos, voltada para o norte, ela lhes dissera, lançando os grãos nas quatro direções sagradas: Jesus Cristo, Anjos, Mortos, Santos: eis o milho que vos dou; dai-me em troca a força de trabalhar e a satisfação de colher. Protegei-me contra as doenças e a minha família também: a Bienaimé, meu homem, e a meu filho, que anda em terras alheias. Protegei minha roça contra a seca e os bichos do mato, é uma graça que vos peço, por favor, pela Virgem Milagrosa, amém, e obrigado.

Ergueu os olhos fatigados para Manuel:

- Então já voltasse, meu filho?
- Tenho uma coisa para te perguntar, mamãe.

Mas, antes, quero me lavar.

Tirou água da jarra e encheu uma gamela. Atrás da choupana, o dorso nu, sua pele, esfregada com vigor, tornava umas luzes luminosas e os músculos se estiravam com flexibilidade, como lianas inchadas de seiva.

Voltou, aliviado do calor, e arrastou o banco para debaixo das ramagens. A mãe sentou-se perto dele. Ele contou-lhe sua estranha aventura.

- Mas como é esse negro? – perguntou Bienaimé, que despertara.
- É um negro bem negro, atarracado e troncudo, com o cabelo bem encarapinhado.
- E de olhos bem fundos?
- Sim.

– É Gervilén – disse Bienaimé. Ah, maldito! Cachorro! Vagabundo!

– E, ontem, vim no caminho com uma moça, conversando como amigos, mas, quando lhe disse quem eu era, deu-me as costas.

– Que tipo de negra era ela? – interrogou de novo o velho.

– De bom porte, com olhos grandes, dentes bancos, pele fina. Disse-me seu nome; Annaïse é corno se chama.

– É a filha da Rosanna e do falecido Beaubrun. Uma grande isca para pescar os tolos com seus olhos de vaca leiteira; que me importa a pele que tem; eu nunca andei de riso com ela para ver seus dentes.

Bienaimé fervia de ódio e as palavras se embrulhavam na barba espessa.

– Por que somos inimigos? – perguntou Manuel a seu pai.

Sem responder, Bienaimé foi em busca de sua cadeira.

Havia debaixo da ramagem um jogo de sombras feito pelas folhas da palmeira que a cobria.

– É uma história antiga – começou o velho – mas não está esquecida. Estavas em Cuba nessa época.

Mastigou o cano do cachimbo.

– Correu sangue.

– Conta, papai, estou ouvindo – disse Manuel cortesmente.

– Pois bem, meu filho, quando o finado Johannes Lonjeannis morreu, o General Lonjeannis, como a gente dizia, porque tinha feito a guerra com os “cacos”², foi preciso partilhar as terras.

– Era um verdadeiro “don”³, se tu te lembras, esse General Lonjeannis, um negro educado, um patriarca: não se vê mais desse tipo. Para ele, todos nós éramos parentes. Fez tanto filho que perdeu a conta. Com a minha própria tia-avó teve Dorisca, o pai desse Gervilén – que a maldição do inferno caia sobre sua cabeça sarnenta. Uma partilha dá muita discussão, é certo, mas em família a gente termina por entrar em acordo, não é? Um diz: “Concordas, compadre fulano”? E o compadre fulano responde: “Concordo”; e cada um toma seu pedaço de terra. A terra não é uma nesga de pano, dá para todos. Mas não é que Dorisca fica como uma mula empacada? E lá um dia vem com a família e um bando de capangas e toma posse dela. Nós fomos ver o que se passava. Eles estavam já em pleno mutirão, Dorisca e seu bando, e não tinham feito economia de “branquinha”. Meu irmão, o falecido Sauveur Jean-Joseph, que Deus tenha pena de sua alma, não era capão e foi o primeiro a chegar perto: “Compadre Dorisca – disse – tu não estás no teu direito”. Mas Dorisca lhes respondeu: “Sai de minha terra, que eu te estraçalho de tal jeito que até os cachorros vão vomitar”. “Então, tu me estás ofendendo”, disse o finado Sauveur. “Merda” – respondeu Dorisca, e tua mãe isso e tua mãe aquilo. “Não devias ter dito isso” – respondeu Sauveur, tirando o facão antes do outro. E acabou com ele. Então começou a briga. Houve muita gente ferida. Eu mesmo....

Bienaimé abriu a camisa e mostrou com o dedo a marca funda de uma cicatriz entre os pelos brancos do peito.

– E Sauveur morreu na cadeia. Era meu irmão menor e um negro bom.

Bienaimé enxugou uma lágrima, com o punho cerrado.

– Estou ouvindo – disse Manuel.

– Terminou-se por dividir a terra com a ajuda do Juiz de Paz. Mas também o ódio se dividiu. Antes era uma família só. Agora, isso acabou. Cada um guarda seus ódio e cozinha a sua raiva. Estamos de um lado e eles estão do outro. E entre nós, o sangue. Não se pode passar por cima do sangue.

– Esse Gervilén é um homem cheio de maldades – murmurou Délira. – E quando bebe, a cachaça atrapalha sua razão.

– É um negro sem consciência – acrescentou Bienaimé.

De cabeça baixa, Manuel ouvia. Assim, pois, mais um inimigo erguia-se na aldeia e a dividia como uma fronteira. Era o ódio e seu amargo ruminar do passado sangrento, sua intransigência fratricida.

– Que é que disseste? – perguntou Bienaimé.

Manuel se levantara. Diante de seus olhos, os tetos de palha apareciam entre as árvores e cada casa fermentava no veneno negro da vingança.

– O que eu acho é que é uma pena.

– Não estou entendendo, meu filho.

Mas Manuel se afastava lentamente para os campos. Caminhava sob o sol, pisava as ervas estorricadas e se curvava um pouco, como se levasse um fardo.

1 Divindades afro-haitiana.

2 Camponeses revolucionários.

3 Palavra espanhola, empregada no Haiti para designar proprietário rural rico.

Capítulo 4

Alguns dias mais tarde, Manuel consertava, a latada. Substituída uma travessa carcomida por um tronco novo de campeche. Ele o havia cortado, descascado e posto a secar. Mas a sua madeira porejava ainda, um pouco de rubra umidade.

– Fazes bem em melhorar a latada – disse a mãe.

– Estava toda podre – respondeu Manuel distraidamente.

A mãe aproveitou a ocasião para dizer-lhe:

– Porque eu preveni Dorméus.

– Dorméus?

– O “hungan”¹, meu filho.

Manuel firmou a travessa.

– Estás me ouvindo, meu filho?

– Estou, sim.

Metia os pregos na carne macia do campeche.

– Será para depois de amanhã, se Deus quiser – disse Délira.

– Se Deus quiser – repetiu Manuel.

– Bienaimé foi buscar folhas frescas para cobrir a latada. É uma grande obrigação que a gente tem de respeitar.

Manuel desceu do banco. O serviço estava pronto.

– Foi ele, Papai “Legba”, que abriu o caminho para voltares. Clairemise viu em sonho “Atibon–Legba”, o senhor das encruzilhadas. A gente tem de agradecer a ele. Já convidei a família e a vizinhança. Amanhã vais à vila comprar cinco galões de “branquinha” e duas garrafas de rum.

– Vou, sim – respondeu Manuel.

Na noite do dia marcado, os vizinhos se reuniam sob o caramanchão reparado. Velas presas aos mourões ardiam com um odor acre e, segundo a direção do vento, lambiam a sombra com sua língua fumacenta.

Um rumor de vozes, no caminho, anunciou a chegada de Dorméus. Bienaimé o esperava na porteira. O “hungan” adiantou-se; era um negro alto avermelhado, cheio de gravidade em cada um de seus movimentos. O cortejo de suas “hunsi”², penteadas e vestidas de branco imaculado, o seguia, e elas traziam gravetos de pinho acesos. Precediam a La Place, mestre do cerimonial, e aos porta-estandartes, aos tocadores de tambor e o gongo.

Fazendo uma reverência, Bienaimé ofereceu a Dorméus um cântaro d’água. O “hungan” o recebeu com gravidade, ergueu-o lentamente, com as mãos juntas, para as quatro direções cardeais. Seus lábios murmuravam as palavras secretas. Regou, em seguida, o solo, traçou um círculo mágico, reaprumou seu talhe alto e se pôs a cantar, acompanhado por todos os assistentes.

Papa Legba, l’ouvri barrié–a pou nous, ago yé!

Atibon Legba, ah l’ouvri barrié a pou nous, pou

/ nous passer

Lo n’a rivé, n’a remercié loa yo

Papa Legba, mait’e trois carrefours, mait’e trois

/ chemins, mait’e trois rigoles

L’ouvri barrié–a pou nous, pou nous entrer

Lo n'a entré, n'a remercié loa yo³

– Entre Papai, entre – disse Bienaimé, encolhendo-se humildemente diante do “hungan”.

Dorméus tomou a dianteira, acompanhado de sua gente. As tochas lançavam uma luz furtiva sobre os trajes brancos das “hunsi”, arrancavam algumas centelhas às lanternoas douradas dos estandartes. Os outros seguiam-no, massa mais densa do que a noite.

– E “Legba”, velho deus da Guiné, já tinha chegado. Tomara, sob o caramanchão, a forma de Fleurimond, mas o remodelara à sua imagem venerável, segundo sua idade imemorial: os ombros encurvados, apoiando-se, todo arquejante de cansaço, num bordão de pau torto.

Os lavradores abriram ao “hungan” o caminho do respeito. Os porta-estandartes balançaram sobre o manifestado um pavilhão de faixas ondulantes. Dorméus desenhava a seus pés o “vêvê” mágico e fincou no centro uma vela acesa.

– Vossos filhos vos saúdam – disse ao “Legba”. – Eles vos oferecem este serviço de ação de graças.

Apontou para uma bolsa de vime que pendia do mourão central.

– Eis a vossa matula com a comida para o caminho de volta. Não falta nada: a espiga de milho aromada, regada de caldo de açúcar e de azeite doce, carnes salgadas, doces e o licor para a vossa sede.

– Obrigado – disse o “loa” com voz apagada – obrigado pela comida e pela bebida. Vejo que vossas coisas correm mal com essa seca. Mas isso vai mudar, isso vai passar. O bem e o mal formam uma cruz. Eu, “Legba”, sou o senhor dessa encruzilhada. Farei com que meus filhos crioulos tomem a boa estrada. Eles vão sair do caminho da miséria.

Um coro de súplicas o rodeou:

– Fazei isso por nós, papai, por favor, ai! papaizinho, por favor. A penitência é grande demais e sem nós estamos sem defesa. Graças, graças, misericórdia!

O manifestado assentiu com um gesto senil. Sua mão tremia sobre o bordão. Pronunciou, ainda alguma palavra em cochicho e ininteligíveis.

Dorméus fez um sinal; o repique entrecortado dos tambores preludiou, amplificando-se num sombrio volume percutido, que estalou sobre a noite, e o canto unânime subiu, apoiando no ritmo antigo, e os lavradores puseram-se a dançar suas súplicas, joelhos em flexão, os braços abertos:

Legba, fais leur voir ça

Alegba-sé, c'est nous deux⁴

Seus antepassados haviam implorado aos fetiches de “Whvdah”, dançando esse “Yanvalu”, e em seus dias de miséria eles o recordavam, com uma finalidade que ressuscitava da noite dos tempos a potência tenebrosa dos velhos deuses daomeanos:

C'est nous deux, Kataroulo

Vaillant Legba, c'est nous deux⁵

Girando em torno do mourão central, as “hunsi” misturavam a branca espuma de duas roupas à onda revolta dos lavradores vestidos de azul, e Délira dançava também, o rosto contraído. Manuel, vencido no mais íntimo de seu sangue pela pulsação mágica dos tambores, dançava e cantava com os outros:

Criez abobo⁶, Atibon Legba

Abobo Kataroulo, Vaillant Legba⁷

Dorméus agitou seu “asson”, o chocalho ritual, feito de uma cabeça vazia, adornada de vértebras de

cobra entrecruzadas e de outras de vidro entrelaçadas. Os tambores se acalmaram. No meio do “vêê”, o La Place depositara sobre um guardanapo branco um galo cor de fogo, para concentrar todas as forças sobrenaturais em um único elo vivo, num tufo ardente de penas e de sangue.

Dorméus tomou do galo e o agitou sobre os sacrificadores.

Com o rosto convulsionado, estremecendo-se, Mérilie e C006Cairemise cambalearam. Dançavam, agora, debatendo os ombros no abraço violento dos “loa”, que as possuíam de corpo e alma.

Santa Maria Gratia

Todos entoaram a ação de graça, pois isso era o sinal visível de que “Legba” aceitava o sacrifício. Com uma torsão violenta, Dorméus arrancou a cabeça do galo e apresentou o corpo às quatro direções cardeais.

Abobo

Ulularam as “hunsí”

O “hungan” voltou a fazer o mesmo gesto de orientação e deixou pingar no chão três gotas de sangue.

Sangrai, sangrai, sangrai
eles cantaram.

Durante todo esse tempo, Délira mantinha-se de joelhos, junto a Bienaimé, mãos unidas à altura do rosto. Procurava Manuel com o olhar, mas ele, nesse momento, bebia lá dentro um copo de “branquinha” com Laurélien e Célhomme Lhérisson.

– Ah, é preciso servir os velhos da Guiné, sem dúvida – dizia Laurélien.

– Eles têm poder sobre a vida da gente.

Manuel esvaziou o copo. O martelar rouco dos tambores sustentava a exaltação do canto.

– Vamos! Vamos ver o que se passa – disse.

O sangue do galo gotejava, abarcando um círculo vermelho no solo.

O “hungan”, as “hunsí”, Délira e Bienaimé nele molharam o dedo e traçaram sobre a testa o sinal da cruz.

– Eu te procurei por toda parte, disse a velha, num tom de censura.

Ele quase não a ouviu. Num torvelinho frenético, as “hunsí” dançavam e cantavam em torno do animal sacrificado e, ao passar, arrancavam-lhe penas aos punhados, até deixá-la inteiramente pelado.

Antoine recebeu a vítima das mãos do “hungan”. Já não era o acompanhador risonho, eriçado de malícia como um cactus de espinhos: cerimonioso e compenetrado de sua importância, representava agora o “Legba”-de-osso-velho, incumbido de cozinhar, sem alho nem banha de porco, o que já não era um galo comum, mas o “koklo do loa”, revestido desse nome ritual e da santidade que lhe conferia a imolação sagrada.

– Presta atenção, compadre – disse a um vizinho que o empurrara.

Calou-se, em seguida, aterrorizado.

Pois esse homem que saltava selvagememente, de rosto convulso, já não era Jean-Louis Duperval, era “Ogun”, o “loa” temido, deus dos ferreiros e dos homens sanguinários, que gritava com voz de trovão:

– Sou eu, sou eu, sou eu, Negro “Olichá Baguita Wanguita”.

Dorméus aproximou-se dele brandindo o “asson”. Sacudido por grandes temores, e manifestado gritava:

– Sou eu, sou eu, Negro “Batata”, negro “Hshadé Bêkê”.

Entre as mãos do “hungan”, e “asson” ressoava com seca autoridade:

– Papai “Ogun” – disse Dorméus – deixe que lhe diga com todo respeito, não atrapalha: este serviço não é para o senhor. Um dia vem, um dia vai, espera a tua vez. “Ogun”, meu Pai. Deixa a gente continuar a cerimônia.

O manifestado escumava, bamboleando-se violentamente à direita, à esquerda, alargando em seu redor o círculo formado pelos colonos.

– Não insista – continuava Dorméus, mas já com menos firmeza, porque nada havia a fazer. “Ogun” obstinava-se, não queria sair, reclamava sua parte da homenagem; e o La Place entregou-lhe sua espada, que ele beijou, e as “hunsi” passaram-lhe um lenço vermelho ao redor da cabeça, amarraram-lhe outros em volta dos braços, e Dorméus desenhou no solo um “vêvê”, para permitir que o “loa” fizesse sua entrada. Trouxeram-lhe uma cadeira, ele se sentou; uma garrafa de rum, ele bebeu a grandes tragos; um charuto, e se pôs a fumar.

– Ah! – esse Manuel voltou. Onde está esse Manuel?

– Estou aqui, sim – disse Manuel.

– Responde: sim, meu Pai.

– Sim, meu Pai.

– Pareces atrevido, não é?

– Não.

– Responde: não, meu Pai.

– Não, meu pai.

De um salto, o manifestado levantou-se, afastou bruscamente as “hunsi” e se pôs a dançar enquanto cantava:

Bolada Kimalada, o Kimalada
N’a fouillé canal la, ago
N’a fouillé canal la, mouin dis: ago yé
Veine l’ouvri, sang couri
Veine l’ouvri, sang coulé, ho
Bolada Kimalada, o Kimalada⁸

Balançava-se da frente para trás, numa dança “nagô”, só, no meio dos camponeses atônitos; depois foi reduzido o ritmo aos sobressaltos, resfolegando ainda, tremendo sempre, porém mais debilmente, porque o “loa” se ia embora e, sob a máscara guerreira de “Ogun”, via-se reaparecer lentamente o rosto embotado de Duperval. Ainda alguns passos indecisos, mais algumas sacudidelas espasmódicas com a cabeça, e Duperval desmoronou : o “loa” partira. Ajudado por Riché Dieuville, Manuel levantou o homem e o transportou para um canto. Estava pesado e insensível como um tronco.

– Bienaimé – disse Délira – Bienaimé, meu homem. Não me agrada, não, o que Papai “Ogun” cantou. Sinto um peso no coração. Não sei o que é que eu tenho.

Mas Dorméus continuava o serviço de “Legba” pela cerimônia do “asogwê”. Bienaimé, Délira e Manuel juntaram suas mãos em torno da matula e apresentaram-na sucessivamente aos quatro pontos cardeais. O “hungan” enterrou as penas do galo ao redor do mourão, traçou novo “vêvê” em cujo centro acendeu uma vela.

Os estandartes ondularam, o surdo chamado do tambor ressoou, precipitando o canto num novo impulso, as vozes das mulheres fundiram-se muito alto, esganiçando a espessa massa coral:

Legba-se, Legba saigné
Abobo

Vaillant Legba
Les sept Legba Kataroulo
Vaillant Legba
Alegba-sé, c'est nous deux
Agé yé²

Manuel entregou-se ao volteio da dança, mas: uma tristeza singular penetrava em seu espírito. Deu com o olhar de sua mãe e lhe pareceu que nele brilhavam lágrimas.

O sacrifício de “Legba” havia terminado; o Senhor dos caminhos voltará à sua Guiné natal pelas vias misteriosas por onde andam os “loa”.

Contudo, a festa continuava. Os esqueciam a sua miséria: a dança e o álcool os anestesiavam, arrastando-lhes e afogando-lhes a consciência submersa nessas regiões irreais e sombrias onde os espreitava a sem-razão, inacessível dos deuses africanos.

E quando veio a aurora, os tambores ecoavam ainda sobre a vigília da planície, como um coração inesgotável.

¹ Sacerdote do “vodu”. Mais ou menos o equivalente ao “pai-de-santo”.

² Iniciadas do “vodu”. Mais ou menos o equivalente a “filha-de-santo”.

³ (3) Papai “Legba”, abre a barreira para nós, ago ié / “Atibon Legba”, oh! abre a barreira para nós, para passarmos/ Quando entrarmos, agradeceremos aos “loa”/ Papai “Legba”, senhor das três encruzilhadas/ Senhor dos três caminhos, senhor dos três regos/ abre para nós a barreira para que possamos entrar. Quando entrarmos, agradeceremos aos “loa”

⁴ “Legba”, faz com que vejam isso “Alegba-se”, somos nós dois.

⁵ Somos nós dois “Katarulo” Valente “Legba” somos nós dois.

⁶ Exclamação de júbilo religioso

⁷ Gritai “abobo”, “Atibou Legba” / “Abobo Katarulo”, Valente “Legba”.

⁸ “Bolada Kimalada”, oh! “Kimalada”! / Cavaremos o canal, “ago” / lavaremos o canal, eu digo: “agô-iê” / Aveia está aberta, o sangue corre / Aveia está aberta, o sangue jorra, oh!! “Bolada Kimalada”, oh! “Kimalada”.

⁹ “Legba”, sim, “Legba”, sangrai / “Abôbô” Valente “Legba” / Os sete “Legba Katarulo” / Valente “Legba” / “Alegba-se”, somos nós dois / “Ago”, eia!

Capítulo 5

A vida começava, mas não mudava: seguia o mesmo percurso, o mesmo leito, com uma indiferença cruel. Estava de pé desde o amanhecer: pelas fendas do céu escuro passavam e se estendiam as primeiras e confusas claridades. Mais tarde, delineava-se a linha do morro, franjada de uma luz pálida. Logo que o sol tocava o bosque, o suficiente para iluminar, através dos campeches, os caminhos entrecruzados, Manuel partia. Abatia as árvores, levantava na clareira o balão sob o qual se queimaria a lenha a fogo lento. Depois, tomava o caminho do morro. Voltava da caminhada empapado de suor e com as mãos sujas de terra. Délira lhe perguntava por onde havia estado. Ele respondia com rodeios. Tinha uma ruga obstinada no canto da boca.

Aos sábados, Délira carregava o carvão nos jumentos e ia à vila. Voltava ao cair da noite, com algumas miseráveis provisões e umas poucas moedas. Sentava-se na choça, toda abatida ao peso de uma imensa fadiga. Bienaimé reclamava seu fumo e sempre se lastimava de que não era bastante forte.

Às vezes, a velha contava seus dissabores. Os fiscais dos mercados, postados nos acessos à vila, caíam sobre as camponesas e as roubavam sem piedade.

– Chega e me pede que pague. Digo que já paguei. Fica danado e começa a xingar. Olha, não tens vergonha? digo, repara nos meus cabelos brancos. Não tens mãe, para que me tratar assim? Cala a boca, grita ele – é isso que ele grita – ou te meto no xadrez por desobediência e escândalo em público. Tive que lhe dar dinheiro. Não, ninguém tem consideração com os desgraçados.

Manuel cerrava os punhos até fazê-los estalar.

– Bandido! Negro sem vergonha! – grunhia Bienaimé.

Um momento depois, dizia:

– Vai dormir, minha velha. Estás com os olhos fechando. Fizeste uma longa caminhada.

Délira desenrolava sua esteira, estendendo-a no chão. Apesar dos protestos de Manuel, exigia que ele usasse a cama de mogno da outra peça.

Às vezes, Antoine aparecia durante o dia.

Acocorava-se junto a Benaimé.

– Ah, acompanhador, acompanhador – dizia o velho – que miséria é essa?

O acompanhador sacudia a cabeça:

– Nunca se viu coisa assim.

E acrescentava, com a voz estrangulada, olhando tristemente os campos queimados.

– Não me chames acompanhador. Chama-me Antoine, que é meu nome. Quando dizes acompanhador, compadre, isso me faz pensar nos bons tempos. E lembrança amarga, amarga como fel.

... Pelas tardinhas, Manuel trançava, no alpendre, chapéus de palha para vendê-los talvez a trinta centimos cada um no povoado vizinho. A cerimônia vodu engolira o pouco de dinheiro que trouxera de Cuba. Somente Dorméus levantara quarenta piastras.

Laurélien vinha vê-lo freqüentemente. Sentava-se no banco. Suas grandes mãos nodosas, feiras para manejar a enxada, repousavam sobre os joelhos. Dizia em voz baixa:

– E essa água?

– Ainda não, ainda não – respondia Manuel.

Mas estou no rastro dela.

Seus dedos hábeis iam e vinham, enquanto o pensamento voava para Annaïse. Vira-a várias vezes na aldeia. Cada vez, ao avistá-lo, dava-lhe as costas; afastava-se com seu passo longo, lânguido e

requebrado.

Laurélien pedia de novo:

– Fala-me de Cuba.

É um país cinco vezes, não, dez, não, vinte vezes maior que o Haiti. Mas, tu sabes, sou daqui, nasci para viver aqui.

Tocava o solo, acariciava uma semente:

– Sou desta terra, ela está no meu sangue. Olha minha cor: parece que esta terra me tingiu, e a tu também. Este país é a herança dos negros e todas as vezes que tentaram tomar-nos estas terra, nós afrontamos o desafio a golpes de facão.

– Sim, mas em Cuba há mais riqueza, a gente vive mais desafogadamente. Aqui, é preciso dar duro pela vida, e de que serve isso? Não se arranja nada, nem para encher a barriga, e não se pode fazer nada contra a injustiça das autoridades. O juiz de paz, a polícia rural, os agrimensores, os açambarcadores vivem em cima da gente como piolhos. Passei um mês na cadeia, com todo um bando de ladrões e assassinos, porque fui à cidade sem sapatos. E eu pergunto, meu compadre, onde ia arranjar dinheiro? Então, que é que somos nós, os colonos, negros descalços, desprezados e maltratados?

– Que é que nós somos? Se é uma pergunta, vou dar a resposta; pois somos este país e ele é nada sem nós, nada de nada. Quem planta, quem rega, quem colhe? O café, o algodão, o arroz, a cana, o cacau, o milho, as bananas, os víveres e todas as frutas, quem é, senão nós, que faz tudo isso crescer? E assim mesmo somos pobres, é verdade; somos infelizes, é verdade; somos miseráveis, é verdade. Mas sabes porque, irmão? Por causa da nossa ignorância: não sabemos ainda que somos uma força, uma força única: todos os camponeses, todos os negros das planícies e dos morros juntos. Algum dia, quando a gente meter na cabeça esta verdade, nós nos levantaremos de um canto a outro do país e faremos a assembléia geral dos donos do orvalho, o grande mutirão dos trabalhadores da terra, para acabar com a miséria e plantar a vida nova.

– Tu dizes palavras justas, sim – fez Laurélien.

Ficara como que exausto, ao seguir as palavras de Manuel. Uma ruga marcava sua testa, com o esforço da meditação. No escaninho mais recôndito do seu espírito, acostumado à lentidão e à paciência, lá onde suas idéias de resignação e submissão se haviam formado com uma rigidez tradicional e fatal, uma cortina de luz começava a levantar-se. Ela iluminava uma esperança repentina, ainda obscura e longínqua, mas consistente, certa, verídica como a fraternidade.

Deitou uma cusparada entre os dentes.

– Isso que me dizes é claro como a água que corre ao sol.

Estava de pé e suas mãos fechavam numa tentativa para reter as palavras fugidias:

– Já vais?

– Sim, estava de passagem, antes de vir ver os animais. Vou pensar no que disseste: que as tuas palavras tem bom peso, quanto a isso, não há dúvidas. Então, adeus, chefe.

– Por que me chamas de chefe? – perguntou Manuel assombrado.

Laurélien baixou a cabeça e refletiu:

– Eu mesmo não sei porquê – fez.

E se foi, no seu passo tranquilo e sólido, e Manuel o acompanhou com o olhar ao vê-lo desaparecer entre as árvores.

Um único esplendor ofuscante abrasava a superfície do céu e da terra. O lamento arrulhado de uma pomba fazia-se ouvir. Não se sabia de onde vinha. Rolava no seio do silêncio com notas oprimidas. O vento amainara, os campos estavam esmagados sob o peso do sol, com sua terra sedenta, suas plantas deprimidas e corroídas. Dominando a extensão emaranhada dos campeches, sobre uma colina distante, as

folhas de palmeira pendiam inertes, como asas quebradas.

Diante de cada choupana, à sombra de algumas árvores que a seca havia poupado, os camponeses contemplavam a própria desgraça. Estouravam disputas sem motivo visível, azedavam-se as conversas das mulheres e facilmente se transformavam em discussão. As crianças procuravam evitar as palmadas, mas prudência para nada lhes servia. Ouvia-se uma voz irritada gritar:

– Filógene, ô, “seu” Filógene. Não estás ouvindo que estou te chamando?

E o garoto vinha de mansinho, a morte na alma, para receber seu quinhão em cheio, nos fundilhos – e como ressoava!

É que as coisas enveredavam por maus caminhos, a fome se fazia sentir de fato, o preço da mescla subia na cidade. Em vão se remendava a roupa, havia algumas bundas que, com perdão da palavra, apareciam pelos rasgões das calças, como um quarto de lua entre as brechas de uma nuvem, o que positivamente não era decoroso, nem se podia pretender que o fosse.

Aos domingos, rinha, a “branquinha” com canela, com limão ou com anis subia rapidamente à cabeça dos lavradores, sobretudo dos perdedores, e houve casos em que os porretes entraram em cena.

Graças a Deus as coisas não iam mais longe, até o facão, felizmente, e depois havia a reconciliação. Mas quem poderia dizer que não se guardasse no fundo um resto tenaz de ressentimento?

– Manuel – disse Bienaimé – por que não vai ver onde está a novilha pintada?

Manuel deixou seu trabalho, tirou a corda que pendia de um prego e experimentou-lhe a resistência.

– Deixa a pintada num mourão, mas dá um pouco de corda, para ela não se embaraçar.

– Porque não esperas que ela cresça? – disse Délira – até dar uma cria que mais tarde se venda?

– E como vamos viver até lá? Até lá vamos ter tempo de comer nossos dentes até as gengivas – replicou o velho.

Com as cercas das roças a bordejavam e o cerrado do bosque a fechava no poente, a savana servia de pasto para o gado. Os vizinhos retiravam das vacas um pouco de leite de má qualidade. Mas, de ordinário, os animais viviam numa liberdade selvagem, presos apenas para a marcação ou a venda no mercado de Pont Beudet, quando se tornava urgente a necessidade de ter algumas piastras.

Uma espécie de gramínea curta e seca ali crescia em pequenas moitas, como pelos de verrugas e, salvo sob a sombra dos raros campeches, o sol aí dominava sem peias. “Com a rega, isso tudo vai virar capim guiné” – pensavam Manuel.

Enxergou a novilha: descansava-se na savana com sua pele manchada de vermelho e branco. Fez o laço para agarrá-la, cortando-lhe a retirada e tangendo-a contra a cerca de cactos-candelabros, que bordejavam o campo de Saint-Julien.

Ela percebeu a manobra e começou a trotar para o campo aberto. Manuel precipitou-se aos saltos e, em plena carreira, lançou-a. Ela o arrastou, mas ele se retesou firmemente, recolhendo a corda aos puchões e aquietando-a com sua voz autoritária:

– Ao, malcriada; oa, bandida; oa, minha vaquinha bonita, oa...

Conseguiu passar a ponta da corda num tronco. A novilha debatia-se, dando chifradas para todos os lados, mas, por fim, teve que se dar por vencida. Manuel esperou um momento, depois, levou-a até um campeche em cuja sombra a deixou amarrada.

– Vais mudar de dono – disse, acariciando-lhe o focinho. Vais perder a liberdade. Mas isso é da vida, que queres?

A novilha olhou-o com seus grandes olhos lacrimejantes e mugiu. Manuel acariciou-lhe o espinhaço e os flancos com a palma da mão.

– Não pareces muito gorda. Basta passar a mão para sentir os ossos. Não vais dar um bom preço, isso é que não.

O sol, agora, deslizava sobre a ladeira do céu, que, com o vapor diluído e transparente das nuvens, tomava a cor do anil em água espumosa. Mas ao longe, por cima do bosque, uma alta barreira flamejante lançava flechas de enxofre no ocaso sangrento.

Manuel voltou à estrada e atravessou a aldeia.

As choupanas alinhavam-se ao sabor dos quintais, na desordem dos caminhos. Algo mais que as árvores, as hortas e as cercas as separava. Uma cólera surda e contida, que uma chispa faria estourar a violência e que a miséria exacerbava, impunha a cada habitante para com seu vizinho esta boca cerrada, esse olhar evasivo, esta mão sempre mal disposta.

Dir-se-ia que o passado não estava sepultado há tantos anos, com Dorisca e Sauveur. Eles o renovavam sem cessar, como se aviva com a unha a chaga mal cicatrizada.

As mulheres eram as mais raivosas: estavam verdadeiramente descontroladas. É que eram as primeiras a saber que nada havia para cozinhar, que as crianças choravam de fome, que emagreciam, os membros esqueléticos e ossudos como galhos secos, o ventre enorme. Às vezes perdiam a cabeça e, chegado o momento, insultavam-se umas às outras com palavras que não se deve repetir. Mas briga de mulher não tem conseqüências, é como estouro de saco cheio de vento. Mais grave era o silêncio dos homens.

Manuel pensava em tudo isso, enquanto caminhava pela aldeia. Alguns o saudavam: “Adeus, irmão” – dizia; “Adeus, ô Manuel”, dizia outro.

“Como vai essa força?” – Perguntava Manuel. “Pelejando contra a vida” – respondia. Mas alguns se desviavam, quando ele passava, ou olhavam para a frente, através dele, como se fosse de fumaça.

No entanto, bem os conhecia. Não estavam ali Pierrilis, Similien, Mauléon, Ismael, Termonfis, Josaphat? Com eles crescera em meio aos bosques, tomara parte em suas brincadeiras, com eles preparara na savana armadilhas às vermelhas, surrupiara espigas de milho. Mais tarde, nos mutirões, misturaram suas vozes e suas forças de jovens negros sadios. Ah! Como tinham, então, roçado e preparado a roça do compadre Mirville, embora nesse dia tivessem bebido um pouco demais da “branquinha”. Pois é, ele se lembrava, e de tudo, nada tinha esquecido, nada!

Tinha vontade de aproximar-se deles e dizer-lhes: Mas primos, não me reconhecem? Sou eu, Manuel, Manuel Jean-Joseph, o mesmo de sempre, não mudei”.

Mas todos eles eram muralhas negras e sem luz.

Não, não havia justiça nem razão nessa história. Era preciso deixar que os morros repousassem na paz do cemitério, sob as amendoeiras. Essas almas penadas em plena luz do dia, esses fantasmas sangrentos e obstinados, nada tinham com a existência dos vivos.

Além disso, se ele achasse água, seria necessário o concurso de todos. Não era coisa simples levar água até a planície. Seria preciso organizar um grande mutirão de todos os camponeses e a água os uniria de novo. Seu hálito fresco dispersaria o cheiro maligno do ranço e do ódio. A comunidade fraternal renasceria com as novas plantas, com os campos carregados de frutas e espigas, com a terra preta de vida simples e fecunda.

Sim, iria procurá-los para falar-lhes: eles tinham entendimento e compreendiam.

Diante da porta, Hilarion, o oficial da Polícia Rural, jogava vinte e um com seu ajudante.

– Salve – disse – precisava falar contigo. Espera um instante, temos coisas a falar.

E, ao parceiro:

– Dez ouros. Passa o ás.

– Não tenho o ás.

– Passa esse ás! Gritou Hilarion, ameaçador.

O ajudante deixou o ás.

Trapaceiro! Que malandro! – disse, triunfante Hilarion.

Recolheu suas cartas e voltou-se para Manuel.

– Então, andas conversando com os vizinhos, não é?

Manuel esperou.

– Pareces que andas falando demais.

Um relâmpago maligno passou por seus olhos semicerrados.

– Pois bem, as autoridades não estão gostando do que andas espalhando. São palavras de revolta.

Abriu as cartas em leque:

– Depois não vás dizer que não te preveni.

Manuel sorriu.

– É só isso?

– É só – respondeu Hilarion, com a cabeça entre as cartas. Dez de paus, nove de paus, passa o ás.

– Mas eu não tenho ás – gemeu o outro desesperado.

– Passa logo este ás!

O ajudante passou o ás de paus.

– Ah! Macaco – regozijou-se Hilarion – pensavas que podias jogar com Hilaire Hilarion. Toma a lição, atrevido!

Sua gargalhada ressoava ainda, enquanto Manuel se afastava. Não estava inquieto. A miúdo falara Laurélien, Saint-Julien, Riché e outros. Estava certo de que não tinham denunciado, mas apenas discutido e repetido suas palavras, e essas haviam chegado aos ouvidos peludos desse Hilarion, como uma mosca se prende à teia de aranha. No fundo, era um bom sinal, a coisa se espalhava.

Os meninos acompanhavam sua figura alta com olhares fascinados. Para eles, era o homem que havia atravessado o mar, que vivera nesse país estranho de Cuba. Estava aureolado de mistérios e lendas.

Manuel segurou um deles pelo braço. Era um negrinho retinto, os olhos redondos e lustrosos como contas. Acariciou-lhe a cabeça raspada a zero.

– Como é o seu nome?

– Monpremier, sim senhor.

Mas uma voz de mulher exclamou, raivosamente:

– Monpremier, venha cá!

O garoto partiu rápido para a choupana. Na carreira, os calcanhares martelavam-lhe as nádegas nuas.

Manuel seguiu com o coração pesado. Deixou atrás as últimas choupanas. Os cardos dourados cobriam com seus cem sóis minúsculos a bordura do caminho. Um reflexo de luz oblíqua arrastava-se sobre a planície, mas a sombra já se aninhava nas árvores. e manchas cor de malva estendiam-se sobre os flancos da colina. O que fora, à luz do sol, áspero e hostil, se apaziguava e se reconciliava com o fim do dia.

No prolongamento do caminho, avistou-a. Reconheceu-a pelo traje escuro, xale branco, e porque ela era alta e, porque somente ela tinha esse passo puro e flexível, essa doce oscilação das cadeiras, e porque ele a esperava.

Caminhou lentamente para ela.

– Desejo-te bom dia, sim, Annaíse?

Alguns passos os separavam.

– Sai da minha frente.

Ela respirava forte, seu peito arfava.

– Conta-me o que foi que te fiz e porque somos inimigos.

Ela esquivava o rosto.

– Não tenho que dar explicações. Estou com pressa: deixa-me passar.

– Responde primeiro. Não quero te forçar, Annaíse. Tenho amizade por ti. É verdade, acredita.

Ela suspirou:

– Ai, minha gente, que homem mais renitente! Parece que não tem ouvido para ouvir. Estou dizendo que saias do meu caminho, sim?

Via-se que fazia um esforço para mostrar-se impaciente e aborrecida.

– Eu te procurei por aí tudo, mas estavas escondida, como se eu fosse o próprio lobisomem.

Queria te falar porque sei que podes me ajudar.

– Ajudar? Eu? E como? – Perguntou surpresa.

Pela primeira vez o fitou, e Manuel viu que não existia cólera em seus olhos, mas apenas uma grande tristeza.

– Posso contares, se quiser ouvir.

– Vão nos ver – murmurou debilmente.

– Ninguém virá e, mesmo que viesse... Será que ainda não está cansada de todo este ódio entre nós Annaíse?

– A vida já é tão dura, e mais isso ainda.

Como a vida da gente ficou difícil Manuel.

Reagiu rapidamente.

– Deixa-me ir, deixa-me ir, pelo amor de Deus.

– Então, não tinhas esquecido o meu nome?

Ela respondeu com voz sumida:

– Não me atormentes, por favor.

Tomou-lhe a mão. Ela quis retirá-la, mas não teve ânimo.

– Mão de trabalhadeira, vê-se logo...

– Sim, disse ela com orgulho – minhas mãos estão gastas.

– Tenho muito que conversar contigo, sabes?

– Não há tempo. Olha, já é noite.

O caminho se apagava. As árvores enegrecidas fundiam-se com a sombra. No céu restava apenas um clarão vacilante, ensombrecido e longínquo. Sozinha na linha do horizonte, uma nuvem vermelha e negra dissolvia-se na vertigem do crepúsculo.

– Será que tens medo de mim, Annaíse?

– Amanhã, de noitinha, quando o sol estiver no pé do morro, vou te esperar no alto da colina das palmeiras. Será que vens?

– Não, não.

Sua voz era baixa e cheia de medo.

– Anna – fez ele.

Sentiu a mão dela tremer entre as suas.

– Tu vais, não vais, Anna?

– Ah! Não me atormentes, parece que perdi meu anjo da guarda. Por que me atormentas, Manuel?

Viu os olhos dela cheios de lágrimas e, entre seus lábios suplicantes, o brilho úmido de seus dentes.

Soltou-lhe a mão.

– Já é de noite, Anna, vai em paz, descansar, negra.

Ela já não estava mais ali; andando, seus pés nus não faziam ruído.

Ele repetiu:

– Vou te esperar Anna.

Capítulo 6

Sob as palmeiras havia uma como que frescura; um suspiro de vento apenas exalado deslizava sobre as folhas num longo murmúrio entrecortado e um pouco de luz argêntea tocava-as com ligeiro estremecimento, como uma cabeleira solta.

Na estrada as camponesas conduziam seus jumentos fatigados. Tangiam-nos aos gritos e o eco enfraquecido de sua voz monótona chegava até Manuel. Perdia-as de vista à altura de uma cortina de campeches, mas reapareciam adiante: era dia de feira e agora voltavam, tendo ainda a percorrer um longo trecho antes do por do sol. A essa distância, não podia reconhecê-las, mas sabia que eram as comadres de sua própria aldeia: Fonds Rouge; de Ravine Séche, que ficava mais longe, na chapada do morro Choru; choça de planalto de Bellevue, Mahotiére e Boucan Corail.

Seguiam em fila quase ininterrupta, dentro da poeira erguida e, às vezes, uma delas corria atrás de seu animal, que se afastava, fazendo-o voltar ao seu lugar, à força de pragas e de golpes de vara.

Separada das outras, vinha uma camponesa montada num cavalo alazão. O sangue de Manuel subiu ao peito em pulsações precipitadas e ardentes. Ela parou, voltou a cabeça várias vezes para trás e internou-se pelo atalho. “Vai no rumo da quebrada, passará pela curva do morro”. Ficou de ouvido atento e percebeu o ruído dos cascos sobre as pedras. Era um ruído vacilante que se amortecia quando o cavalo encontrava areia. O terreno inclinava as ervas daninhas para a quebrada. “Passará por ali, entre esses troncos de olmos; sairei e me verá”. Ouvia agora o choque e o ricochete dos cascos sobre os calhaus e o rolar seco desses pela vertente. Ela emergiu do caminho apertado. O cavalo alongava o pescoço e resfolegava. Tinha um investido de chita com flores e um chapéu de palha de abas largas, preso ao queixo por uma fita. “Eia”, dizia, incitando o cavalo com os calcanhares: “Eia”.

Manuel saiu de seu esconderijo e ela o reconheceu. Parou e com um vivo movimento de cintura saltou da monotonia.

O alazão espumava, seus flancos arquejavam. Via-se que Annaíse o tocara a bom passo, apesar das pedras e da subida. Puxou-o pela brida e o amarrou numa forquilha de árvore.

Avançou para ele com seu passo igual e ágil, o peito alto e cheio e, sob as pregas da saia, o passo firme moldava o desenho exuberante do corpo jovem.

Diante dele fez uma reverência.

– Boa-tarde, Manuel.

– Boa-tarde, Annaíse.

Com a ponta dos dedos ela tocou-lhe a mão estendida. Debaixo do chapéu, um lenço de seda azul cingia-lhe a testa. Brincos de prata brilhavam-lhe nas orelhas.

– Sempre vieste.

– Vim, tu vês, mas não devia ter vindo.

Baixou a cabeça e desviou o rosto.

– A noite toda lutei comigo, a noite inteira disse não, mas me vesti quando o galo cantou, e fui à aldeia para ter motivo de sair.

– A feira foi boa? Vendeste bem?

– Aí, Deus, não, irmão. Uns punhados de milho, apenas.

Permaneceu um momento em silêncio, depois disse:

– Ô Manuel?

– Estou te ouvindo, Annaíse.

– Eu sou uma negra séria, sabe? Até hoje nenhum rapaz tocou em mim. Só vim porque estou certa de que

não vais me fazer nada.

E, interrogando-se a si mesma, sonhadora:

– Por que tenho confiança em ti? Por que dei ouvido a tuas palavras?

– A confiança é quase um mistério. Não se compra nem tem preço. Não se pode dizer: vende-se tanto de confiança. É coisa de coração para coração. Vem sozinha e verdadeira, vem com um olhar, talvez com o som da voz. Isso chega para se saber a verdade ou a mentira. Desde o primeiro dia – ouviste? – desde o primeiro dia vi que não tinhas falsidade, que em ti tudo é limpo como uma fonte, como a luz de teus olhos.

– Não comeces com galanteios, que isso não serve para nada e nem é o caso. Eu também, depois que nos vimos na estrada, pensei assim: ele não é como os outros e parece muito sincero. Mas diz umas coisas tão difíceis, Jesus–Maria–José, que uma pobre como eu nem entende.

– Não comeces com elogios, que isso não serve de nada nem é o caso.

Ambos riram. O riso de Annaíse era cheio de sonoridades e seus dentes se umedeciam de resplandecente brancura.

– Tu ris como uma pombinha rola – disse Manuel.

– E vou voar com ela, se continuas com teus elogios.

Seu rosto negro se iluminava de um belo sorriso.

– Não queres sentar? Aqui, não sujarás o vestido.

Ela se sentou a seu lado, apoiando-se no tronco de uma palmeira, a saia estendida à sua roda, as mãos juntas sobre os joelhos.

A planície estendia-se diante deles, cercada de colinas. Dali, viam o entrelaçamento dos galhos dos campeches, as choupanas distribuídas nas clareiras, os campos abandonados à sanha da seca e, na reverberação da savana, o movimento disperso do gado. Sobre essa desolação planava o vôo dos corvos. Retomavam os mesmos círculos, pousavam sobre os cactos e, alertados por algo invisível, rompiam o silêncio com seu crocitar estridente.

– Que era o que tanto querias dizer-me e como eu, Annaíse – é o que quero saber – poderei ajudar a um homem como tu?

Manuel permaneceu um momento sem lhe dar resposta. Olhava diante de si com uma expressão tensa e distante:

– Estás vendo a cor da terra? Parece palha na boca de um forno quente. Adeus colheita, não há mais esperança. Como é que se pode viver aqui? Seria um milagre a vida, mas o que se faz aqui é morrer, pois aqui se morre lentamente. E que fizeram até agora contra isso? Uma coisa só, chorar aos “loa” a miséria, invocar aos santos pedindo que eles façam chover. Mas tudo isso é bobagem, macaquice. Não vale nada, é inútil, tempo perdido.

– Então, que é que vale mais a pena, Manuel? E não tens medo de faltar com respeito aos velhos da Guiné?

– Não, tenho consideração com os antigos, mas o sangue de um galo ou de um cabrito não pode mudar as estações, mudar a direção das nuvens e enche-las de água, como uma bexiga. Na outra noite, na festa “Legba”, cantei e dancei a vontade, sou negro, não sou? E caí na festa como um negro de verdade. Quando os tambores batem, eu sinto um vazio na boca do estômago, e uma comichão na altura dos rins, e eletricidade nas pernas. Preciso entrar na roda. É isso, mais nada.

– Foi nesse país de Cuba que te ensinaram estas idéias?

– A experiência é o cajado do cego e eu aprendi uma coisa: o importante, se queres saber, é a revolta, é saber que o homem faz a vida como o padeiro faz o pão.

– Ah, aqui a vida faz da gente o que quer.

– Porque vocês são uma massa resignada, diga isso.

– Mas o que se pode fazer? Se agente não tem recurso nem remédio para a miséria? Que queres? É a sorte.

– Não, ninguém deve esmorecer, enquanto tiver braços e vontade de lutar contra a miséria. Que é que ias dizer, Anna, se a terra tornasse a ficar cheia de verde, se na planície o capim-guiné rompesse de novo com a força de um rio na cheia?

– Eu dava graças a Deus pela bênção.

– Estás vendo o perdão do milhete, e os melros vorazes que é preciso afugentar? Vês as espigas Anna?

Ela fechou os olhos:

– Estou vendo, sim.

– E as bananeiras dobradas com os pesos dos cachos?

– Estou.

– Estás vendo os frutos maduros e a fartura Anna?

– Estou, estou.

– Vês a riqueza?

Ela abriu os olhos.

– Tu me fizeste sonhar. Só vejo pobreza.

– Mas havia de ser assim, se tivéssemos uma coisa. O quê, Anna?

– A chuva, não um chuveiro, mas chuva pesada, chuva seguida.

– Ou então um canal, não é?

– Mas a fonte de Fanchon está seca e a de Lauriers também.

– Imagina só, Anna, imagina que eu dou com a água e consigo levá-la até a planície.

Ela o contemplou, deslumbrada:

Será possível, Manuel? És capaz de fazer isso?

Fixava-lhe cada um dos traços do rosto com extraordinária intensidade, como se, lentamente, ele lhe fosse revelado, como se somente agora o reconhecesse.

Com a voz tomada pela emoção, ela disse:

– Sim, vais dar com a água. És o negro que acharás a água, serás senhor das fontes, caminharás com o teu orvalho entre as tuas plantas. Sinto tua força e tua segurança.

– Eu sozinho, não, Anna. Todo mundo vai lucrar, a água vai servir a todos.

Ela deixou cair os braços com desânimo.

– Ai, Manuel, ai, meu irmão, eles passam o dia todo afiando os dentes com ameaças; um detesta o outro, a família está em desacordo, os amigos de ontem inimigos são. Fizeram de dois mortos as suas bandeiras, e esses mortos ainda estão empapados de sangue, e esse sangue ainda não secou.

– Eu sei, Anna, mas escuta bem: vai ser uma trabalhadeira levar a água até Fonds Rouge; todo mundo terá de ajudar e se não fizerem as pazes não se arranjará nada. Vou te contar: no princípio, em Cuba, a gente estava à toa, sem defesa nem resistência; um se dizia branco, outro era negro e ninguém se entendia: a gente estava espalhado como grãos de areia e os patrões pisavam em cima dessa areia. Mas quando vimos que todos éramos iguais, quando nos unimos para a *huelga*...

– Que é que quer dizer *huelga*?

– O que vocês chamam de greve.

– Também não sei o que é.

Manuel lhe mostrou a mão aberta:

– Olha este dedo, como é fraco, e este outro, é tão magro, e mais este, que não é lá essas coisas, e este aqui, coitado, não é lá muito forte também, e o último, sozinho e sem ajuda.

Cerrou o punho.

– E agora? Não é uma mão sólida, bem maciça, bem forte? Parece que sim, hem? Pois bem, a greve é isso: um NÃO de mil vozes todas juntas e que se abate sobre a mesa do patrão, como uma rocha pesada. Não! Digo-te eu, não! E é não! Nada de trabalho, nada de *zafra*, não se corta nem uma folha de cana, se não pagares o valor do trabalho da gente. E o patrão, que é que ele pode fazer? Chamar a polícia. Isso, porque patrão e polícia são uma cambada só, se unem como a pele e a camisa. E dizer: pau nesses bandidos. Nós não somos bandidos, somos trabalhadores, proletários – é assim que se diz – e a gente fica firme, unido, debaixo do temporal solto; alguns caem, mas o resto está firme, mesmo com fome, com a polícia, com prisão, e o tempo está passando, e a cana esperando, apodrecendo na roça. A usina espera com os dentes de suas moendas parados, o patrão espera fazendo a conta do que deixa de entrar para o seu bolso, e, no fim, é obrigado a fazer o acordo: Então, que é que há? – vem ele dizendo – não se pode conversar? Claro que se pode conversar. É que nós ganhamos a luta. E por que? Porque estamos unidos, fundidos num só bloco como as montanhas, não há força na terra nem no inferno que possa abalar e acabar com ela.

Olhou ao longe, para a planície, para o céu alto com um precipício de luz:

–Tu vês, a maior coisa do mundo é que todos os homens são irmãos na miséria e na injustiça.

Ele disse humildemente:

– E eu, que é que posso fazer?

– Quando eu der com a água, eu te aviso e tu comesas a falar com as mulheres. Mulher é mais difícil de lidar, não digo que não, mas também é mais viva e age mais com o coração; e, as vezes, tu sabes, o coração e a cabeça são uma coisa só. Tu chegas e falas: “Prima fulana, já sabes da notícia?” “Que notícia?”, pergunta ela. “Dizem que esse rapaz Bienaimé, esse negro que se chama Manuel, descobriu uma nascente. Mas ele diz que é um trabalhão trazer água para a planície, que é preciso fazer um mutirão de todo mundo, mas, como todo mundo anda brigado, não é possível e a fome vai ficar lá onde está sem prestar para ninguém”. Depois, puxas a conversa para o lado da seca, da miséria e dos meninos que enfraquecem e adoecem e, se se tivesse água, se houvesse um canal, tudo virava pelo avesso; e se ela se mostrar interessada, tu falas também que essa história de Dorisca e Sauveur já passou e que o interesse dos vivos vale mais do que a vingança dos mortos. Tu corres cada uma das comadres com essa conversa, mas com cuidado e com todo o jeito, com panos quentes como: “é uma pena, é; e sé, apesar de; pode ser que, contudo...” compreendeste, minha negra?

–Compreendi e te obedecerei, meu negro.

–Se isso pega, os homens não vão ter mais sossego. Os mais duros vão se cansar de ouvirem as mulheres reclamar todo o santo dia, sem falar da noite: água, água, água... Isso será o mesmo que chocalho de cascavel no ouvido: água, água, água... até a hora de verem a água correr de verdade pelas roças, as plantas brotarem sozinhas. Então, vão dizer: “Está bem, mulher, está bem, estamos dispostos”. De meu lado me responsabilizo por meus vizinhos, eu vou lhes falar como é preciso e eles aceitarão, estou certo disso. E não demora o dia em que os dois lados se toquem:

“Então, irmãos – dirão uns – somos irmãos ou não somos?” “Somos irmãos sim”, dirão outros. “Sem rancores?” “Sem rancores”. “De verdade?” “De verdade?”. “Vamos para o mutirão?” “Vamos para o mutirão”.

–Ah – disse ela com um sorriso maravilhado – como sabes fazer as coisas. Eu mesma não sei, mas também sou esperta sim, tu vais ver.

–Tu? Tu tens boa cabeça. Queres ver? Responde a esta pergunta; é uma adivinhação.

Mostrou a planície com a mão estendida:

–Estás vendo minha casa? *Bueno*. Agora me acompanhes pela esquerda, tira uma linha reta do morro até

aquele lugar, à beira do bosque. *Bueno*. É um lugar bonito, não é? Ali agente podia fazer uma choupana, com alpendre, duas portas e duas janelas e talvez até uma escadinha, hem? As portas, as janelas, as balaustras, vejo tudo isso pintado de azul. O azul dá um ar de coisa limpa. E na frente da casa, se a gente plantasse uns loureiros, não é planta de serventia, não dá sombra, nem fruto, mas só por prazer e de enfeite.

Passou-lhe o braço pelo ombro e Annaíse estremeceu.

– Quem será a dona da choupana?

– Deixa-me, deixa-me – disse com voz entrecortada – estou com calor.

– Quem seria a dona do pomar?

– Deixa-me, deixa-me, tenho frio.

Libertou-se de abraço, levantou-se. Tinha a cabeça baixa, não o olhava

– É a hora de partir.

– Não respondeste à pergunta.

Começou a descer a vertente e ele a seguia. Ela desamarrou a rédea do cavalo.

Voltou-se para Manuel.

Uma luz iluminou-lhe o rosto, não era raio de sol poente, era alegria grande.

– Oh Manuel.

Ele prendia num abraço a doçura cálida e profunda de seu corpo.

– É sim, Anna?

– É sim, meu bem. Mas deixa-me ir, por favor.

Ele atendeu o pedido dela e ela deslizou de seus braços.

– Então, adeus meu amo – disse com uma reverência

– Adeus Anna.

Com um movimento ágil, saltou sobre o cavalo. Pela última vez, sorriu-lhe e, esporeando com o calcanhar o alazão, desceu a ladeira.

Capítulo 7

Ao aproximar-se de Fonds Rouge, a noite começou a envolvê-la, mas, de tanto passar por ali àquela hora, o alazão conhecia bem o caminho. Sua andadura firme embalava os pensamentos de Annaíse: continuava perturbada pela languidez que se apossara dela, essa surpreendente revelação de sua carne, esse girar à deriva de árvores a céu ante o olhar desgarrado, e que a teria deixado rendida e indefesa nos braços de Manuel, se a sua força de vontade não tivesse aferrado a um pânico obscuro.

“Ela perdera a alma, ah, Deus, bom Deus, qual era esse feitiço? Faço o sinal da cruz, protegi-me Virgem da Alta Graça, certos malditos sabem as maldades de virar um homem em fera, em planta, ou em pedra, de repente, é verdade, sim. E eu não sou mais a mesma, que foi que se deu? Estou sentindo uma doçura que quase chega a doer, um queimar de gelo, estou vendo que me entrego, nem sei de mim. Ó meu amo, que não tens feitiço ruim, dono das águas, que conheces tudo quanto é fonte, até a nascente escondida no fundo da minha vergonha, para que despertaste essa água? Agora ela me arrasta, que é que eu posso fazer? Adeus, eis-me aqui. Pegarás minha mão e eu te seguirei, tornarás meu corpo em teus braços e eu te direi: toma-me que eu farei teu gosto e tua vontade, é o destino”.

De repente, o cavalo passarinho, alguém ou alguma coisa saltara no caminho.

– Quem está aí? – gritou ela, alarmada.

Ouviu uma gargalhada rouca:

– Boa noite, prima.

– Quem está aí? Quem é?

– Não estás me conhecendo?

– Quem enxerga nesse escuro?

– Sou eu, Gervilén.

Pôs-se a caminhar ao lado dela, uma sombra achatada, apenas perceptível na noite. E naquela presença ela sentiu uma vaga ameaça.

– Parece que te atrasaste na vila?

– Foi. Ninguém queria o milho e eu não sei o que tem este cavalo para estar tão lerdo hoje. Este bicho só dá aborrecimento.

– Não tens medo de voltar no escuro?

– Eu, não. Esta entrada não tem bandidos.

– Não é nos bandidos que está o perigo.

E com o mesmo riso sinistro:

– O perigo são os espíritos maus, os demônios, os grandes diabos, tudo quanto é Lúcifer.

– Peço perdão a Deus, Santiago, São Miguel, ajudai-me – murmurou ela assustada.

– Estás com medo?

– Meu coração disparou.

Gervilén calou-se por um momento, e no silêncio Annaíse sentia uma angústia insuportável.

– Dizem que existe um nestas pastagens.

– E onde?

– Queres saber?

– Sim, depressa!

Ele sibilou entre os dentes:

– No alto do morro das palmeiras.

Ela compreendeu instantaneamente. Gervilén os surpreendera, o espião, o Judas.

Disse com fingida indiferença:

– Às vezes não é verdade.

– Seja como for, tu não passas por lá, não é?

Não é teu caminho.

– Não.

– Mentira.

Ele puxou o freio com tal violência, que o alazão encabritou e escoiceou o ar.

Ele gritara, mas sua voz ficara no fundo da garganta, rouca e cheia de furor. Ela sentiu-lhe o bafio envenenado de “branquinha”.

– Mentira! Sem-vergonha. Eu vi vocês com meus olhos.

– Larga essa rédea, você está bêbedo; e eu tenho pressa de chegar.

– Bêbedo? Pensas que eu não vi aquele sujeito botar as patas em ti? E nem te deste por achada...

– Mesmo que fosse verdade, com que direito te metes na minha vida? Que é que tens com isso?

– Tenho sim, com os diabos. Somos da mesma família: Rosanna não é irmã da falecida Miranise, minha mãe?

– Estás cheirando à cachaça – disse ela com repugnância.– Isto me dá enjoô.

– Estás desfazendo dos outros, mas procedes como uma rameira. E logo com quem? Com um João-ninguém, que vagabundeou pelas terras alheias como um cachorro sem dono, o filho de Bienaimé, o sobrinho de Sauveur, quer dizer, o que há de pior no meio dos inimigos.

Falava com veemência e azedume, mas em voz baixa, como se a noite estivesse à escuta.

Iam ao encontro das luzes vacilantes. Os cães começavam a ladrar. Nos quintais, a sombra dos camponeses se agitava ao clarão das cozinhas ao ar livre.

– Annaíse?

Ela não respondeu.

– Estou falando contigo, Annaíse.

– Ainda não te cansaste de me xingar?

– Foi porque eu estava doído de raiva.

– Estás pedindo desculpas?

Como se cada palavra lhe fosse arrancada com tenazes, ele murmurou:

– Desculpe.

Continuava a segurar a rédea.

– Annaíse, esqueceste o que te falei outro dia?

– Isso, nunca!

– É tua última palavra?

– É.

– Não carece mandar meu tio Dorismé pedir a Rosana tua mão?

– Não, é trabalho perdido.

Lentamente e com esforço, a voz rouca de quem está sufocado, ele disse:

– Vais te arrepender, Annaíse. E eu juro: quero que o raio me vire cinza e que a Virgem me cegue, se eu não me vingar.

Na escuridão, ela adivinhou o rosto convulsionado de Gervilén.

– Não me metes medo.

Mas a inquietude dominava-lhe o coração.

– Sou um homem de palavra; toma nota do que estou dizendo: esse negro vai se arrepender de ter atravessado no caminho de Gervillís Gervilén. Coitado dele!

– Que é que vais fazer?

– Coitado dele – torno a dizer. Um dia hás de saber o que eu quero dizer e aí podes morder a carne, que não sai sangue.

– Eia! – gritou ele bruscamente ao cavalo, golpeando-lhe raivosamente a anca com a mão.

O alazão partiu a galope e Annaíse teve dificuldade em dominá-lo.

Quando chegou, Rosana a esperava. Era uma negra enorme: tomava toda a porta.

– Por que chegas tão tarde?

Annaíse apeou e Gille, seu irmão, aproximou-se para desarrear o cavalo.

– Falo com essa menina, e ela parece que nem ouve – disse Rosanna zangada.

– Boa noite, mana – disse Gille. – Mãe está perguntando porque chegaste tão tarde.

– Ah! – gemeu ela, exausta – se soubessem como eu estou cansada.

Capítulo 8

– Andas preocupado, não adianta fingir, eu bem vejo: pergunto o que é e não dizes nada. Não está certo, meu filho, isso não se faz. Será que não tens confiança? Desde menino és assim, retraído e caladão. Mas, às vezes, ah, meu Deus, parece que foi ontem, mas passou tanto tempo, chegavas para mim, de noite: mamãe, conta aquela história, eu fingia estar ocupada e tornavas a pedir: mamãe, por favor. A gente ficava sentado neste mesmo lugar, a noite vinha e eu começava: “Era uma vez”, e ao cabo pegavas no sono, a cabeça em meu colo. Era assim, meu filho, é tua velha mãe que está dizendo.

Délira pôs um pedaço de inhame no prato de Manuel, com um pouco de milho. Era tudo o que havia para comer.

– Estás caducando, mulher – disse Bienaimé.

– Pode ser, pode ser que eu esteja caducando. Para mim o que passou e o dia de hoje não são muito diferentes. Não te enfades, Manuel, se a velha fala demais: para mim, sempre há de ser menino, e quando andavas perdido pelo estrangeiro e eu estava aqui esperando, tinha um peso do lado do coração, parecia que ainda estavas no meu ventre. Era o peso do sofrimento, oh! Manuel! Quanta mágoa! E agora que voltaste, não ando tranqüila, não, e nestas últimas noites tenho sonhado coisas ruins.

Manuel comia em silêncio. Sentada aos seus pés, sobre o banquinho, contemplando-os, a mãe tinha os olhos banhados na tristeza.

– Não tenho nada, mamãe. Não estou doente, estou? Não te preocupes.

– Que doente, que nada! – interveio Bienaimé – onde já se viu negro mais disposto? Délira vai afinal deixar Manuel em paz? E se eu também começar a puxar pela memória? Quem te ensinou a manejar a enxada e a foice, a capinar, a plantar, até a fazer alçapão para pegar passarinho?

Não parava mais.

Apanhou um tição e acendeu o cachimbo.

– Já acabaste de comer? – perguntou Délira.

– Já. Estou cheio até aqui.

Mentira; a fome escavava o seu estômago, mas a velha ainda nem provara um bocado e não ficara muito na marmita.

Como de costume, arrastou a cadeira até junto à cabeceira voltada para a estrada. O sol batia em seus pés, mas a cabeça estava na sombra fresca.

Délira tocou humildemente o braço de Manuel.

– Desculpa, filho, desculpa todas essas queixas. Elas não tem cabimento. É de tanto pensar em ti que minha cabeça ficou dando voltas e mais voltas, como um moinho remoendo preocupação. Quando somes por esses morros aí – ninguém sabe atrás de que – eu fico te vendo desaparecer entre os campeches e de repente meu coração para: se ele não voltasse, se ele fosse embora para sempre? Estou certa de que isso não é possível, mas fico rogando a meus anjos e a meus santos, como se a minha cabeça corresse um perigo bem perto e de noite acordo, abro a porta do teu quarto e te vejo deitado: ele está aí, está dormindo graças, Virgem Milagrosa. É que és tudo o que eu tenho nesta vida, meu filho, mais o velho, tão ranzinza, pobre do Bienaimé.

Manuel acariciou-lhe a mão. Estava profundamente comovido.

– Não te preocupes comigo, ouviste mamãe?

Não demora, vais ter uma notícia muito boa, sim.

Ando preocupado porque vivo esperando chegar esse dia e não tenho paciência.

– Que notícia, que coisa é essa de que falas, Manuel?

– Ainda é cedo para dizer. Mas vai ser uma alegria, podes esperar.

Délira fitou-o, boquiaberta, depois um terno sorriso varreu de seu rosto o resto da ansiedade.

– Escolheste uma moça? Ah! Manuel! Já era tempo de assentares a vida com uma negra séria e trabalhadeira, não uma dessas sapecas da vila. Quantas vezes eu pensei: não tenho muitos anos de vida, será que vou morrer sem ver os filhos de meu filho? Como é o nome dela? Olha que eu já sei. Quer ver: é Marielle, não é? Então é Celine, a filha de comadre Clairemise, é muito direita também.

– Nem uma, nem outra, mamãe, e não se trata disso. Que dizer...

– Quer dizer o que?

– É isso também, mamãe, e já é certo. Mas é outra coisa, tudo ligado como o cipó e a árvore, mas não me perguntes, mamãe. Sem faltar com o respeito que te devo, ainda é segredo, por causa de certas atrapalhões.

– Estou vendo que ainda guardas segredo para tua própria mãe.

Estava desiludida e um pouco mortificada.

– E como é esta moça? Pelo menos não é uma dessas emproadas, é?

– É uma negra que não tem igual em toda a redondeza.

– Que pele tem? É negra retinta ou é dessas cor de formiga?

– Negra, negra. Mas agora a senhora vai me perguntar se tem olhos grandes ou não, um nariz assim ou assado, se é alta ou baixa, gorda ou magra, de cabelos de trança ou curtos, e assim está tirando o retrato, é o mesmo que ela estivesse aí em sua frente.

Manuel riu.

– Ah! Mamãe, a senhora é esperta, sim.

– Bem, bem – disse Délira, fingindo estar aborrecida. – Boca calada, não quero saber nada, não me meto em nada. Podes ir embora, meu senhor, vou lavar meus pratos.

Via-se, porém, que a aventura a intrigava e a encantava. Manuel passou-lhe o braço pelo pescoço e ambos riram. O riso de Délira era surpreendentemente jovem; é que, com a vida que levava, jamais tivera muito tempo para mostrá-lo; não, não tivera tempo de gastá-lo e o conservava cheio de frescura, como um canto de pássaro em ninho de velho.

– Até parece um casal de namorados – exclamou Bienaimé.

Seus braços levantados tomavam o céu como testemunha.

– Há pouco ela estava choramingando, agora está rindo. Isso é uma comédia? Mulher e tempo muda com o vento. Mais o diabo é que esse ditado não é certo: eu bem queria que caísse uma chuva depois de toda esta seca.

Puxou uma baforada.

– Tempo excomungado como este nunca vi.

O céu, azul de ardósia, apresentava uma superfície nua ao duro brilho do sol. As galinhas de asas abertas buscavam a sombra. O cãozinho dormia, a cabeça entre as patas. Podia-se contar os ossos do seu corpo: pois se os filhos de Deus não tinham o que comer, que seria dos cães?

Bienaimé fechou os olhos, segurando ainda o cachimbo apagado, mas a cabeça pendia para um lado; agora, a qualquer momento, mergulhava no sono, que repetia muitas vezes o mesmo sonho; um campo de milho sem fim, as folhas gotejantes de orvalho, as espigas tão gordas que rompiam o invólucro e mostravam fileiras de grãos que pareciam rir.

Délira, esta lavava pratos. E cantava. Era uma canção parecida com a vida, quero dizer que era triste: ela não conhecia outra. Cantava baixinho e era uma canção sem palavras, de boca fechada, que ficava na garganta como um gemido. No entanto, desde que conversar com Manuel seu coração estava tranqüilo,

mas – que quereis? – não sabia outra linguagem que essa queixa dolorosa, e ela cantava como só as negras cantam: foi a vida que lhe ensinou e é uma canção que torna sempre ao começo, pois foi criada à imagem da miséria, e – disse-me vós – quem sabe onde termina a miséria? Se Manuel ouvisse seus pensamentos, ralharia com ela: ele vê todas as coisas sob uma luz de alegria, sob uma luz vermelha; diz que a vida é feita para os homens, todos os negros, tenham satisfação e contentamento; com certeza tem razão; um dia passa e outro virá para trazer essa verdade, mas, até lá, a vida é um castigo, eis o que ela é, esta vida.

Durante um largo momento, tudo parecia adormecido, e só o canto embalava o silêncio, que é o sono ruído.

Mas a voz excitada do acompanhador acordou Bienaimé.

– Bienaimé, ô Bienaimé, há novidade – disse.

O velho bocejou, esfregou os olhos, sacudiu a cinza do cachimbo.

– Já chegas com fuxicos. Se andasse tão ligeiro como tua língua, ias daqui a Port-au-Prince enquanto o Cão esfregava o olho.

– Não é fuxico, é verdade de deus Nosso Senhor: Saint-Julien foi-se embora e compadre Loctama também.

– Pois eles voltam. O cavalo sabe o tamanho da corda que lhe dão.

– Mas foram mesmo de uma vez. Erzulie, a mulher de Saint-Julien, disse que eles vão passar a fronteira pelo lado do Grande Bosque, para procurar trabalho da Dominicana. A pobre chora e se lamenta. Breve fica sem uma gota d’água no corpo. Ela ficou com seis negrinhos, tudo pequeno. Que queres? É isso, esta seca é um desalento e alguns não se conformam com morrer; preferem deixar de seus pais para procurar a vida em terra alheia. E Chari é, a filha da comadre Sylvine, também foi embora.

– Não me digas?

– Ué, se é assim! Não demora outras vão tomar o mesmo rumo. Foi embora para a cidade. Sabes como vai terminar? No pecado e com doenças do mundo. Mais vale feio do que morto, diz o ditado. E vamos morrer, todo mundo, se continuar assim. Eu, por mim, não peço outra coisa: estou velho, já dei o que tinha. E para que viver, se não posso mais querer o tambor no ombro e puxar o mutirão tirando o ponto, para depois de beber meu gole de “branquinha”? Nasci para isso, dedos parecem vara de tambor e, no lugar do tutano, uma ninhada de canários. Para que viver assim, me diga: meu tempo já passou.

O acompanhador tinha bebido um pouco e agora estava sob o amargo da ressaca.

– Jesus-Maria – suspirou Délira. – se os moços vão-se embora, quem vai enterrar nossos velhos ossos, para que, no Dia do Juízo, fiquem entre o Diabo e o Padre Eterno?

– Não me amoles, Délira – grunhi Bienaimé. – O bom deus acaba de cansando de tanto ouvir o nome dele na tua boca por dá cá aquela palha.

Voltou-se para Antoine:

– A gente não pode permitir isso, não. Esta terra deu comida aos avós da gente. Ainda presta, só que precisa um pouco de água. Diga a eles que a chuva vem, para terem um pouquinho de paciência. Não, eu mesmo vou falar com eles.

Restava saber se os vizinhos ouviriam a Bienaimé. Estavam carregados de miséria, não podiam mais. Perdiam a cabeça os mais razoáveis, os mais fortes fraquejavam. E os débeis cruzavam os braços, seja o que Deus quiser, diziam. Deitados em suas esteiras, na frente dos casebres, sombrios e calados, ruminando a persistente falta de sorte, desfibrados. Outros gastavam seus últimos cêntimos com a “branquinha” de Florentine, mulher do oficial da Polícia Rural, ou às vezes a compravam a crédito, o que mais cedo ou mais tarde lhe traria atrapalhões. O álcool dava-lhes uma breve sensação de vigor, uma rápida ilusão de esperança, um momentâneo esquecimento. Despertavam, depois, com a cabeça fervendo

e a boca seca; a vida tomava um gosto de vômito e eles não tinham sequer um pedaço de carne em conserva para reanimar o estômago.

Fonds Rouge partia-se em cacos e esse cacos eram os seus bons habitantes, esses negros experimentados e com grande coragem para trabalho da terra, e isso era uma pena, pois não era?

– Manuel, onde está esse Manuel? – gritou. Bienaimé.

– Saiu – respondeu Délira.

– Sempre longe, sempre fora, sempre batendo perna por esses morros. Esse teu filho, Délira, é um negro malandro.

– É teu filho também Bienaimé.

– Não me desmintas. Essas manias ele puxou de ti.

– Sim, porque tu não tens defeitos.

– Não digo isso para não parecer convencido.

– Alguns não podem esquentar lugar, tem o traseiro leve como papagaio de papel. Se não podem ficar no mesmo lugar, não é culpa deles – disse o acompanhador.

Mas Délira estava zangada, Quando isso acontecia, coisa rara, ela aprumava o corpo descarnado, e parecia muito alta; sua voz não se elevava, permanência calma e sossegada, só as palavras adquiriram um tom cortante.

– É isso: eu fui sempre uma vagabunda, não passei a vida inteira trabalhando para ti de manhã à noite, só fiz rir e dançar. Estas rugas, estas pregas no meu rosto não foi a miséria que fez, não foi ela que me tirou sangue das mãos. Ah, se pudesses ver meu coração! Mas tu és um negro sem defeitos, ninguém é igual, ninguém se compara a ti. Dou graças a Deus de ser mulher de um homem como tu, pobre de mim que não presto para nada.

– Bom, chega, chega; chega, mulher, meus ouvidos não agüentam mais. Compare Antoine, vamos ver o que se passa.

Contemplando os homens que se afastavam, Délira sorriu; sua cólera já era mansidão.

– Ah Bienaimé, pobre do meu negro – murmurou.

O pensamento voltou-se logo para Manuel: “De que será que ele anda atrás nesses morros? Será um tesouro?” De repente, a idéia lhe ocorreu: “os franceses brancos moraram por aqui, ainda se viam aqui e ali os traços de suas andanças e o povo não diz que um morador do Boucan Corail deu por acaso com um jarro cheio de ouro, quando estava remexendo na roça? Como era mesmo o nome do morador? Ora, esqueci, mas não faz mal, a coisa era verdade, e Bienaimé chegou até a ver uma moeda daquelas, que era grande assim e pesava muito; um italiano, que morava na vila, tinha comprado tudo por muito dinheiro e esse morador... mas como era o nome dele? Ciriaque, era isso: e Ciriaque comprou terra para as bandas de Morebalais e virou um grande fazendeiro. Mas dizem que para dar com um tesouro é preciso ter parte com o diabo. Manuel não é disso, estou certa ou não”.

... A lombada de Chambrun, por onde andava Manuel, elevava-se no centro de uma pequena planície, que a isolava, como uma ilha, das colinas circundantes. Dali, a vista à roda alcança toda a região: no nascente, o promontório em declive, do qual se elevavam rolos de fumaça, era Bellevue, com suas choupanas de teto incluindo, era Boucan Corail, e, mais longe, perdida no azul da distância, entalada numa ladeira suave, Mahotiére e o belo desfile de suas roças de cereais, à sombra das mangueiras e abacateiros. Seus habitantes tinham a sorte de ter uma fonte de água para beber e lavar roupa. Ela fluía de uma grota onde cresciam couves caraíbas, agrião e até hortelã. Ali se abasteciam os moradores de Fonds Rouge, mas a fonte era longe e as cabaças cheias pesavam muito no caminho de volta.

“O povo trata aquilo de Terras Frias porque é diferente da baixada. Os moradores são mais fornidos

que a gente e têm um jeito engraçado de arrastar o traseiro quando andam. Negros–congo, como a gente os chama mais assim mesmo sempre nos demos bem com eles.

Acima de Mahotiére, a um dia de trote, chegava-se ao maciço de Villefranche: seus bosques de pinho começavam nos flancos, perdidos na cerração farrapos úmidos pior que chuva, que penetram até à medula dos ossos. Era uma montanha a pique cercada de precipícios sem fundo, coroados de agulhas erguidas para o céu violento; as árvores ali são negras e severas; em seus galhos o vento se queixa dia e noite, pois os pinheiros são sensíveis e cantam.

Já ouvi dizer que tal planalto dava uma boa pastagem e que o gado engordava à vontade, mas nunca fui para lá de Les Oranges, onde mora minha comadre – chamada Furélia – e lá faz um frio tal que nós, negros da baixada, não podemos agüentar.”

Ante o olhar de Manuel a fileira de montes estendia-se até o poente, em uma só onda de um azul murcho e suave; e se às vezes um vale a rompia, como esse planalto de Chabrun, essa onda retomava impulso com a nova ondulação e se recobria já de acácias, já de azinheiros, já de vegetação rasteira e confusa, da qual se erguiam as palmeiras.

Um rápido movimento do ar, leve e sedoso, o fez levantar a cabeça para certo pronto da folhagem. “É o painço”. Seguiu com o olhar a esteira cinzenta, que desaparecia esparramada num morro próximo.

De repente ocorreu-lhe uma idéia que o pôs de pé: “O pombo bravo prefere os lugares frescos. Caramba! Até parece um sinal do céu!” Desceu o morro quase correndo. O coração batia-lhe com violência. “Que é que tens, Manuel?” – dizia consigo. “Parece que vais ao encontro de uma pequena pela primeira vez. Tens o sangue a ferver”. Uma angustia estranha embargava-lhe a garganta. “Tenho medo que seja como das outras vezes, um engano, uma decepção e sinto que, se não der com ela desta vez, vou perder a esperança. Até pode ser que diga: está bem, tanto pior. Não, não é possível! Pode-se lá abandonar a terra, dar-lhes as costas, romper com ela, sem perder o fio da vida, o uso das mãos e o gosto de viver? Por certo que recomeçaria a procura, bem o sabia, era sua missão e seu dever. Os moradores de Fonds Rouge, esses cabeças–duras, esses cabeças de pedra precisavam da água para achar de novo a amizade de irmãos e refazer a vida como ela deve ser: trabalho de boa–vontade entre negros igualados pela necessidade e pelo destino comum.”

Atravessou o corredor da baixada, ia ligeiro, apressado, impaciente, e parecia-lhe que o sangue se enroscava e procurava escapar por esse tumulto surdo dentro de seu peito.

“Foi ali que os pombos bravos pousaram. Um cerrado bem copado tem até mognos e esta folhagem cinzenta, que fica cor de prata à luz do sol, não me engana: são cornetas e, por certo, também, acácias. Mas por onde vou entrar?”

O ouvido, mais do que os olhos, o guiava. Ia abrindo caminho a golpes de facão no emaranhado de plantas e cipós, esperando a cada passo ouvir o vôo espantado dos pombos bravos.

Cortava o caminho de viés para o centro do cerrado. Já tinha notado esse lugar escondido, esse cerradinho sombrio, onde as árvores se embaralhavam na penumbra.

Uma rachadura do terreno surgiu inesperadamente diante dele. Desceu por ela, agarrando–se nos arbustos. As pedras que rolavam sob seus pés despertaram logo depois um bater de asas multiplicado os pombos bravos deixavam os ramos e pelas frestas da folhagem dispersavam–se por todos os lados.

“Estavam lá para cima, na figueira brava lá do alto.”

Manuel encontrava-se ao pé de uma espécie de corredor estreito, obstruído por cipós que caíram das árvores em novelos desfeitos. Circulava uma corrente de ar frio e talvez, por isso, as plantas caprichosas e desordenadas cresciam ali com tanta fartura e força. Começou a subir no rumo da figueira brava, sentindo o ar agradável secar–lhe o suor. Caminhando em meio a um grande silêncio, entrava numa penumbra verde e o último golpe de facão lhe revelou o cerrado enfeixado no centro de uma larga

plataforma, onde a figueira gigante se erguia com o impulso de um tronco possante; seus galhos cobriam o espaço com uma sombra venerável, e suas monstruosas raízes estendiam a mão autoritária para a posse e o segredo desse recanto de terra.

Manuel deteve-se; mal podia crer nos seus olhos e uma espécie de fraqueza repentina tomou-lhe os joelhos. É que ele via taiás, tocava mesmo numa de suas largas folhas, lisas, geladas. E o taiá é companheiro das águas.

O facão cravou-se no solo, ele cantava furiosamente e, mal fizera um buraco pequeno e estreito, da terra, alva como cal, brotou a água.

Recomeçou, mais adiante, atacando com frenesi os taiás, ceifando-os às braçadas, arrancando-os aos feixes e com suas próprias unhas; a cada vez, havia um fervilhar de pequena poça, que logo se aquietava e era um olho de água clara.

Manuel estirou-se no chão. Empolgava-o com todo o seu corpo: É ela, a doce, a boa, a corrente, a cantadeira, a fresca, a bênção, a vida”.

Com os lábios, beijava a terra e sorria.

Capítulo 9

– Reparaste em nosso Manuel? Anda há dois dias com o bicho carpinteiro. Esta por aqui, está por ali, não esquenta lugar. Chega na estrada, senta no alpendre, levanta de novo. A gente chama, ele não escuta, chama de novo, e ele parece que esta acordando: “Hem? O que foi?”, pergunta, mas a gente vê que ele não esta prestando atenção. De noite ele se debate, se vira e se agita no colchão, e o sono não chega. Hoje de manhã estava rindo sozinho enquanto se lavava atrás da casa. Será que ele esta bom da cabeça, o nosso filho? Bienaimé, homem, responde, Bienaimé.

– Que é que queres que eu diga – fez o velho de mau-humor. – Não estou nele, não, e nem na cabeça dele. É um negro agitado, esse Manuel, um negro que não para. Esta aí o que é. Uns são moles por natureza e outros vivos como um raio. Que é que isso tem de esquisito? Não vejo motivo para te preocupares. Queria que ele ficasse como um gurizinho, agarrado na barra da sua saia, só dizendo: mamãe, tenho isto; mamãe, tenho aquilo, como se ele não tivesse crescido, não fosse homem feito, com todo o entendimento? Pois deixa Manuel em paz: potro novo é para correr solto. Dá cá um tição para eu acender um cachimbo.

– E quem foi que se queixou outro dia que ele não para?

– Eu? Quando? – o velho fingia surpresa. – Estás querendo me arreliar, Délira?

– E essa pá que ele foi comprar ontem no povoado, para que é, hem? E para onde foi com ela hoje cedo e por que, quando voltou, a pá estava suja de uma terra branca que eu nunca vi por aqui?

– Como é que queres que eu responda a tantos por quês? Não queres saber também por que é que em certos dias a Lua parece uma talhada de melão e em outros é redonda como um prato? É que tu vives a meter raiva na gente, Délira. Passa todo santo dia buzinando meus ouvidos com suas perguntas. Quando eras moça, era de pouco falar, era custoso arrancar uma palavra tua. Para falar a verdade, tenho saudades desse tempo.

Acomodaram-se novamente na cadeira, carrancudo e descontente, os lábios apertados no cabo do cachimbo.

Os aborrecimentos acumulavam-se. Quando um homem anda de azar, é como urubu: o de baixo suja no de cima. A bezerra pintada enredara-se na corda e torcera um quarto. Dorméus cuidara dela e cobrara três piastras, o sem-vergonha, mas ela tardava a sarar, e Bienaimé teria de esperar ainda para vendê-la. Lhérisson fora trabalhar para os lados da Croix-des-Bouquets, numa turma de Serviços Públicos. Outros pensavam em seguir-lhe o exemplo e mesmo deixar Fonds Rouge de uma vez. E, por cima, esse Manuel, que ainda andava como se fosse ter um ataque de mal caduco, quando, enfim, pela barba do Espírito-Santo, perdão, meu Deus, que pecado! Quando será que terminaram todas essas aporrinhações?

E eis a comadre Déstine. “Como será que ela faz para conservar toda essa banha?” pensa Bienaimé. Sua figura preta e gorda brilha como um couro engraxado.

– Passei para dar bom-dia, comadre Délira. Bom-dia! Compadre Bienaimé.

– Bom-dia, comadre – responde o velho. Finge dormir, pois não sente vontade de conversar.

Délira deu o banquinho a Déstine. Ela fica de pé. Déstine senta-se e suas nádegas sobram por todos os lados.

– Como vai a vida? – pergunta.

– A penitência continua – suspira Délira.

Com um movimento de cabeça indica o campo e ergue os olhos para o céu implacável.

É o momento mais quente do dia, e não é ao meio-dia, mas sim perto das duas horas, quando a terra

começa a desprender um vapor que sobe e baila e de tão forte obriga os olhos a piscar.

Dos campeches vem o arrulhar triste da pomba rôla ao qual o macho responde com um chamado grave. Esse diálogo, porém, não interrompe o silêncio, acompanha-o e o faz mais pesado e mais sensível.

– Vou-me embora daqui, eu também – declara Déstine.

– Não me digas!... – exclama Délira assustada.

– Sim, meu bem, é isso mesmo. Vamos deixar a terra dos nossos, meu negro Joaquim e eu. Temos parentes do lado de Boucan Corail, parentes distantes, mas pode ser que nos façam a caridade de dar um pedaço de terra para a gente fazer um ranchinho e plantar uma rocinha. Vamos, é a vontade de Deus, Délira, mas me dá uma pena...

Chorava. As lágrimas traçavam sulcos salgados em suas faces.

A vida se esgotava em Fonds-Rouge. Bastava atentar no silêncio para ouvir a morte; bastava entregar-se a esse torpor para sentir-se amortalhado. O ruído regular e repetido dos pilões tinha se calado: nem um grão de milho restava, e longe ia o tempo do mutirão, do canto viril e alegre dos homens, das enxadas brilhando ao sol na mão dos lavradores, o tempo feliz em que se dançava quadrilha debaixo de latada e as vozes das jovens negras brotavam como uma fonte na noite, adeus, bom tempo; adeus, tempo da graça e da misericórdia, adeus, adeus, vamos embora, isto já passou. Ó meus “loa”, meus “loa” da Guiné, não pesastes bem o trabalho de nossas mãos e nosso quinhão de miséria, vossa balança tem pesos falsos e por isso nós morremos sem socorro e sem esperança. Será que é justo isso? Respondei-me! Não, na verdade não é justo.

Delira fala e sua voz é tranqüila:

– No dia de todos os Santos, limpei as sepulturas de meus mortos. Então todos enterrados aqui. Eles me esperavam. Meu dia começa a acabar, minha noite vem chegando. Eu não posso sair daqui.

Déstine continuava a chorar:

– Tenho dois filhos no cemitério.

Délira tocou-lhe o ombro:

– Coragem, Déstine, há de voltar, prima, há de voltar, com a chuva e a boa estação.

Déstine limpou os olhos com as costas da mão, gorda e mole, como se desossada.

– Esta manhã havia uma cobra enroscada na viga mestra do telhado. Joaquim subiu na mesa e cortou-lhe a cabeça com o podão. Eu disse: Joaquim, olha que isso não nos traga uma desgraça, está ouvindo, Joaquim? Ele mal encolheu os ombros, sem nem uma palavra; essa situação anda roendo Joaquim, roendo por dentro como uma doença; agora ele nem abre mais a boca. E Florentine lhe cobra a conta a conta da “branquinha”, faz ameaça e diz coisas que a gente nem pode repetir, essa escandalosa, mulher de soldado!

– Levantou-se:

– Délira, meu bem, não vou antes do fim da semana, a gente se vê ainda. Encontrei Manuel, no caminho; que negro bonito. Tem sorte, prima; eu, meus dois filhos estão no cemitério, mas é a vida, ninguém pode nada contra a desgraça, o jeito é se resignar.

Quando ela partiu, Bienaimé abriu os olhos, fez a cadeira tombar para diante e bateu o pé no chão:

– Ah! Negros ingratos! – gritou. – Esta terra deu de comer a vocês dia a dia e por muitos anos, e agora vão-se embora com umas lamentações sem sinceridade e um pouco d’água nos olhos, para lavar a consciência suja e os remorsos. Cambada de falsos. Mas a gente fica. Não fica, Délira? Não é, minha velha?

– E para onde a gente havia de ir? – perguntou Délira.

Afinal, depois de dois dias de impaciência, Manuel pôde encontrá-la. Ia pela estrada, à vista das choupanas. Mas, ao passar ao meu lado, ele murmura entre dentes, sem se deter:

– Espera-me em frente do cercado de compadre Lauriston, debaixo do tamarindeiro.

Agora a levava para a fonte. Tão ligeiro caminhava, que ela tinha dificuldade em segui-lo e medo, também, de ser vista por alguém, mas Manuel assegurava que não; o lugar estava lá há muito abandonado, era um antigo algodoal, à borda dos campeches e estava cheio de erva e de espinhos, agora.

Entraram no bosque. A luz do sol se escoava por entre as folhas das árvores e chiava sobre a picada com o movimento do vento nas altas copas.

– Achas que a água dá? – perguntou Annaíse.

– Cavei até aqui.

Traçou, com a mão, uma linha na cintura.

– E não foi um buraco somente. Muitos. Por toda a lombada. Esta tudo cheio de d'água. Garanto que é uma bacia grande.

Aquela lembrança, mais que a marcha rápida, tirava-lhe o fôlego.

– Tem tanta água que se eu não tivesse tapado os buracos, creio que ia desbordar.

– É decidido de fato, Manuel.

– Não, mas tenho fé.

– Fé em que?

– Fé na vida, Anna, fé em que os homens não podem morrer.

Ela pensou um momento.

– Que é que queres dizer? É como a água, a gente tem de cavar fundo em tuas palavras para poder descobrir o que dizes.

– Sim, está visto que um dia todo homem tem de morrer, mas a vida, essa é um fio que não se quebra, que não se perde, e sabes por quê? Porque cada negro que vive dá um nó nela. Este nó é o trabalho que ele fez e é isso que dá vida a vida pelo século dos séculos: é a serventia do homem sobre a terra.

Ela o olhou fervoroso:

– Jesus, minha Virgem – Maria, como sabes coisas. E todas essas idéias saem de tua cabeça?

Ele se pôs a rir.

– Às vezes não tens dor de cabeça?

– Estás zombando, hem?

Agarrou-a pelo braço, o rosto de Annaíse alterou-se, a luz vacilou em seus olhos e ela disse com a voz embargada, por que sentia o coração batendo na garganta:

– Vamos ver a fonte.

O bosque se fazia menos denso, as árvores eram mais espaçadas; no fim da picada, abria-se o espaço livre da baixada.

– Está vendo aquele morro? – disse Manuel.

– Não este não, o outro, bem fechado, o azul-escuro que esta debaixo. É ali. Espere, vou ver se vem alguém.

Saiu do bosque, espiou os arredores. Fez um sinal e ela lhe reuniu.

– Vamos depressa, Manuel. Tenho medo que vejam a gente.

Não lhe contou que depois de seu encontro com Gervilén, na colina nas palmeiras, este a espionava. Aparecia bruscamente na volta de um caminho. Nada dizia, mas seus olhos vermelhos tinham um brilho sinistro. Nesse dia, fora ao povoado, ela o sabia, porque seu irmão, Gille, deveria acompanhá-lo como testemunha, perante a justiça de paz, no caso de um burro roubado ou perdido, já não se lembrava mais.

Gille perguntava:

– Tiveste alguma história com o primo Gervilén? Anteontem de noite, quando veio aqui, ele te olhava de uma maneira muito esquisita.

Ela não respondera.

– Parece que está sonhando – disse Manuel – tão, calada minha nêga.

– Eu queria chegar logo. Esta várzea é tão grande, sinto que alguém me olha, chego a sentir umas pontas de faca da nuca.

Manuel virou a cabeça para todos os lados:

– Não sejas medrosa, não tem ninguém. Breve a gente não vai precisar se esconder. Todo mundo vai saber para quem é que eu vou fazer essa casa. Vai ser de três peças, três; já fiz os cálculos. Os móveis eu mesmo faço, pertinho, por aqui, tem mogno e eu sou meio marceneiro. E também uma latada, com trepadeira, para dar sombra. A gente podia plantar uva não é? Com um bocado de borra de café na raiz eu acho que ela dá. Será que não?

– Será como quiseres – murmurou ela.

“Sim, eu vou ser a dona de tua casa. Semearei tuas terras e te ajudarei a colher. Sairei cedo com o orvalho, quando o Sol despertar, para recolher o fruto de nossa terra; irei no sereno da boca da noite ver se as galinhas estão empoleiradas nos galhos das árvores e se os bichos do mato não roubaram nenhuma. Levarei nosso milho e os gêneros da feira. Esperarás meu regresso à soleira da porta. A luz do candeeiro, em cima da mesa, estará de trás de ti, mas ouvirei tua voz: – achaste bom preço, minha mulher? E eu responderei segundo a sorte do dia, boa ou ruim. Servirei a mesa e ficarei de pé, enquanto comeres, e tu me dirás: obrigado, minha nêga, e eu responderei: às tuas ordens, meu amo, porque eu serei a serva de tua casa. De noite, eu me deitarei a teu lado; tu não dirás nada, mas a teu silêncio, à presença de tua mão, responderei: sim porque eu serei a serva de teu desejo. Na horta haverá com junquilha e louros à beira. Tu me prometeste. E haverá as crianças que te darei, isso eu prometo, em nome dos santos que estão na terra, em nome dos santos que estão nas estrelas.”

A fisionomia se lhe tornara grave, à imagem de sua alma.

– Estás com a testa franzida – estranhou Manuel – teus olhos olham longe. Que é que tens, minha nêga?

Ela sorriu-lhe, sua boca tremia.

– De que lado é a fonte, Manuel?

– Já chegamos, me dá a tua mão. Aqui tem uma subida que não é fácil.

Seguiram pela picada, aberta a facão, por Manuel, no emaranhado das plantas.

Manuel desceu primeiro pela grotta. Ela vacilou, resvalou um pouco e ele a recebeu em seus braços. Ele sentiu o peso e o calor de seu corpo. Mas ela se afastou.

– Aqui é fresco – disse ela – a gente sente o vento e a umidade.

Os pombos bravos batiam asas, abriam caminho entre as folhas, para o céu.

Ela levantou a vista até a ramagem que voltava a fechar-se sobre o silêncio.

– Está escuro. Como está escuro. Quem diria que lá fora faz sol. Até aqui ele se filtra gota a gota. Escuro, não ouço nenhum barulho, a gente esta longe isolada. Manuel, parece o fim do mundo.

– O começo do mundo, é o queeres dizer.

Porque no começo dos começos só havia uma mulher e um homem como tu e eu; a seus pés corria a primeira fonte, e o homem e a mulher entraram na água e se banharam de vida.

Tomou-lhe a mão.

– Vem.

Separou os cipós. Ela penetrou no mistério da figueira brava.

– É o guarda da água – murmurou ela, com uma espécie de terror sagrado.

Contemplou a ramagem carregada do musgo prateado, que pendia no ar.

- É bem velha.
- É bem velha, sim.
- Nem se vê a copa.
- A copa esta lá no céu.
- As raízes parecem patas.
- Elas seguram a água.
- Eu quero ver a água Manuel.

Ele escavou a terra;

- Olha.

Ela ajoelhou-se, molhou um dedo na poça, fez um sinal da cruz, saudou a água:

- Bendita seja, água – disse.
- E ali, olha ainda: água em todo canto.
- Estou vendo – disse ela.

Encostou o ouvido na terra:

- Eu ouço seu canto.

Escutava, o rosto concentrado, iluminado de emoção infinita.

Ele estava ao seu lado.

- Anna...

Seus lábios se tocaram.

- Meu nêgo... – suspirou ela.

Fechou os olhos. Estava estirada sobre a terra e o rumor profundo da água carreava para ela uma voz que era o tumulto de seu sangue. Não se defendeu. A mão dele tão pesada arrancava-lhe uma doçura intolerável...

Seu corpo ia ao encontro do dele numa onda febril; angústia indizível nascia dela, delícia terrível, lamento arquejante que lhe subia a boca e ela se sentiu desfalecer na liberação desse largo soluço que a deixou anulada no abraço do homem.

Capítulo 10

– O Sol está nascendo – disse Délira.

Está em cima do outeiro – responde Bienaimé.

As galinhas cacarejavam, inquietas. Esperavam o milho, mas as camponesas já não tinham o que comer ou quase nada lhes restava. Conservavam os últimos grãos, que se esmagavam no pilão para fazer um caldo espesso e pesado, mas que enchia o estômago.

Os galos se provocavam uns aos outros, as penas ao redor do pescoço arrepiadas, Trocavam algumas bicadas e esporeadas.

– Chhh!... – e Bienaimé batia palmas. Os galos apertavam-se, para se defrontarem mais adiante e, à voz bem alta, lançavam, como um clarim, novo desafio.

Era a mesma coisa em cada terreiro. Assim começa o dia, com uma luz ainda hesitante, árvores, ensombrecidas e fumaça subindo atrás das palhoças, pois é o momento do café e se é bem doce, não é mau mergulhar nele um pedaço de biscoito adoçado; bem entendido, com xarope de cana, pois açúcar, mesmo o mascavo, que é o barato, é coisa que não se pode ter nestes tempos.

– Manuel disse que ia buscar Laurélien.

– Foi o que ele disse. – Bienaimé, que é o que está havendo?

– Pode perguntar que eu não respondo.

– Faz tempo que não escuto uma palavra de sua boca.

Bienaimé sorveu um gole de café. Sentiu-se envergonhado.

– O reumatismo me atacou de novo – disse como desculpa – Não era bom uma esfrega com um pouco de azeite? É nas juntas que a coisa pega.

– Vou esquentar um pouco de azeite com sal. Assim entra mais na doença.

O velho acendeu o cachimbo. Acariciou a barba branca.

– Ó Délira?

– Que é, Bienaimé?

– Quero te dizer uma coisa.

– Estou ouvindo, Bienaimé.

– Tu és uma boa mulher, Délira.

Desviou o olhar e pigarreou.

– Quero te dizer outra coisa.

– Sim, meu velho.

– Sou um negro aborrecido.

– Não, Bienaimé, oh, não meu homem, só que tens lá seus dias. A culpa é de toda esta miséria. Mas, desde que andamos juntos nesta vida – e já faz um bom pedaço – oh, meu Deus! Com muitas aperreações e dificuldades – sempre me protegeste, nunca me faltou teu auxílio nem teu socorro, eu me apoiei em ti e tive defesa.

Mas o velho insistia.

– Se estou dizendo que sou negro aborrecido!...

– Conheço teu coração, ninguém é melhor do que tu.

– É teimosa, hem Délira: palavra que nunca vi mulher mais cabeçuda que tu.

– Está bem, Bienaimé, está certo.

– Está certo o quê?

– Que és um negro aborrecido.

– Eu? – disse Bienaimé, aturdido e furioso.

Délira soltou seu riso claro e breve.

– Não foste tu mesmo que disseste?

– Mas não é preciso repetir isso. Toda a vizinhança vai ouvir: Bienaimé é um negro aborrecido, Bienaimé é um...Está bem, e daí?

A raiva era a única seiva que lhe restava nas veias. E ele fazia um largo uso dela.

Manuel e Laurélien chegavam a passo rápido. Saíam do bosque. Riam, e Laurélien, de natural tão calmo, chapava nos ombros de Manuel palmadas capazes de derrubar um boi.

– Ele achou! – gritava de longe – ele achou!

– Que é que está dizendo esse Laurélien, hem?

Está louco será? – resmungou Bienaimé. – Olha como ele pula, parece que anda em cima de espinhos. Está bêbado já tão cedo?

Délira foi buscar cadeiras.

– Seu criado – disse Laurélien – levando a mão à frente.

– Deus te abençoe, filho – respondeu o velho.

Bienaimé fitou-o com desconfiança.

– Não se deve abusar do absinto – disse.

– Um copo para avivar o estômago, vá-lá, mas chega, é o bastante.

– É verdade – disse Laurélien. – Estou bêbado.

Retorcia as mãos enormes e ria.

– Mas estou sem beber uma gota, nem mesmo isto. Délira, como vai a vida? Ah, comadre, a vida vai mudar, de hoje em diante, a coisa vai ser outra.

Voltou-se para Manuel. Reassumiu o ar sério, habitual.

– Fala chefe, explica o caso a elas.

– É a respeito da água – disse Manuel,

Respirou profundamente. Cada palavra tinha seu peso de emoção.

Desde que eu voltei a Fonds Rouge que procuro água.

Abriu os braços, seu rosto estava cheio de sol, quase gritou:

– Dei com ela! Uma grande fonte, um caldeirão, cheio até a boca, que dá para pegar toda a baixada. Cada um vai ter o que chegue para a sua necessidade e precisão.

Bienaimé se pôs de pé num salto. Sua mão trêmula aferrou-se à camisa de Manuel.

– Fizeste isso? Deste com a água? De verdade?

Ria numa careta estranha, um riso entrecortado, e lágrimas corriam pela sua barba branca.

– Meus respeitos, meu filho, é teu pai quem diz, meus respeitos porque é um grã negro. Sim, tiro o chapéu diante de ti, Manuel Jean-Joseph.

Délira, ouviste, meu filho deu com a água. Ele sozinho, por suas próprias mãos. Não nega o sangue, não nega a raça. Somos assim na nossa família: negros de iniciativa, e não é a inteligência o que nos falta.

Não largava Manuel. Gaguejava os olhos marejados.

– Ah ! Rapaz, rapaz...

Délira apertava o coração ao peito. Contemplava Manuel. Sem uma palavra. Sentia-se tão fraca como no dia em que ele viera ao mundo: trabalhava na roça e as dores a tinham surpreendido.

Arrastara-se para a choupana, mordera a carne do braço para abafar os gritos, e ele tinha nascido num enorme dilaceramento de seu ser, Ela mesma cortara o cordão, lavara e deixara o recém nascido em roupa limpa, antes de se deixar escorregar até o fundo desse poço negro, de onde, mais tarde, a retiraram

a voz de Bienaimé e a conversa das comadres. E hoje, ele estava diante dela, este homem tão grande, tão forte, com esta fronte iluminada, senhor do mistério da água adormecida nas veias dos montes.

Estava ao lado dela, enlaçava seus ombros com o braço. Perguntou-lhe:

– Estás contente, mamãe?

Ela ouviu uma voz que respondia de longe, de longe, e que entretanto, era a sua:

– Estou contente por nós, estou contente pela terra, estou contente pelas plantas.

O mundo girava em torno dela: a palhoça, as árvores o céu. Foi obrigada a sentar-se.

Bienaimé enchia Manuel de perguntas:

– Conta, filho. Onde é esta água? Como é?

E com repentina inquietude:

– Não será só uma agüinha, corrente à toa, que só dá para beber?

– Não – disse Manuel – é água da boa. É preciso ver o lugar: uma grande lombada de terra branca como o giz, dessa qualidade de terra que gosta de chupar a água, mas ela deve ter encontrado mais em baixo um chão duro, resistente, e assim abriu-se num olho. É certo que com o tempo, uns anos, ela brotaria sozinha. Agora o que se deve fazer primeiro é fincar uma fileira de barrotes, bem juntos para agüentar a terra, porque se a gente começar a cavar em cheio no caldeirão, isso será rachar um jarro; e a água irá se perder por todos os lados. Depois a gente fará um canal principal pela baixada e pelos campeches e cada qual puxará um rego para a sua roça. Só se abrirá o registro com o canal grande e os outros prontos. Seria bom também, escolher um responsável, de confiança de todos os moradores, para a distribuição de água, de acordo com as necessidades de cada um; enfim, estão vendo, é um grande trabalho.

– O responsável é aqui o chefe – disse Laurélien. – Já está eleito.

Estás ouvindo, Délira? – gritou Bienaimé, com imenso orgulho. – Ele já tem tudo na cabeça e o que diz é pura razão.

Mas um pensamento repentino pareceu preocupá-lo.

– Disseste “todos os moradores”. Não estás contando... com os outros estás?

Manuel esperava essa pergunta:

Posso falar claro e de acordo com a verdade – disse, – e vocês me escutam, mamãe, companheiro Laurélien?

– Escutamos, sim, Manuel.

– Bom, quantos negros válidos temos de nosso lado? Espera...

Contou nos dedos:

– Catorze. E os outros, os herdeiros e amigos do finado Dorisca, devem ser mais ou menos outro tanto. Papai, mamãe: pensem bem; compadre Laurélien reflete. A gente só nunca que termina esse trabalho: os mourões que temos que cortar, carregar, fincar; um canal bem largo cortando a baixada e o bosque, que vai ter de ser desbastado, para a água passar. E, além disso, a água não é uma propriedade, não se mede, não se registra em cartório, é um bem comum, é a benção da terra. Que direito a gente tinha?...

Bienaimé não o deixou concluir:

– O direito de que foste tu quem deste com ela – gritou – o direito de que os inimigos não têm direito.

Fez um esforço para dominar-se:

– Mas, diga com toda a franqueza o que queres fazer.

– Procurar os outros. Chego e digo: é verdade o que se diz por aí, compadres. Dei com uma fonte que pode regar todas as roças da baixada, mas para trazer a água até aqui é preciso a ajuda de todo mundo, um mutirão geral. Isso é o que é necessário. O que uma não pode, duas mãos fazem. Vamos estender as mãos um para o outro. Minha proposta é a paz e entendimento. Que vantagem a gente tem em ser inimigos? Se vocês não sabem a resposta basta olhar seus filhos, suas roças: a morte está em cima deles,

a miséria e a desolação estão acabando com Fonds Rouge. Nesse caso, vamos ouvir a razão. O sangue correu entre nós, eu sei, mas a água lavar o sangue e a nova semente vingará sobre o passado e irá madurar sobre o esquecimento. Só tem um meio de salvação, só um, não temos dois: é refazer a amizade da boa família de vizinhos, a união dos trabalhadores da terra, de irmão a irmão, agüentar todos juntos nossas penas e nosso trabalho, de camaradas a camaradas.

– Cala a boca, falastrão – rugiu Bienaimé.

– Não quero mais ouvir nada. E, se continuares, eu te escorcharei a pauladas.

Quebrou o cachimbo ao atirá-lo violentamente contra o chão e saiu pelos campos para dar ar e espaço a sua raiva.

O furor de Bienaimé surpreendeu-os como uma chuvarada repentina. Ficaram em silêncio. Délira suspirava, Laurélien levantava suas mãos pesadas e as olhava como se fossem instrumentos estranhos. Manuel tinha aquela ruga obstinada no canto da boca.

– Mamãe – perguntou por fim – que achas disso tudo?

– Ah! Meu filho tu pedes que eu escolha entre Bienaimé e tu.

– Não, mas entre a razão e a falta de razão. É uma questão de vida ou de morte.

Délira lutava interiormente, isso estava em seu rosto irresoluto, as palavras detinham-se em seus lábios, os dedos atormentavam o cordão de seu escapulário.

Mas era preciso responder.

– Dorisca e Sauveur já são cinzas e pó; faz anos que descansam em paz; o tempo passa, a vida continua. Eu botei luto fechado para Sauveur. Que era meu cunhado e um homem de bem, mas o coração de Délira Délivrance nunca teve lugar para raiva, Deus Nosso Senhor que me ouça.

– E tu, Laurélien?

– Estou contigo chefe. Fazer as pazes é a única maneira de sair desta situação. E os outros também aceitarão se falares com eles com jeito, e negro da língua maneirosa assim estou para ver. Quanto a isso e assim lhes manifestava sua repulsa.

Manuel falou.

– De certo tempo para cá, Fonds Rouge fede a coisa podre: o ódio deixa na alma um bafio envenenado, é como uma poça de lama verde, de bilis negra, cheiro de coisa rançosa, estragada. Agora que a água vai regar a baixada, que vai correr pelas roças, os que eram inimigos vão acabar amigos, os que estavam separados vão se unir, e o vizinho não será mais um cachorro raivoso para seu vizinho. Cada negro vai reconhecer seu igual, seu semelhante e seu próximo, e se te é preciso ajudar na roça, aqui está a força de meu braço, e se bates na minha porta dizendo: minha homenagem eu respondo: meu respeito, irmão, entra, senta, a comida está pronta, come, é de bom coração. Sem boa paz, a vida não tem gosto, a vida não serve para nada.

– É a voz da verdade, aprovou Laurélien.

– Eu conheço meus negros – continuou Manuel – eles têm a cabeça mais dura e teimosa do que caroço de milhete no pilão, mas um homem quando não pensa pela cabeça, pensa com a barriga, ainda mais quando ela está vazia. É por aí que eu pego essa gente: o interesse é o fraco deles. Chego e falo a cada um. De grão em grão é que a galinha enche o papo.

– Mas aí ficam faltando os outros – disse Délira inquieta.

– O pessoal do finado Dorisca?

– Sim, filho.

Manuel sorriu.

– A senhora diz “os outros” como se fossem uma cambada de demônios. Pois bem, mamãe, digo com franqueza que vai chegar logo o dia de acabar com “os outros”, e com “nós”, só vai haver uma

vizinhança, boa, reunida para o grande mutirão da água.

– Não sei como vais fazer, mas toma cuidado, sim? Anteontem de noite ouvi um barulho no quintal, levantei e abri um pouquinho a porta. Era Lua cheia. O homem com certeza ouviu o barulho da chave na fechadura, porque já ia embora; só vi as costas dele, mas sei bem, era Gervilén, aquele vulto grosso, o mesmo jeito de andar. Se não fosse pecado era capaz de jurar.

Manuel levantou os ombros com indiferença:

– Devia estar bêbado. Desgarrou da estrada, foi isso e nada mais.

Uma única vez falara a Gervilén, no bosque de campeches, no dia seguinte ao do seu regresso a Fonds Rouge. Desde então, nada mais tratara com ele. Dias atrás, porém, o outro o fitara estranhamente, com uns olhos de brasa viva, mas via-se de longe que estava cheio de cachaça, como um pau d'água.

– Manuel tem razão – disse Laurélien. – Esse Gervilén é um beberrão de marca; a cachaça transtornou o seu espírito e ele se perdeu no terreiro de vocês como um ladrão de galinhas.

Mas Délira não parecia muito convencida. O homem que entrevira não vacilava ao andar, ia ligeiro e direto à porteira.

Laurélien apertou a mão de Manuel.

– Vou espalhar a notícia, mas esse negócio de fazer as pazes és tu quem falas.

– Bueno – disse Manuel. – Mais tarde vou tratar com eles.

– Seu criado, Délira – saudou Laurélien.

– Adeus, Laurélien – respondeu a velha.

Com esforço, fez um movimento para levantar-se “Que foi que me deu? Parece que estou moída. Não tenho mais forças”.

Manuel a reteve.

– Espere um momentinho.

– Que é, filho?

– Outro dia querias o nome da moça, não foi? Pois vou te dizer, é Annaíse.

– A negra de Rosanna? – exclamou Délira.

– Ela mesma. Mas estás toda perturbada.

– Mas não é possível, Manuel. Já pensou? Gente inimiga.

– Daqui há alguns dias ninguém mais tem inimigos em Fonds Rouge.

– E Bienaimé, achas que ele concorda?

– Claro. Com certeza; primeiro, vai ficar zangado, mas ele é que vai levar a carta a Rosanna, pedindo a mão de Annaíse. Amanhã vou na vila, compro o papel e o lenço de seda verde para botar a carta dentro, como a gente direita faz. Só falta uma pessoa para escrever a carta. Eu não sou forte em escrita. Sabes de alguém?

– Do lado esquerdo da Igreja, na praça do mercado, tem um sobrado com telhado de lousa. Pergunta por “seu” Paulma, da parte de sua comadre Délira. É um mulato forte, que tem um armarinho. Está sempre atrás do balcão. Ele sabe escrever uma carta.

Sorriu quase sonhadora:

– Ah, Manuel, escolheste uma moça bonita, séria e trabalhadeira, pelo que eu sei. Vi aquilo crescer e, antes dessa história de Dorisca e Sauveur, ele me ajudava a trazer as cabaças da fonte. Tiazinha, era assim que ela me chamava. Era uma negrinha muito respeitadora, essa Annaíse. Se for preciso, eu me ajoelho na frente do meu velho, para ele não contrariar, e hei de rezar à Virgem dos Milagres. Vou pedir assim: Virgem dos Milagres, socorre meus filhos, põe a tua proteção sobre a cabeça deles para ficarem livres de desgraças, e guia seus passos na vida, pois a vida é difícil e a miséria é grande para nós, pobres lavradores.

– Obrigado, mãe querida, disse Manuel.

Baixou a cabeça para ocultar sua emoção.

– Quando acabares de tramar com ele, Délira, vai comprar outro cachimbo para mim na Florentine. Era Bienaimé, sim, meu velho, vou já, já – disse apressadamente Délira.

Antes do meio-dia, a notícia da descoberta da fonte por Manuel percorrera toda a vila. Nós temos uma palavra para isso; nós negros do Haiti: o “téleboca”. Assim o chamamos e é o suficiente para que uma notícia, boa ou má, verídica ou falsa, agradável ou desagradável, circule de boca em boca, de porta em porta, e, logo, corra toda a região, e com rapidez tal, que assombra.

E como Fonds Rouge não era lá muito grande, a notícia tinha corrido como fogo em palheiro e na hora em que o sol dava de cheio sobre a planície, os moradores só falavam do acontecimento, uns, assegurando que era verdade, outros, que não; certos, chegando a garantir que esse Manuel trouxera de Cuba uma vara de condão que descobria os olhos–d’água e até tesouros; enfim, cada um juntava uma pitada do seu próprio sal e condimentava a notícia a seu gosto.

Annaïse desincumbira-se bem da missão que Manuel lhe confiara. Fora de casebre em casebre falar com as comadres. Algumas tinham-se mostrado difíceis de persuadir; a maioria, porém, com suspiros e ah! Deus, meu bom Deus, tinha-se posto a calcular as vantagens e os benefícios que a irrigação traria e quanto de milho poderia dar a roça, quanto de milhete e de víveres, e quanto subiria tudo isso na feira e eu estou bem precisada de umas varas de pano para um vestido, meu homem precisa de uma calça e um casaco, dos meninos nem se fala, viviam quase todos nus, que isso era uma vergonha e um pecado, pois, apesar da miséria e das doenças, iam nascendo depressa que nem mato. (Negro é difícil de morrer, é duro como ninguém).

Quanto aos homens, não se sabia. Alguns se tinham reunido em casa de Larivoire, homem de idade, respeitado pelo seu bom-senso. Tinham visto Similien, seu filho, sair da Florentine com uma garrafa de “branquinha” porque, como se sabe, a “branquinha” solta a língua e ajuda a encarreirar as idéias.

Antoine viera à casa de Bienaimé, claudicando tão depressa quanto podia. Irradiava alegria. A palavra mutirão não lhe saía da boca, dizia que ia compor uma canção sobre Manuel, tão bonita e estimulante para o trabalho, como ninguém jamais ouvira.

Mas Bienaimé o mandara a todos os diabos. Coisa que não modificava o humor de Antoine. Nesse momento, sentado na soleira da porta, apertava as cordas do tambor, para que, retesados com justeza, levassem longe seu rufar e repetissem incessantemente por toda a baixada a notícia de que a vida boa recomeçava.

– Eh, acompanhador – falava sozinho. – Vamos ver se não estás enferrujado, se os teus dedos não estão duros, se tua cabeça ainda está cheia de canções como um favo de mel. Experimentava o tambor, prestava ouvido. Sua boca desdentada ria largamente.

Breve voltaria a comandar o grupo de lavradores, ao amanhecer, com seu tambor a tiracolo.

Já as palavras se iam enxertando na cadência da toada nascente:

General Manuel, salve, ô salve, ô.

Sua voz dirigia o golpe das enxadas:

Salve, ô!

Salve, ô!

As crianças acudiram para escutá-lo, rodearam– no, mas ele repeliu os negrinhos, queria ficar só e sem ninguém a distraí-lo, para que o canto amadurecesse ao rufar do tambor.

Capítulo 11

Manuel tinha se encarregado de falar com os vizinhos, um após outro. Durante anos, o ódio fora para eles um hábito. Dera objeto e um alvo à cólera impotente que sentiam contra, os elementos. Mas Manuel lhes traduzira em bom crioulo a linguagem exigente da baixada sedenta, o lamento das plantas, as promessas e todas as miragens da água. Fez com que dessem um passeio antecipado pelas futuras colheitas: os olhos dos camponeses brilhavam ao ouvi-lo. E que lhes custava isso? Impunha uma condição única: a reconciliação. Um gesto, alguns passos como quem salta uma ponte e para trás ficavam os maus dias de miséria, era a abundância. Eh, compadre, que é que achas? O outro, os pés nus no pó, esfarrapado, esquelético e faminto, escutava em silêncio. A verdade é que estavam cansados dessa velha história. Para que servia, afinal? E se mandassem rezar uma missa por Dorisca e Sauveur ao mesmo tempo, pelo descanso das duas almas? Assim fariam as pazes na sepultura e deixariam tranqüilos os vivos. Porque os mortos descontentes são aborrecidos e até perigosos. O certo e verdadeiro é que eles não podiam conformar-se em morrer assim. E então? Então, já que é assim, estamos de acordo. Mas quem vai falar com os outros? Eu, respondia Manuel.

...Os outros tinham-se reunido em casa de Larivoire. A notícia era grave, exigia consulta. Larivoire acariciava os poucos fios de sua barba de bode. Seu olhar era calmo e astuto. Sua boca, prudente; o que via, era medido; o que dizia, era antes pesado em seus prós e contras. Sua avançada idade lhe dera essa sabedoria. Na disputa sangrenta que dividia Fonds Rouge não tomara partido senão por razões de parentesco, assim mesmo com moderação procurando evitar a exaltação de ânimo, acalmando-os, quando necessário. Sua palavra era ouvida e respeitada: sua opinião tinha o valor de uma sentença, – É assim, então que eles vão ter água? – disse Mauléon.

Calou-se. Seu olhar ultrapassou a estrada, tocou o seu chão estorricado. Devia quinze piastras a Florentine. Hilarion exigia como pagamento a sua besta baia. Um animal tão bom e que valia quatro vezes mais. E Cia, sua mulher, de cama com uma febre que não a deixava, contra a qual todos os remédios tinham sido inúteis. Dorméus pretendia que um feiticeiro “metera” em seu corpo um morto; pedia muito dinheiro para curá-la, o ladrão. Sim, a gente tinha o seu fardo pesado de atrapalhações, não se podia negar.

O sol atravessava as folhas das palmeiras que cobriam a puxada e desenhava no solo um pano estampado. Sobre a mesa mal aplainada, cálices esmaltados e uma garrafa de “branquinha”.

Pierrilis serviu-se, deixando cair algumas gotas no chão, e bebeu o resto de um trago.

– Sabes lá se é verdade? – perguntou.

Limpou a boca com as costas da mão.

– Sim, é preciso ver se a notícia é certa – repetiu.

Larivoire inclinou a cabeça para trás, apoiando as costas contra um mourão da latada. Entrecerrou as pálpebras. Sobre o campo, a luz fazia uma dança de agulhas aquecidas ao rubro: era insuportável.

– A mentira tem de render – disse. – É como o dinheiro a juros. Que vantagem Manuel tem de mentir? Que é que ele ganha com isso?

– Quer dizer, então, que eles vão ter com que regar às roças – suspirou Termonfis.

– E a gente fica olhando, com a boca seca – disse Ismael.

Gervilén, de cócoras, permanecia calado. Seus olhos pequenos e fundos, sob o abrigo das sobrancelhas, velavam um fogo inquietante.

– Esses excomungados têm sorte – murmurou Josaphat.

Acabava de casar-se com uma jovem negra de Mahotiére. Há dois dias alimentavam-se de biscoitos secos molhados num pouco de garapa. Mariane não se queixava, mas andava silenciosa como uma sombra. Era pior que qualquer censura.

– Não! – gritou Nerestán.

Descarregou o punho com toda sua força sobre a mesa.

– Sou contrário.

Seu largo peito arquejava. O suor banhava-lhe o rosto.

– Contrário a quê? – perguntou Larivoire, cofiando a barba.

Nerestán sentou-se novamente.

Falar em reuniões públicas nunca fora o seu forte. Daí, a sua violência de touro selvagem. Aquilo não podia explicar com palavras, mostrava com o punho. Suas mãos eram grandes e fortes, capazes de deixar todo azul o corpo de alguém sem usar anil.

Houve um silêncio. O galo de rinha de Larivoire bateu as asas cor de canela e cantou. Do fundo de vários terreiros vizinhos, outros galos lhe responderam.

– É melhor sair de Fonds Rouge – disse Josaphat – do que ficar olhando essa gente gozar a vida, enquanto a nossa gente continua a comer miséria.

– E então? Vais sair pelas estradas, estendendo a mão de porta em porta? – rilhou, entre dentes, Jean-Pierre Louisimé.

– Minha roça dava trinta sacas de milho bem contados – disse Ismael. – Dava batatas o bastante para engordar os porcos. A terra continua sempre lá, uma boa terra que não pede senão um pouco de água. E há quantas estações não cai uma gota d'água, hem?

– Tudo isso é conversa fiada – interrompeu

Mauléon. – Que é que vamos fazer?

– Não se pode fazer nada – disse Josaphat, dando de ombros com desânimo.

– Vocês são homens ou são cachorros?

Gervilén erguera-se de um salto, sacudido por sua grande raiva. Do carvão de seu rosto saltavam chispas. Um pouco de espuma alvejava-lhe a boca.

– Vocês estão sentados aí como velhas desfiando o terço de suas misérias. Nem um que preste no meio de vocês.

Cuspiu com desprezo.

– Cambada de capados.

Nerestán levantou-se (muito alto, Gervilén apenas passava de sua cintura):

– Não tens direito de dizer isso, não, não tens direito – balbuciou.

– Senta aí – rugiu Gervilén.

Para assombro de todos, Nerestán obedeceu. Balançava-se na cadeira como um urso, a cabeça metida entre os ombros.

– Vou dizer o que a gente vai fazer.

Agora a voz de Gervilén soava áspera e rangia como uma lima. As palavras filtravam com esforço entre seus dentes cerrados.

– Vamos tomar a água, vamos tomar a força.

– Assim é que se fala, menino – exultou Nerestán.

Houve tumulto, todos queriam falar ao mesmo tempo. As mulheres chegavam até a cerca de suas choupanas, para saber o que tinha acontecido.

Larivoire ergueu os braços:

– Eu quero falar – disse,

Esperou até que cessasse o barulho.

– Eu falo. E é bom me ouvirem se quiserem evitar uma desgraça. Tu, Gervilén, tu herdaste do finado Dorisca um sangue quente demais. Não estou te censurando, mas desde pirralho já mostravas esse gênio. Minha comadre Miramise, tua mãe, devia ter te castigado, mas não te aborreça, a coruja nunca acha o filho feio. Falas em tomar a água pela força, mas quem tem a força é a lei e vocês todos vão terminar na cadeia. E tem outra, novidade importante. Annaíse veio ver minha mulher hoje de manhã.

Ao ouvir o nome de Annaíse, todo o corpo de Gervilén fremiu e o rosto enrijeceu coma se fora talhado em rocha negra.

– Pois Annaíse veio, e parece, pelo que ela ouviu dizer, que para trazer a, água até a baixada é preciso um mutirão de todos os moradores de Fonds Rouge, porque é um serviço grande demais, um trabalho muito difícil para o pessoal desse Manuel fazer sozinho. Se for assim, ou se faz a reconciliação, ou a água fica onde está. Não temos outro jeito.

Gervilén desatou a rir. Seu riso atemorizava. Era como o ruído de folha de zinco enferrujada, que se rasga.

– Mas vocês não estão vendo que Manuel e

Annaíse estão combinados? – gritou.

– Vê lá – disse Gille – estás falando de minha irmã.

– Tapa a goela, idiota – rugiu Gervilén.

– Primo... – disse Gille, com voz lenta e sonolenta.

Sua mão segurou bruscamente o cabo do facão.

– Vocês estão doidos?

Larivoire tinha se atirado entre eles.

– Negros sem respeito, ah, malditos! Querem fazer o sangue correr aqui em minha casa, sem consideração aos meus cabelos brancos?

– Desculpa – disse Gille – foi ele que ofendeu minha irmã.

– Falei verdade – respondeu Gervilén – e se a verdade tem gosto de sangue, tanto pior, três vezes pior.

– Gervilén, passa para lá, Gille, aqui quieto – ordenou Larivoire.

Voltou-se para os lavradores:

– Vocês já estão inteirados. Que acham?

– Irmãos – gritou Gervilén – querem comprar, querem barganhar a nossa consciência por um pouco d’água.

– Calma – disse Larivoire. – Deixa os outros falarem.

Mas os vizinhos continuavam calados. Sentiam em seus rostos o olhar de Gervilén penetrando até o fundo de seus pensamentos.

Água. Seu sulco banhado de sol na baixada; seu marulhar no rêgo da roça, seu sussurro ao passar pela cabeleira das plantas, o reflexo diluído do céu misturado à imagem fugitiva dos caniços; as negras enchendo na fonte suas cabaças desbordantes e seus cântaros de barro vermelho; o canto das lavadeiras; a sede da terra satisfeita, as altas colheitas maduras.

Batiam-se contra a tentação.

– É preciso calma para resolver – murmurou Ismael.

– Negros sem sentimento, que nem cachorro

– disse Gervilén amargamente.

Ismael não respondeu: “Trinta sacas de milho, pensou, e as batatas, os víveres”.

Os demais calculavam também o rendimento provável de seus campos, faziam projetos e gastavam antecipadamente a renda futura. Mas não ousavam dizer coisa alguma. A presença de Gervilén os perturbava. Ele estava plantado no meio deles.

Seu olhar corria de um a outro como um rato raivoso.

Larivoire notou-lhes a vacilação.

– Bem, não há pressa; ao contrário, é preciso pensar no caso com a cabeça fria. Amanhã, se Deus quiser, a gente se reúne de novo para resolver.

Os vizinhos levantaram-se. Carrancudo, Gervilén foi o primeiro a sair, sem cumprimentar a ninguém, nem mesmo a Larivoire.

Nerestán alcançou-o na cerca e com essa voz humilde com que os gigantes falam aos homens baixos que os dominam, disse-lhe:

– Compadre Gervilén, quero te dizer uma coisa.

– Merda – respondeu o outro, sem voltar-se.

Capítulo 12

Por seu lado, Bienaimé se mostrava intratável. Mal dirigia a palavra a Manuel e só para ordenar-lhe: “Faze isso, faze aquilo; traga a novilha pintada: eu mesmo vou me desfazer dela em Pont Beudet”.

Manuel soube por Annaïse o que se tinha passado na casa de Larivoire. Gille voltara estourando de raiva contra Gervilén e só falava em cortar-lhe a cabeça bem cortada, para curá-lo de sua insolência. A gorda Rosanna, que já via o filho nas mãos da polícia, tivera um ataque. Perdera o conhecimento, o que assustara muito a Gille e, ao mesmo tempo, o acalmara. Mas ele se declarava partidário da reconciliação; saíra a persuadir os demais, os jovens, e conseguira mais ou menos ganhar a Mauleón, Ismael, Termonfis e Pierrilis. Larivoire animava-os em surdina. Gervilén e Nerestán eram os únicos realmente contrários. Os demais ainda vacilavam, cada dia menos, porém, porque acontecia o que Manuel previra: as negras começavam a tornar-lhes a vida impossível. Fustigavam-nos sem descanso, zumbindo em seus ouvidos mil perguntas e inúmeras queixas; eram piores que vespas. Em vão, fugiam-lhes para tomar um pouco de ar ou um trago na Florentine; ao voltarem, eram esperados na cerca ou na porta, e as recriminações recomeçavam mais e melhor.

Jean-Pierre Louisimé se tinha impacientado e tinha até ameaçado com um gesto impor silêncio a sua negra, com uma bofetada bem aplicada, mas esta ameaçara gritar “assassino” e, com receio do escândalo, Louisimé abstivera-se disso, o que lhe deixara a palma da mão comichando.

A outra, então, triunfante, pusera-se a atormentá-lo com toda uma série de provérbios, como “quem tem dentes podres só pode comer bananas maduras”, o que queria dizer que ele a maltratava por ser ela uma mulher fraca e indefesa; continuara a bater na mesma tecla, até que Louisimé, não mais se contendo, dera-lhe o merecido, através de seu moinho de palavras, e eis que, em vez de escandalizar todo o quarteirão, ela se desfizera, em lágrimas, o que amolecera o coração de Louisimé, fazendo-o sentir-se envergonhado e arrependido.

Até Mariana, a mulher de Josaphat, saíra de seu mutismo:

– Em Mahotiére – dizia – a gente tem água, não falta; mas para as roças, nem carece o rêgo. Basta a fresca, o orvalho da manhã. Cedinho, está tudo molhado e brilhando. Dá gosto ver: parece escuma de sol.

Suspirava:

– Sim, meus irmãos, a vida é fácil em Mahotiére, graças a Deus, é.

Josaphat perguntava:

– Que achas dessa história de fazer as pazes?

– Vocês são os amos, vocês são homens, vocês que decidam.

Estavam na choupana. Ele puxou-a para si, sua jovem negra, e apertou-a em seus braços.

– Josaphat, meu homem – disse ela – há dias estou para te dar a notícia. Estou grávida, querido. Mas nunca que eu vou ter forças para ter esse pequeno, se a gente continuar nesta vida de miséria. Josaphat soltou-a, uma ruga atravessou-lhe a fronte.

– Então, tu achas que...

– Sim – disse ela firmemente.

Ele pareceu meditar, depois sua fisionomia iluminou-se:

– Ele é que manda, esse negrinho. Vou dizer a Gille que sim.

– É a vida que manda – disse Mariana – e água é o que a vida ordena.

... E assim parecia que tudo se ajeitava e seguia o bom caminho. Gervilén bem o sentia e redobrava as imprecações. De feito, após a reunião em casa de Larivoire, estava sempre embriagado. Nerestán fazia-

lhe companhia. Mas, ao contrário de Gervilén, a “branquinha” o predispunha a ver a vida pelo lado alegre. Sua violência habitual arrefecia. Tornava-se manejável como um barril: bastava empurrá-lo ladeira abaixo e ele rolava até o fundo de uma bebedeira beatífica. Gervilén tratava de enfurecê-lo. Não o conseguia. O outro abria a boca enorme e ria. De quê? – De uma história que lhe tinham contando tempos atrás. Esquecera-a, mas tinha a certeza de que era engraçada. Por fim, Gervilén o insultara, e Nerestán partira muito acabrunhado balançando ao efeito da “branquinha”, como mastro de veleiro em grande tormenta, repetindo a todos quantos encontrava que, não fora a sua boa natureza, ele, Nestor Nerestán, teria esmagado Gervilén como um piolho...

Naturalmente, todo esse assunto chegara aos ouvidos de Hilarion; e não lhe agradara, não, nem um pouco. Esse Manuel desmanchava todos os seus planos, e muito. Se os lavradores conseguissem irrigar suas terras, recusar-se-iam a entregá-las em pagamento de dívida e de empréstimos a juros de usurário que acumulavam na venda de Florentine. Era preciso meter Manuel na cadeia do povoado e obrigá-lo a dizer onde ficava a fonte. Havia meios de fazê-lo falar. Em seguida deixaria os lavradores secar de esperar e quando tivessem perdido todo o ânimo e toda a esperança, ele, Hilarion, tomaria suas roças e se converteria em proprietário de umas boas quadras de terras bem irrigadas. O mal era que teria que reparti-las com o tenente e o juiz de paz. Eram uns lobos. Mas Hilarion daria jeito de ficar com a melhor parte.

O primeiro passo era cuidar de Manuel. De qualquer maneira, era um mau elemento, um negro perigoso, que espalhava palavras de revolta entre os moradores.

– Cumpre teu dever – disse-lhe Florentine, uma ex-rameira de Croix-des-Bouquets, que Hilarion tinha recolhido num bordel, a qual a ambição do dinheiro devorava como febre maligna. – Esse Manuel está contra a lei e a ordem, ele é contra o governo.

– Boto a mão na consciência – jurou Hilarion, cobrindo com sua manopla peluda a placa de membro da polícia rural, que brilhava em seu peito. – Com a mão na consciência e na verdade de Deus, hei de cumprir meu dever.

...Quem diria que em breve a vida renasceria em Fonds Rouge?

À luz forte do começo da tarde, o serro se erguia com seus flancos feridos até a medula, pela chanfradura das rochas. As fruta-pães doentes da seca serviam de poleiro aos corvos. Quando seu crocitar veemente declinava por um instante, ouvia-se nos campeches o grito agudo das galinhas-d’angola. O pântano de Zombi exalava um cheiro forte de matéria em decomposição, que o vento tangia para a aldeia entre nuvens de mutucas.

– Está bem apertado? – gritou Bienaimé.

– Está – respondeu Manuel, puxando uma vez mais pela correia.

Délira espiou o sol:

– Vais chegar antes da noite.

Suspirou. Fizera o possível para que ele desistisse dessa viagem.

O alazão cambaio que Dorismond lhe emprestara para a ocasião esperava debaixo do cabaceiro.

Bienaimé pôs o pé no estribo e montou com certo esforço. Esses arreios eram o último vestígio dos bons tempos. Faltavam, porém, os alforjes, substituídos por um saco.

– Adeus, Délira – disse Bienaimé.

E a Manuel:

– Desata o animal. Dá cá o cabresto. Abre a porteira.

– Adeus, meu velho – disse Délira.

Bienaimé fez estalar a língua e esporeou o alazão

A novilhota seguiu-o docilmente.

Manuel abriu a porteira de varas grossas bambu.

– Boa–viagem, pai – disse.

– Obrigado – respondeu Bienaimé secamente, evitando fitar o filho.

Manuel retornou à choupana. Os calangros arrastavam pelo pó do caminho seus ventres gordos e moles e, perseguindo–se uns aos outros, sob a copa dos candelabros, metiam–se pela roça abandonada aos cardos.

– Nunca vi homem tão teimoso – lamentava-se a velha. – Como se não pudesses cuidar dessa venda em lugar dele. Será que não sabe a idade que tem? Vai ter de passar a noite em Beudet, num rancho qualquer, e o sereno não é nada bom para seu reumatismo. Sem contar que amanhã depois do almoço tem a viagem de volta. Bienaimé é mesmo um negro de cabeça dura.

Manuel desejara evitar ao pai as fadigas da viagem, mas não insistira muito para dissuadi–lo. Queria aproveitar–lhe a ausência, para ir à reunião que haveria esta mesma noite na casa de Larivoire, surpreender aos vizinhos com sua presença inesperada, não lhes dar tempo de recobrar–se e convencê–los do que a única saída para o seu problema era a reconciliação.

Para distrair sua impaciência, pôs–se a trançar um chapéu de palha. Sua mãe se sentou perto dele, na varanda.

– Esta madrugada, encontrei Annaíse – disse. – Creio que ela ia a Mahotiére para lavar roupa, levava um cesto cheio de roupa suja. E me deu bom-dia; bom-dia, mãe, me disse ela.

Os dedos diligentes de Manuel enlaçavam e entrelaçavam a palha.

– Sabes o que eu respondi? Bom-dia, minha nora, foi o que respondi. Pois ela sorriu, mostrando–me seus dentes. Que dentes brancos e bonitos, que olhos grandes, que pele preta, fina como seda, e além de tudo isso, ela é uma negra de tranças compridas; eu vi um tufo de cabelo por baixo do lenço. Na verdade foi Deus Nosso Senhor que enfeitou Annaíse, com suas próprias mãos. Mas, tu bem sabes, o que conta de fato não é tanto a cara bonita, são os bons modos, e essa Annaíse tem educação, não se pode dizer o contrário. Hoje em dia não é coisa fácil de encontrar, não. Muitas dessas negras moças perderam o respeito pelos costumes dos antigos. A cidade virou a cabeça delas. Parece que têm pimenta na sola dos pés. Não ficam quietas num lugar, as sem–vergonhas. A terra já não é boa, para elas, preferem trabalhar de cozinheira na casa dos mulatos ricos. Isso é coisa que se faça?

A velha fez um muxoxo de desprezo:

– Um pecado, para mim é um pecado, é o que eu acho.

...Compadre, não conheces a fonte de Mahotiére? Tu não és daqui, irmão. Esse arroio corre entre as faldas do monte. Deixando as casas e as roças, quem desce a ladeira mansinha chega na baixada. É um lugar fresco, por causa da garganta empinada e da ramagem dos cajueiros que lhe dão sombra. Tem samambaias por todo lado, pois elas crescem com a umidade, e uma esteira de agriões e hortelãs mergulha na corrente, que aí é mais fraca. Nas locas, pode–se pescar caranguejos, não muito grandes, que ficam da cor da água ensolarada, para a gente não dar com eles, bichos sabidos, mas a gente pode pegar aos cestos, e com arroz é um bom prato, podes crer. Parece que o sol tem prazer em brincar com os cascalhos e a água faz uma barulheira continuada, misturando–se ao ruído das pancadas das lavadeiras na roupa molhada, o que, tudo, forma uma baderna que não pára, um murmúrio risonho, que acompanha o canto das negras.

Não, ninguém precisa ter compaixão da gente de Mahotiére. Nada lhes falta: terra roxa e gorda, escalando as platibandas, que dá de tudo. Os abacateiros, as mangueiras protegem as palhoças contra os ardores do dia, e sobre os valados se vê correr esses ramos de sinetas róseas – como é mesmo que se

chamam agora? – as belas mexicanas, eis aí seu nome.

Mas a grande sorte de seus habitantes é a fonte. Não há, em toda a redondeza, água melhor nem mais clara para beber, e no rumo de Plaisance, na curva aberta na quebrada, ganha o chão da baixada, onde os negros do lugar a puxaram até seus arrozais.

Os velhos de Mahotiére contam que a Senhora da Água é uma mulata. À meia-noite, sai da corrente e canta e penteia sua longa cabeleira gotejante, o que É música mais doce que a dos violinos. É um canto de perdição para quem ouve, não há sinal da cruz ou nome do Padre que possa salvá-lo, o feitiço o agarra como a rede apanha o peixe e a Senhora da Água o espera à beira da fonte e canta e lhe sorri, e lhe faz sinais para segui-la ao fundo das águas de onde ele não voltará.

Annaíse estendeu a roupa para secar sobre as lajes: seus vestidos, suas mantilhas azuis, violetas, vermelhas, enfim, todas as suas coisas; as calças de Gille, seu irmão, cheias de grandes remendos, nos lugares onde seria uma vergonha se não estivessem; as saias com babados de renda de Rosanna, como usam as pessoas de idade respeitável, os lenços brancos, que terão de ser bem engomados e que sua mãe usa para ir ao povoado, com seu xale preto.

Inclina a cabeça sobre a roupa que está lavando, suas mãos ativas torcem a roupa e fazem borbulhar o sabão. Com o talhe curvado, os seios nus, duros e empinados, a pele tão negra e tão lisa, Annaíse parece uma rainha da Guiné.

A prima Rosélia lava a seu lado. Fala sem parar, conta, as histórias de Fonds Rouge, as que são verdadeiras e as que inventa. É uma língua ferina, essa Rosélia. Mas Annaíse escuta sem ouvi-la. Seus pensamentos são para Manuel.

“Manuel, meu querido”, pensa, e uma onda de calor a invade, um desfalecimento tão doce, que ela gostaria de fechar os olhos, como na noite anterior, quando ele a tinha acariciado e ela se sentia deslizar à deriva numa corrente ardente em que cada onda era um estremecimento de seu corpo, e ele a cobria toda inteira, e se misturava nela e ela não deixava sua boca senão para gritar esse canto desgarrado de seu sangue que brotava do mais secreto de sua carne e desabrochava num lamento feliz e liberto.

“Sou sua mulher”, pensa ela e sorri. “Foi preciso que viesse de tão longe, lá de Cuba, para me encontrares aqui. Até parece um conto de fadas: era uma vez...; mas um conto que termina bem: sou tua mulher; porque ah! Meu Deus! Tantos contos são cheios de morte e de desastres”.

– Paraste de trabalhar, estás cansada? – perguntava Rosélia.

Annaíse sacode a cabeça como quem quer desperta de um sonho.

– Não, prima – diz.

Annaíse apanha o batedor e malha a roupa. O anil desbota na água e entra no fio da corrente.

Rosélia já tem quatro filhos. Seu peito está seco e murcho. Olha com inveja os seios duros de Annaíse, de bicos malva como uvas.

– Devias te casar – diz ela.

– Eu? – diz Annaíse. – Tenho a vida inteira para isso.

Esconde uma risadinha, que a outra toma por timidez de negra moça, mas que significa: será uma surpresa de verdade, sim, será uma surpresa, quando me virem no meu rancho com meu homem Manuel, e os loureiros em nosso jardim, e caniços à beira do rêgo.

...O dia chegou ao fim com o lusco-fusco, o céu anuviou-se, o monte se esfumou, o bosque perdeu-se em sombras, a esguia foice de lua se pôs a viajar entre as nuvens e a noite chegou.

Uma após outra, as lareiras das cozinhas apagam-se; uma voz de mulher descontente chama seu negrinho, que se atrasou no quintal fazendo uma necessidade, apesar do grande medo ao lobisomem; um

cachorro uiva, outro responde e, de porta em porta, organiza-se um concerto de latidos.

Chegou o momento do repouso, em que cada qual vai estender-se em sua esteira, fechar os olhos, tratar de esquecer sua miséria no sonho.

Fonds Rouge dorme na treva; não há uma luz, a não ser em casa de Larivoire: um lampião no centro da mesa, sob a latada, e alguns vizinhos já estão presentes: o dono da choupana, Similien, seu filho, Gille, Josaphat, Ismael, Louisimé. Os outros não tardarão em chegar.

Manuel o sabe e espera.

– Manuel, estás dormindo, Manuel? – é a voz da mãe, do quarto vizinho.

Sentado na cama, ele não responde; finge dormir. Sozinha, arde debilmente ante à imagem de um santo, a mecha mergulhada no azeite de palmeira, a lamparina votiva. Um sopro de ar passa sob o batente mal ajustado da janela, agita a chama e aviventa as cores esmaecidas. É a imagem de Santiago e ao mesmo tempo “Ogun”, deus daomeano. Tem um ar feroz, com sua barba hirsuta, a espada erguida, e a chama lambe sua roupagem de um vermelho vivo: parece sangue fresco.

No silêncio, Manuel ouve sua mãe dar voltas no catre de palha, procurando a posição cômoda para o sono. Murmura palavras que ele não compreende, talvez uma prece, uma última oração: Délira é uma pessoa que não tem cerimônias, que tem intimidade com os anjos.

O tempo passa é, por fim, Manuel se impacienta. Chega até a porta e escuta.

– Mãe – chama docemente.

Uma respiração tranqüila chega até ele. A velha dorme.

Manuel abre a janela com muito cuidado. As dobradiças enferrujadas guincham um pouco. Ele desliza para a noite. O cãozinho o reconhece e sem ladrar trata um momento atrás dele. Está escuro como o diabo. Felizmente, um fiozinho de luar corre no caminho. Os candelabros erguem um muro de sombra por sobre a roça. Os grilos cricrilam na relva. Manuel salta a cerca. Está na estrada.

A palhoça de Larivoire não fica longe. A luz lhe faz sinal e o guia. Passa diante da casa de Annaïse. “Boa noite, minha negra”, pensa. Imagina-a deitada, o rosto sobre seu braço dobrado, e o invade um grande desejo dela. Nessa semana, Bienaimé e Délira irão levar a Rosanna a carta com o pedido. Que palavras tão bonitas tinha escrito aquele “seu” Paulma: lera a carta em voz alta para Manuel, tão satisfeito, que passava a língua pelos lábios, como se lhe escorresse calda de açúcar da boca. E depois tinha-lhe oferecido rum, rum fino, de fato. Manuel sempre lamentara não saber escrever. Mas, quando, graças à irrigação, a vida se tornar melhor, a gente pedirá ao Magistrado Comunal da aldeia para pôr uma escola em Fonds Rouge. Ele falaria de boa-vontade aos vizinhos para construírem uma choupana especial. É preciso ter instrução para compreender a vida. Basta ver esse companheiro de Cuba que lhe falava de política, no tempo da greve. Sabia tanta coisa, *el hijo... de su madre*, e as situações mais complicadas ele desembrulhava, que era uma beleza; cada caso parecia fácil e arrumadinho pelo jeito dele conversar, como a roupa estendida na corda para secar; deixava a coisa tão clara que até se podia pegar, como um pedaço de pão com a mão. Era como quem diz: dava o bocado mastigado. E quando o lavrador vai a escola, já ninguém pode facilmente enganá-lo mais, explorá-lo, tratá-lo como a um animal.

Chega diante da cerca de Larivoire. A noite o envolve. Os vizinhos fazem roda sob a latada. Gervilén está falando. Os outros ouvem-no. Larivoire sacode a cabeça, faz um gesto para interrompê-lo, mas Gervilén continua. Braceja com energia, bate com o pé.

– Minhas homenagens – grita Manuel.

– Meus respeitos – responde Larivoire.

Manuel avança rapidamente. Os vizinhos o reconhecem, quando a luz o descobre. Alguns levantam-se, outros ficam cravados em suas cadeiras, boquiabertos, petrificados de espanto.

– Vim até cá, irmãos – diz Manuel.

– Entra com respeito – diz Larivoire.

– Boas-noites para vocês, irmãos.

Alguns responderam de maus modos; outros, não.

Larivoire cede-lhe a sua cadeira.

– Com tua licença – diz Manuel – fico de pé diante de teus cabelos brancos.

Larivoire sorri com o canto dos lábios. Esse Manuel conhece os costumes.

Manuel apóia o ombro num poste da latada:

– Venho pela paz e pelo entendimento.

– Fala – diz Larivoire. – Estamos ouvindo.

– Sim, é verdade o que se diz – juro pela cabeça de minha velha, mãe – descobri uma grande fonte.

– Isso é mentira – resmunga Nerestán.

– Fiz um juramento, compadre Nerestán, e eu não tenho o costume da falsidade. Tu bem que te lembras, quando a gente era moleque deste tamanho assim, um dia, disseram que tinhas roubado espigas de milho da roça de Dorismond e eu me apresentei para dizer que tinha, sido eu, mesmo sabendo que meu pai ia me arrancar a pele das costas a pauladas, como arrancou.

– É verdade – exclamou Nerestán – palavra, que boa memória tu tens.

Agora ria com todos os dentes à mostra e descarregava nas coxas socos capazes de arrebentar a cabeça de um cristão.

– Cala a boca – rilhou Gervilén raivosamente.

– Tinha roubado essas espigas para comer assadas no bosque, com Josaphat e Pierrilis. Naquele tempo nós éramos unidos, dividíamos as coisas uns com os outros.

(É um negro sabido – pensa Larivoire com admiração. – Desviou o temporal).

– Viajei para terras alheias – continuou Manoel – e quando voltei, achei Fonds Rouge flagelado pela seca e numa miséria como ninguém nunca viu.

Fez uma pausa:

– E encontrei os vizinhos apartados pelo desacordo.

O mal-estar recomeçava. Os rostos se contraíam.

Manuel atacou diretamente o assunto:

– Temos um jeito de sair da seca e da miséria: é acabar com esse desacordo.

– Coisa com sangue no meio não acaba nunca – gritou Gervilén. – O sangue correu, o sangue de Dorisca. Era meu pai. Já esqueceram?

– E Sauveur morreu na cidade – disse Larivoire. – Foi a vingança.

– Não, porque não fui eu que acabei com ele, com estas mãos, com minhas mãos.

Um esgar frenético retorcia o rosto de Gervilén. Suas mãos se agitavam como enormes aranhas.

– Compadre Gervilén... – começou Manuel.

– Vocês venderam suas consciências por algumas gotas d'água.

– A tua tu vendias, mas se fosse por cachaça.

Gervilén fingiu não ter ouvido as palavras de Gille.

– E tu, Larivoire, tu defendeste bem a família. Eu te agradeço, obrigado, porque, em consideração a tua idade, não te digo o que penso, mas esses porcos vão ver.

– Mas será que não podes pensar um momento, será que a razão não pode entrar na tua cabeça? – disse, impaciente, Larivoire.

– Não, com os diabos, não quero!

Avançou para Manuel. Deteve-se a dois passos dele. Fitou-o longamente, como se o medisse, e disse com um sorriso que lhe arreganhava a boca.

– Atravessaste duas vezes no caminho de Gervilis Gervilén. Uma vez já era demais.

E desapareceu na noite.

Com a sua saída, os vizinhos sentiram-se livres. Respiraram mais à vontade.

– Parece que um espírito mau atormenta esse Gervilén – disse Jean-Pierre Louisimé.

– Que negro trapalhão – acrescentou Pierrilis.

Manuel permanecera no mesmo lugar. Afastou Gervilén de sua mente, como se afasta uma mutuca.

Aguardava a decisão dos vizinhos.

Era natural que os vizinhos aceitavam, mas não podiam responder assim, tão depressa. Poderiam parecer precipitados demais. Não era preciso, apesar de tudo, que esse Manuel pensasse ter ganho tão facilmente a partida. E a dignidade da gente onde ficava, não é mesmo?

– Astuto como era, Larivoire compreendeu o giro que as coisas tornavam.

– Vieste com honradez e nós te escutamos, mas ainda é cedo para dizer sim ou não. Espera até amanhã, se Deus quiser: eu mesmo levarei a resposta.

– Estou desde já de acordo – disse Gille.

– Eu respondi: feito! – disse Josaphat.

– Eu não sou contrário – disse Pierrilis.

– Nem eu – disse Ismael.

Os demais, porém, guardaram silêncio.

– Estás vendo – disse Larivoire. – Alguns ainda não decidiram. Sem querer te botar porta fora, a gente tem de pensar no caso entre nós. Obrigado pela visita, irmão.

– Disseste uma palavra boa de ouvir, Larivoire. Eu também agradeço, irmãos e vizinhos. E se Gervilén voltar aqui, digam, por favor, que não tenho raiva dele, que aqui está a minha mão e que é mão bem aberta para a paz e o entendimento.

Nerestán levantou-se, caminhou pesadamente até Manuel. Sua cabeça quase tocava o teto da latada, seus ombros tapavam a vista de quatro vizinhos.

– Que lenhador de verdade seria preciso para solapar e derrubar um homem como esse? – pensava Manuel, vendo-o aproximar-se.

– Compadre Manuel – disse Nerestán – eu tinha esquecido essa história do milho. O negro não é ingrato; graças a Deus. Nestor Nerestán não é ingrato.

Oferecia a mão gigantesca. Manuel tomou-a.

Uma força terrível dormitava nesses dedos espessos e rugosos como a cortiça.

– Salve – disse Manuel.

– Salve – respondeu Nerestán.

Com o mesmo gesto levaram a mão à frente.

– Seu criado – disse Nerestán.

– Seu criado – respondeu Manuel.

E Larivoire tocou-lhe o ombro;

– Adeus, meu filho, és um bom negro. Amanhã, antes do meio-dia, eu apareço.

– Então, adeus, Larivoire – disse Manuel.

– Toma este pedaço de madeira de pinho para alumiar teu caminho.

Larivoire estendeu-lhe um facho, cuja chama fumegava e espalhava um cheiro de resina.

– A cortesia é grande – agradeceu Manuel. – Bem, primos, então, adeus.

Todos o cumprimentaram desta vez; as vozes não vacilavam mais, soavam amigavelmente.

Manuel passou a porteira; seguia pela estrada; o facho de pinho lançava um pouco de luz ao redor; um pedaço de cerca surgia da sombra; surpreendido a fuçar entre os cardos, um porco fugia grunhindo;

Manuel ia com o coração leve. Que roça de estrelas no céu! e a Lua deslizava entre elas, tão brilhante e afilada, que as estrelas como que deviam cair quais flores ceifadas.

“Estou certo que amanhã Larivoire vai trazer uma boa resposta. Fizeste o teu dever, cumpriste tua missão, Manuel; a vida vai recomeçar em Fonds Rouge, e agora já podes levantar essa casinha, com três portas, repito, duas janelas, uma varanda com balaustre e uma escadinha. “O milho vai crescer tanto que da estrada ninguém vai ver a casa.”

Passava pela cerca de candelabros da choupana de Annaíse.

“Vai ser assim, minha negra, vais ver que teu homem não é um preguiçoso, mas um negro disposto, que se levanta todo dia com o canto do galo, um trabalhador da terra sem defeito, um verdadeiro dono do orvalho”.

Ao fundo do quintal, sob as árvores, a choupana dormia. Parou um instante. Respirou o aroma das flores dos campeches e uma grande alegria calma e grave apossou-se dele.

“Descansa, Anna, descansa, querida, até o nascer do Sol”.

Um ruído de erva pisada o fez voltar-se. Não teve tempo de aparar o golpe. A sombra dançou em sua frente e feriu outra vez. Um gosto de sangue subiu-lhe à boca. Vacilou e caiu. A tocha apagou-se.

Capítulo 13

Voltou a si e a longínqua claridade das estrelas mergulhavam num lento desmaio. Uma dor aguda prendia-o ao solo. “*El desgraciado*. Vou morrer”. Tentou levantar-se. Tornou a cair, o rosto contra o chão. “Vou morrer. Na estrada. Como um cachorro”. Conseguiu firmar-se sobre os cotovelos e arrastou-se um pouco. Estava fraco demais para gritar por socorro. Quem o teria ouvido nessa noite abandonada ao silêncio e ao sono? Com tremendo esforço um lado do corpo e o ombro estilhaçados pelas punhaladas, levantou-se, vacilando como um ébrio, os joelhos trêmulos, os pés de chumbo. E sempre esse balanceio do céu, essa náusea insuportável. Deu alguns passos, titubeante. Cada movimento lhe custava uma pontada terrível em suas feridas. Limpou a boca, que escorria sangue. Com as mãos estendidas para a frente, como um cego que tateia seu caminho nas trevas, atravessou a estrada. Faltou-lhe o chão para passar a valeta e tombou. Segurando-se com as unhas nos cardos e nas ervas, arrastou-se até a cerca e se pôs de pé num esforço de vontade desesperado. Arfava e um suor gelado molhava-lhe o rosto. Os dedos crispados seguiam a cerca; caminhava numa noite ofuscada de relâmpagos, a cabeça oscilando, tropeçando nas pedras. Desfalecimentos insuportáveis, que nasciam do vômito de algo espesso, coagulado, dobravam-lhe as pernas. Com o braço enlaçava uma estaca, mas seu peso morto o arrastava, ele rodava por terra. Voltava a si cada vez mais fraco, mas a determinação inflexível de alcançar a porteira de sua choupana ressuscitava-lhe as últimas forças. Avançava rastejando sobre o ventre, erguia-se por sobre a cerca. O céu tinha empalidecido, e no levante, uma franja de luz anunciava talvez a aurora, quando atingiu a porteira. Deslizou de baixo dos bambus. A picada corria em sua frente com um arroio ao reflexo da Lua. O cãozinho acudiu, ladrando de aflição, horrorizado deste homem que caminhava sobre as mãos e os joelhos para a choupana.

Tombou, com todo o peso do corpo, contra a porta.

– Quem está aí? – Gritou a velha.

– Mamãe – gemeu ele.

O cão uivava.

– Quem está aí? Responda! – repetiu a velha.

Levantou-se, acendeu o candeeiro. Uma angústia mortal a fez tremer.

Atrás da porta, na escuridão, um queixume entrecortado.

– Por favor mamãe, depressa.

– Manuel? Jesus–Maria–José.

Estava estendido diante dela. Com seus pobres braços ela puxou até o quarto seu grande corpo. Notou, então, o sangue, e soltou um grito.

– Eu sabia, eu sabia, mataram ele, mataram meu filhinho. Socorro, minha gente, acudam minha gente!

– Calma, mamãe, calma – disse Manuel num sopro. – fecha a porta e me ajuda a deitar, mamãe.

Ela, por assim dizer, o carregou até a cama. De onde tirava forças a velha Délira? A idéia de que ele ia morrer a enlouquecia. Despiu-o, Duas feridas pequenas e negras apontavam de um lado e nas costas. Rasgou um pano, enfaixou as feridas, foi acender o fogo para fazer um chá de folhas de cabaceiro.

Manuel estava deitado, os olhos fechados, respirando com dificuldade. A lamparina votiva ardia sob a imagem de “Ogun”. O deus brandia uma espada e seu manto roxo o envolvia numa nuvem de sangue.

Délira sentou-se perto dele, enceguecida de lágrimas.

Os lábios de Manuel moveram-se:

– Mamãe, estás aí, mamãe? Fica perto de mim mãezinha.

– Sim meu filhinho, sim, meu querido, estou aqui.

Acariciou-lhe a mão, beijou sua mão suja da terra.

– Qual é o nome desse bandido para eu prevenir Hilarion.

Ele se gritou:

– Não, não.

Sua voz debilitada suplicava.

– Isso não serviria de nada. A água, é preciso salvar a água. Os pombos bravos, eles batem as asas nos galhos, os pombos bravos. Pergunte a Annaíse o caminho que dá na figueira-brava, o caminho da água.

Seus olhos esgazeados brilhavam. Ela enxugou-lhe a testa banhada em espesso suor. O peito parecia suportar um peso esmagador.

Lentamente, foi-se acalmando, e adormeceu. Délira não ousava deixá-lo. “Meu Deus, meus santos, Virgem Maria, meus anjos, rogo, rogo, eu rogo, fazei com que ele viva, porque, se ele morrer, o que é que esta velha Délira irá fazer na terra, dissei-me, que vai ela fazer na terra, sozinha, sem o consolo de sua velhice, sem a recompensa de toda a miséria que carregou a vida inteira? Tu, mãe de Jesus, ao pé da cruz, ó Virgem Milagrosa, peço-te a graça, graça, misericórdia que carregou a vida inteira? Tu, mãe de Jesus, ao pé da cruz, ó Virgem Milagrosa, peço-te a graça, graça, a misericórdia para meu filho, leva-me em seu lugar, já vivi bastante, mas ele ainda está em plena mocidade, o pobrezinho, deixa-o viver, estás ouvindo? Minha mãezinha, minha boa, minha querida mãezinha, estás ouvindo, não estás?”

Um soluço a despedaçou. Caiu de joelhos, os braços em cruz. Beijou a terra. “Terra, Santa Terra, não beba seu sangue, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Assim seja”. Chorava e rezava, mas de que servem preces e orações quando essa última hora de que fala o Espírito é chegada: quando a luz se apaga e as estrelas se apagam e a mortalha das nuvens ocultam o Sol e o negro corajoso diz: “estou cansado”, e a negra deixa de pilar o milho porque está cansada, e há um pássaro que gargalha num bosque como uma matraca emperrada e as mulheres que cantam estão sentadas em roda, sem voz e sem palavra, e as que choravam percorrem a rua do povoado e gritam: “vejam, vejam todos, pois hoje vamos enterrar nosso negro, ele se vai para o cemitério, se vai para a sepultura, se vai para o pó”.

O dia penetrava sob o batente mal ajustado da janela. As galinhas cacarejavam como sempre.

Manuel abriu os olhos. Engolia o ar em pequenos goles, resfolegando.

– Está acordado, meu filho? – disse Délira – Como é que te sentes? Como sentes seu corpo?

Ele murmurou:

– Tenho sede.

– Não queres um pouco de café?

Fez que sim com um movimento das pálpebras. Délira foi esquentar o café e voltou com a infusão morna de folhas de cabaceiro.

Lavou as feridas. Muito pouco sangue tinha corrido.

– Tenho sede – repetiu ele.

A velha trouxe o café. Amparou o filho em seus braços e ele bebeu com esforço. A cabeça tombou novamente no travesseiro.

– Mãe, abre a janela.

Contemplou a claridade que aumentava no céu. Sorriu debilmente.

– O dia está nascendo. Todo dia, o dia nasce. A vida recomeça.

– Fala Manuel – insistiu Délira, – Qual o nome desse bandido, para eu avisar Hilarion,

Suas mãos se agitaram sobre a cobertura. As unhas eram de um branco escamoso. Falou, mas tão baixo, que Délira teve de inclinar-se sobre ele.

– A tua mão, mamãe, a tua mão. Aquece-me. Sinto frio nas mãos.

Délira contempla-o, desesperada. No fundo das órbitas seus olhos se dilataram. Um halo esverdeado amplia-se sobre a face escavada. “Está morrendo – pensa ela – meu filho se vai, a morte está chegando”.

– Mãe, estás me ouvindo?

– Estou, sim, Manuel.

Vê-se que junta forças para falar. Através de uma nuvem de lágrimas, Délira contempla esse peito, que se ergue, que luta.

– Se avisares Hilarion, vai se dar de novo a mesma história de Sauveur e Dorisca. O ódio, a vingança entre os vizinhos. Vai se perder a água. Vocês fizeram sacrifícios aos “loa”, ofereceram sangue de galinha e de cabrito para chover, mas não adiantou nada. O que vale é o sacrifício do homem. É o sangue do negro. Procura Larivoire. Conta a ele qual a vontade do sangue que correu: a reconciliação, a reconciliação para que a vida recomece. Para que o dia possa nascer sobre o orvalho.

Extenuado, teve forças para murmurar ainda;

– E cantem no meu enterro, cantem no meu enterro um canto de mutirão.

– Minha homenagem – grita uma voz fora de casa.

– Meu respeito – responde maquinalmente Délira.

O rosto malévolo de Hilarion toma a janela.

– Eh, bom-dia, Délira.

– Bom dia.

Ele avista o corpo deitado.

– Que tem ele? Está doente?

Seus olhos suspeitosos erguiam-se para Manuel.

Délira vacila, mas sente a mão de Manuel que aperta a sua.

– Sim – diz – veio de Cuba com a terçã.

– Está dormindo? – pergunta Hilarion.

– Está, sim.

– É pena, porque o tenente está procurando por ele. Tem de se apresentar no quartel logo que se levantar.

– Está certo, eu falo com ele.

Atenta teus paços que se afastam e volta-se para Manuel. Um filete de sangue negro escorre-lhe da boca e os seus olhos a fitam, mas não a vêem mais. Retém ainda a sua mão: levou consigo a promessa dela.

A velha Délira fechou os olhos de seu filho. Encerrou debaixo da cama a roupa ensangüentada. Agora, já pôde soltar esse uivo doloroso de animal ferido. A vingança ouve e acode, homens e comadres. O acontecimento os surpreende como se uma rocha lhes caísse de repente sobre a cabeça. Estão esmagados. “Um negro tão folgazão. Inda ontem eu dizia a Manuel: compadre Manuel... Não, não é natural, não é natural.” Mas a todas as perguntas, Délira responde: “a febre, as febres malignas desse país de Cuba”. E, depois, lança esse grito terrível e abre os braços e seu velho corpo treme crucificado.

Laurélien chegou. Olha o cadáver. Acendem uma vela à sua cabeceira e aos seus pés. A fronte de Manuel está iluminada e até na morte sua boca conservou aquela ruga de determinação.

– Então, chefe, tu te foste? Tu te foste?

Grossas lágrimas rolam por sua rude face.

– Ah, miséria! – diz a comadre Déstine.

– Ah, vida! – suspira a comadre Mérilie.

– Titia – diz Clairemise – vou te ajudar a lavá-lo.

Délira respondeu: não obrigado.

– Estou esperando – diz ela

– Por quem é que esperas, titia?

– Estou esperando – repete a velha.

Déstine lhe traz uma xícara de chá. Ela recusa. Balança-se na cadeira como se ninasse sua dor com todo o corpo. Os outros a amparam e a consolam, mas tudo, tudo são palavras, ela nem as ouve sequer, e ela se lamenta como se lhe arrancassem alma com garras de ferro.

E os outros também souberam da notícia. Esgueiram-se para a casa de Larivoire. Larivoire está sentado sob a latada. Larivoire cofia a barba. Não lhes responde às perguntas. Será que não sabem?

Por certo que eles o sabem. A porta da choupana de Gervilén está fechada e ninguém o vê em nenhum lugar.

As mulheres se encontram diante das porteiras. Lá vem atrapalhões, diz uma. E a outra responde: é verdade, é verdade. Quanto a Isménie, a negra de Jean-Pierre Louisimé, ela acredita que se trata da vingança da Senhora das Águas. É que é coisa perigosa, é sim, os espíritos das fontes. Mas – replica a vizinha – dizem que Manuel trouxe de Cuba as febres de terças. Isso estava comendo seu sangue. Dizem, dizem, que é que não se diz por aí comenta a incrédula.

Hilarion aspira ao ar como um cão que procura uma pista. Fareja o mistério. Despacha seu ajudante para colher informações. Mas, por todo canto, boca calada. Ou então o espanto, sem fingimento ou rodeio.

Tanto melhor – pensa Hilarion. Esse Manuel era uma amolação, um negro rebelde, e agora poderei ter as terras desses lavradores sujos. É essa também a opinião de Florentine, aquela interesseira.

A que Délira esperava chega. Annaïse vem quase correndo, perdeu a cabeça. Que lhe importa o que podem dizer os outros? Vão ficar sabendo, pois que saibam. E daí? Manuel. Manuel, ó meu irmão, meu homem, meu querido. Serás a dona de minha choupana, dissera ele. E teremos caniços e loureiros em nosso jardim. E ele possuía junto à fonte e o murmúrio da água a penetrara como corrente da vida fecunda. Será que se morre assim, como o vento apaga a candeia, como a foice corta a erva, como o fruto cai da árvore e apodrece, quando se é um negro tão forte e tão valente? E então a colheita amadurecia e ele não a veria, a água cantaria no canal e ele não a ouviria, e eu, Annaïse, tua negra, eu te chamarei e tu não me responderás? Não, meu Deus, não é verdade, não é possível, porque isso seria uma injustiça!

Os vizinhos balançam a cabeça ao vê-la passar. Meus amigos, será que essa filha de Rosana perdeu seu anjo da guarda? – pensam assombrados.

Quando ela entrou no quintal, contemplaram-na, pasmados. Antoine, que chegava nesse instante ficou boquiaberto e Jean-Jacques resmungou: Que é que ela quer, essa metida? E comadre Déstine avançou num movimento hostil, com os punhos cerrados nas cadeiras.

Mas Délira levantara-se. Tomando Annaïse pelas mãos, aperta-a em seus braços, e eis que se põem a chorar juntas em fundo pranto. Então todos compreendem, e Clairemire, que tinha bom coração murmurou: Coitada, pobre negrinha, e Antoine disse: a vida é assim, é uma comédia.

Cuspiu e acrescentou:

– E tem um gosto amargo, a porca.

Annaïse ajoelhou-se diante de Manuel. Tomou-lhe a mão gelada. Chamou-o:

– Manuel, ô Manuel – com voz terna e molhada de lágrimas e depois, com um grito terrível, inclinou-se para trás, os braços erguidos, o rosto transfigurado pelo sofrimento: Não, meu Deus, tu não és bom, não, não é verdade que seja bom, é mentira. Nós apelamos para o teu socorro e tu não nos ouve. Olha nossa dor, olha nossa penitência, olha nosso tormento. Será que tu dormes, meu Deus, serás que és sortudo, será que és cego, meu Deus, será que não tens coração, meu Deus? Onde está tua justiça, onde está tua

piedade, onde está tua misericórdia?

– Tem calma, Annaíse – disse Délira – O que dizes é pecado.

Mas Annaíse não a ouvia.

– De que serve rogar tanto, a nós, pobres negros, a pedir graças e pedir perdão, tu nos esmagas como milhete no pilão, tu nos pisas como poeira, tu nos humilhas, nos atormentas, tu nos destróis.

– Sim, meus irmãos, é isso mesmo – disse Antoine num suspiro – desde a Guiné, o negro enfrentava mau tempo, tormenta e tempestades. Dizem que o bom Deus é bom. O que deveriam dizer é que o bom Deus é branco, isso sim. E talvez mesmo que tudo seja às avessas.

– Chega, Antoine. Já chega de tanta maldição nesta casa.

Délira fez Annaíse levantar-se:

– Coragem, minha filha. Vamos lavar o corpo. Os vizinhos saíram do quarto e Délira fechou a porta. Levou um dedo aos seus lábios.

– Não grites.

Virou carinhosamente o cadáver.

– Não grites, já disse.

Levantou a camisa e duas pequenas feridas, mais negras que a pele, apareceram, dois pequenos lábios de sangue coagulado.

– Senhor, gemeu Annaíse.

Délira fez o sinal da cruz sobre a primeira chaga.

– Não viste nada.

Fez o sinal da cruz sobre a segunda chaga.

– Não sabes de nada.

Fitou severamente Annaíse:

– Foi a última vontade dele. Ele apertava a minha mão e levou minha promessa. Jura que guardarias segredo?

– Juro, sim, mamãe.

– Em nome da Virgem Nossa Senhora da Graça?

– Em nome da Virgem Nossa Senhora da Graça.

Esse grande corpo frio, insensível e rígido não era Manuel. Era apenas sua figura feita de pedra. O verdadeiro Manuel andava pelos montes e pelos bosques, ao sol. Falava com Annaíse: minha negra, dizia. Tomava-a nos braços, envolvia-a no seu calor. O verdadeiro Manuel traçava o curso da água nas roças, caminhava entre as colheitas futuras, o orvalho da madrugada.

– Não tenho coragem, mamãe. – murmurou Annaíse horrorizada.

– Era teu homem – disse a velha. – Precisa cumprir com o teu dever.

Annaíse baixou a cabeça:

– Sim, mamãe, vou cumprir meu dever.

Quando as mulheres terminaram seu fúnebre dever, quando Manuel ficou vestido no seu rude azul-arte Délira acendeu de novo as velas.

– Bota o facão junto dele – disse. – ele era um bom trabalhador

Pelo fim da tardinha, Bienaimé chegou. Trazia a novilhota, que não conseguira vender. Cansado, o animal mancava de novo.

– Que reunião é essa no meu terreiro? – ao ver tantos lavradores reunidos ali.

Laurélien abriu-lhe a porteira.

– Tenho um filho – Disse Bienaimé descontente – e é preciso que um vizinho venha abrir a porteira. De qualquer maneira, obrigado, Laurélien. Quis prosseguir. Laurélien segurou o cavalo pela rédea.

– Compadre Bienaimé... – começou.

Neste momento Délira saiu da choupana. Avançou lentamente, alta e seca, no seu vestido preto, a cabeça coberta por um lenço branco.

– Meu velho – disse ela – apeia e dá cá a tua mão.

–Que foi? – balbuciou o velho.

– Dá cá a tua mão, meu velho.

Mas as forças a abandonaram e ela se abateu contra o peito de Bienaimé, sacudida por ásperos soluços.

Da choupana, elevou-se o coro das carpideiras. A gorda Déstine dava voltas em torno de si mesma, batendo mão contra mão e gritando como se tivesse perdido o siso:

– Ah, meu bom Deus, aqui está Bienaimé, meus amigos, Bienaimé chegou.

– Manuel? – perguntou o velho com uma voz sem timbre.

Délira prendia-se a ele, desesperadamente.

– Sim, meu velho, sim, Bienaimé, meu velho querido, nosso filho, nosso único filho, o consolo de nossa velhice.

Os vizinhos se afastaram ante seus passos. As mulheres soltaram gritos lancinantes.

– Ninguém convida a desgraça – disse Antoine. – E ela vem e se senta na mesa sem licença e come e só deixa os ossos.

Bienaimé contemplou o cadáver. O velho Bienaimé não chorava, mas até os mais empreendidos desviavam os olhos de seu rosto e tossiam rudemente. De repente, vacilou. Os vizinhos acudiram pressurosos.

– Não precisa – disse, afastando-os.

Saiu do casebre. Sentou-se num degrau da escada da varanda, abatido, como se lhe tivessem triturado os ombros. Suas mãos tremiam na poeira.

... O sol vai se pôr; é preciso que o dia termine: nuvens impetuosas navegam no horizonte rumo ao crepúsculo, com as velas incendiadas. Uma boiada toma no campo uma imobilidade mineral. As galinhas começam a empoleirar-se no cabaceiro.

Uns vizinhos chegam, outros se vão. É preciso tratar dos negrinhos que ficaram nas palhoças, ir comer um pouco. Voltarão para o velório. Já instalaram no quintal algumas mesas e cadeiras trazidas da vizinhança. Um cheiro se espalha de café e chá de canela. Laurélien emprestou duas piastras, tudo o que tinha, para comprar aguardente.

Délira tem apenas o suficiente para pagar o Padre-Campo¹, que virá ler as orações e benzer o corpo. Não há dinheiro para o enterro na igreja. É caro demais e a igreja não fia aos pobres, não é uma venda, é a casa de Deus.

As lamentações amainaram. A noite aí está com seu peso de sombra e de silêncio. Às vezes uma mulher suspira: Ai, Jesus. Virgem Maria – mas sem muita convicção: por fim a gente se cansa até das pernas.

Délira está sentada perto de Manuel. Não deixa de contemplá-lo e por vezes parece falar-lhe em voz baixa. Ninguém ouve o que ela diz. Annaíse foi embora. Terá de explicar-se com Rosanna. O que não será fácil.

Bienaimé, este ficou no mesmo lugar; a cabeça entre os braços dobrados repousa nos joelhos. Dorme? Quem sabe? Ninguém o incomoda.

Laurélien ocupa-se do caixão. Na frente de sua choupana, ele serra, ele finca pregos. Anselmo, seu

irmão caçula, dá-lhe luz com um archote de pinho.

Não é muito trabalho: três tábuas e uma tampa para levar para a terra aquele que fora seu amigo.

“Que negro, pensa, que companheiro! Nenhum era melhor em toda a região. Mas a morte faz sua escolha como um cego separa mangas na feira: Tateando, aqui e ali, até pegar nos bons, e deixa os ruins. Igualzinho, mas não está direito.”

–Dá cá os pregos – diz a Anselmo.

Seus gestos reproduziam-se na parede do casebre em grandes sombras deformadas.

Anselmo agora é que está ficando homem. Se lhe contasse as palavras de Manuel, talvez nem compreendesse. Eu ficava olhando quando ele trançava chapéus, seus dedos corriam pela palha e ele falava: “Vai chegar o dia... A gente vai fazer um mutirão de todos os trabalhadores da terra para roçar a miséria e plantar a vida nova.” Não verás esse dia, chefe. “Tu foste embora antes do tempo, mas deixaste na gente a esperança e a coragem”.

Mais um prego, outro mais, aproxima a luz, Anselmo, mais um. O caixão está pronto, a tampa está ajustada. Terminei compadre Manuel, e, para dizer a verdade, é um serviço que não merece agradecimento.

Contempla a sua obra: um largo caixão comprido e simples. É de madeira fina, e muito macia, que a terra comerá num instante. Se eu tivesse ao menos algumas tábuas e algumas dobradiças como as da loja de “seu” Paulma, no povoado, mas é tudo caro, fora do nosso alcance.

– Começaram a reza – diz Anselmo.

– Estou ouvindo – diz Laurélien.

O cântico se eleva tristemente no coração da noite:

“Pá’ qual excés dé Ponté vous vous êtes chá’gé di poids dé nos crimes, vous avez souffé’ine mô crielle pu’nous sauvé dé La mô”².

Quando baixa, uma voz de mulher, alta e vibrante, um pouco esganiçada, o retoma, reúne as outras vozes e o cântico expande-se de novo num impulso unânime.

É hora de ir ao velório.

Na primeira peça da choupana, Délira dispôs sobre uma toalha branca um crucifixo, velas acesas e flores, as que puderam encontrar com essa seca: quer dizer que não foram muitas.

“É agora, Senhor, que deixas ir em paz vosso servidor, conforme vossa palavra.”

Diante desse altar, os vizinhos entoam seus cânticos. Estão apertados, uns contra os outros, e a luz das velas faz correr reflexos brilhantes sobre seus rostos negros e suados.

Felizmente há uma “branquinha” para refrescar e logo se vê que Antoine já passou a medida. Não está muito firme nas pernas e canta bem alto. Quando solta sua voz rouca e potente, encobre todas as outras. Com um ar de completa indiferença, Déstine dá-lhe uma cotovelada no meio do estomago e um soluço quase o sufoca.

– Escandalosa – diz ele, pouco depois, no terreiro – não tem respeito nem mesmo pelo defunto Manuel.

E em tom de ameaça:

– Deixa estar, diaba... Faço uma canção sobre ela que, com os diabos...

Mas lembrou-se que estava num velório e engoliu a enorme obscenidade que lhe pesava na língua.

Em cada mesa, colocaram um coto de vela, ilhotas de luz no terreiro. Os vizinhos estão sentados ao redor deles e jogam vinte-e-um.

Com as cartas em leque, parecem absortos. Já terão esquecido Manuel? Oh, não, não o creiam. É que nós não podemos gritar como as mulheres. Para elas, é um consolo. Um homem tem mais coragem, pode agüentar calado. E, ademais, é costume jogar cartas nos velórios. Nove de ouros, corto.

Bienaimé, é como um corpo sem alma. Entra na sala onde repousa Manuel. Contempla-o durante um

momento com os olhos vazios, apagados. Anda pelo terreiro entre as mesas, falam-lhe, ele não responde.

A força de rogos e súplicas, Délira o fez tomar um pouco de caldo. Mas ele deixou o prato que cheio.

– É um homem aniquilado – diz Antoine. – Acabado.

Annaïse voltou. Explicou tudo a Rosanna. Rosanna lançou grandes gritos, deu-lhe todos os nomes imagináveis.

– Não estás envergonhada? – perguntou.

– Não – respondeu Annaïse.

– Olhem essa rameira – gritou Rosanna – essa maluca, essa sem-vergonha.

– Não – respondeu Annaïse – sou mulher dele. Era o melhor negro do mundo. Era sério, era bom. Não me teve na força ou com manha. Fui eu que quis.

– Mas como fizeste para te encontrares com ele, a gente sendo inimigos?

– Ele me queria bem, e eu queria bem a ele. Nossos caminhos cruzaram.

Ela tirou os brincos de prata. Pôs o seu vestido preto. Cobriu a cabeça com um lenço branco.

– Tu não vais sair, não.

Rosanna tomou a porta com o corpo.

– Sofro tanto, mamãe – disse Annaïse.

– Que me importa: estou dizendo que não sais.

– Estou de luto, mamãe – disse Annaïse.

– Já ouviste. Não vou repetir três vezes.

– Alguém bateu a porta. É Gille. Gille entrou. Viu o que acontecia.

– Gervilén tinha razão – observou. O finado Manuel e tu estavam de combinação.

Fez uma pausa.

– Desde essa madrugada Gervilén foi-se embora de Fonds Rouge.

Annaïse ficou em silencio. Lembrou-se do seu juramento.

– Sabes onde é a fonte? – perguntou Gille.

– Sei onde é – respondeu Annaïse.

– Deixa ela ir, mãe – disse Gille.

Annaïse saiu.

Nos velórios é preciso matar o tempo. As cartas, os cânticos e a “branquinha” não bastam. A noite é longa.

Perto da cozinha, Antoine, com uma xícara de café na mão propõe adivinhações. Rodeiam-se sobretudo os jovens. Não é que os vizinhos mais velhos não gostem disso, mas não lhes parece muito sério, e se deve guardar a reputação de homem grave e severo, não é verdade? Que acontecia se diante de uma pilhéria inesperada desse Antoine a gente fosse obrigado a rir? Então? Aí, esses moços iam querendo fazer a gente seus iguais seus camaradas, esses macaquinhos.

Antoine começa:

– Que é que é: as mulheres quando entram em casa vão logo tirando a roupa.

Os outros pensam, quebram a cabeça. Inútil, não acertam.

– Que é que é? – pergunte Anselmo.

– As barçaças. Quando entram no porto tiram os panos – explica Antoine.

Bebeu um gole de café:

– Vou na casa do rei. Acho dois caminhos: devo tomar todos os dois?

– As calças – exclama Lázare.

– É isso. Mas não quero me chamar Antoine se vocês adivinharem esta; a pergunta Marie bota a mão nas

cadeiras e diz: sou uma moça feita?

– É difícil, sim, é difícil.

– Vocês não são bastante espertos. Cambada de negros de cabeça dura.

E embora se esforcem, é de balde, não adivinha.

Antoine triunfa:

– É xícara.

Exibe a sua, segurando pela asa, e ri de contente.

– Mais uma, titio Antoine, mais uma, por favor – reclamam os rapazes em coro.

– Shh... Vocês estão fazendo barulho demais. Vocês não se contentam nunca?

Faz-se de rogado, mas não quer outra coisa, esse Antoine. Em toda a baixada é voz corrente que para contar casos e cantar ninguém melhor que ele.

– Bem – diz ele – vou facilitar para vocês: redonda como uma bola, comprida como a estrada.

– Novelo de linha.

– Queimo minha língua e dou meu sangue para poder agradecer à companhia.

– O candeeiro.

– Meu casaco é verde, minha camisa é branca, minhas calças são vermelhas, minha gravata é preta. O que é?

– Melancia.

– Anselmo, meu filho – diz Antoine – vai encher esta xícara de “branquinha”, mas até a beira, entendeu? Cachaça de velório não se poupa, é para, honrar o defunto. Se for comadre Déstine que estiver com a garrafa, diz que é para compadre Laurélien. Por precaução, meu filho, por precaução. Porque esta Déstine e eu, nós nos entendemos como leite e limão. Só de se olhar, a gente fica com o estomago virado.

E assim prossegue o velório: entre lágrimas e risos. Tal como a vida, compadre, sim, igualzinho à vida.

A um lado formou-se um pequeno grupo: o velho Jean-Jaques Dorélien, Fleury Fleurimond, Riché Dieuveille e Laurore Laurélien.

– Para mim – disse Dorélien – essa morte não foi natural.

– Eu também acho – aprovou Fleurimond.

Laurélien não é desse parecer.

– Délira disse que foram as terças. Se ela diz é porque foi. Que interesse ia ter? E tem febres que roem as pessoas sem se dar pela coisa. É como peça de mobília, que parece sólida, maciça, mas o cupim já se meteu nela e um belo dia aquilo vira pó.

– Pode ser – diz Fleurimond. Mas não parece muito convencido.

E Riché Dieuveille toma a palavra:

– Ao meio dia se passa o rio a pé. Seco, sem tanto assim de água; só pedra e cascalho miúdo. Mas choveu bem a montante, nos morros, e na tarde a água vem com uma doida, carregando tudo pela frente, furiosa. Com a morte, dá-se o mesmo. Sem que agente espere, e nada é possível contra ela, irmão.

– Por falar em água, será que o finado Manuel contou para alguém onde é a fonte? Eu era amigo dele, mas não teve tempo de me mostrar o lugar.

– Délira não sabe?

– Mais certo é a filha de Rosanna.

– Porque aí era azar demais, se ele tivesse levado o segredo.

– O jeito era dar uma batida por toda a parte, procurar em todo o canto, no morro e nos campos.

– Nem assim era certo dar com ela.

– A gente já estava esperançado. A gente já via as roças regadas. É uma pena.

– Isso sim era azar mesmo. Eu já estava calculando plantar umas carreiras de ervilhas. Agora, na feira,

as ervilhas estão dando bom preço.

– E as bananas podiam crescer na beira do canal.

– No meu pedaço de chão – disse Dieuveille – eu ia experimentar alho–porro e alho–de–rama.

O velho Dorélin suspirou:

– E assim cada qual tinha seu plano feito. Um dizia: farei isso, o outro: farei aquilo, e durante este tempo a desgraça ria em surdina, à espreita nessa volta do caminho que se chama a morte.

“Ah, vou–me embora, amigos, vou–me embora, sim: tenho pouco tempo, mas teria gostado de ver uma vez mais o roçado de milho e as colheitas cobrindo o chão das roças.”

“Marcharemos ao combate, à gló–ó–ria...”

São resistentes os cantores de velório, não perdem o fôlego facilmente. A gorda Déstine, arrasada pela fadiga, está jogada numa cadeira. Sua cabeça bamboleia sobre os ombros, os olhos estão fechados; ela marca o compasso com seu pé descalço e canta com voz de falsete, dolente e sonolenta.

– Bicha feia! – murmura Antoine, num muxoxo de fastio.

A garrafa de cachaça está em cima de mesa ele estende a mão, mas Déstine abre um olho, um só, mas fixo, e Antoine finge que espevita o pavio da candeia.

– Assim está desperdiçando cera – diz.

E retira-se, os ombros caídos e resmungando entre dentes coisas que não podem ser repetidas.

“Marchemos ao combate, à gló–ó–ria...”, entoa Déstine, mas desta vez com uma voz clara e triunfante faz crepitar a fogueira, e o cântico vai nas asas tremulas da aurora e aos vizinhos que se levantam cedo em Fonds Rouge. “Ah sim”, dizem, “o enterro é hoje” e os que dormiam sob a latada, a frente contra a mesa despertam e pedem café, e Délira não deixou a Manuel um só instante, nem Annaïse, coitada, e Bienaimé encolheu–me num canto: é o ultimo, o derradeiro cântico, pois eis que surge o dia com suas arvores negras e enregeladas contra o céu pálido, e os vizinhos começam a fazer suas despedidas. Voltarão mais tarde e desaparecem nos caminhos sob os campeches e as selvagens galinhas–d’angola descem dos galhos e se reúnem nas clareiras, os galos se esganiçam de quintal em quintal, um jovem potro relincha nervosamente no campo.

“Adeus, Délira”, diz Laurélien. Hesita: “adeus, Annaïse”; elas lhes respondem com voz fraca, choram demais, estão sem forças, e a aurora entra pela janela, mas Manuel não mais verá, dorme para todo o sempre. Amém.

Perto das dez horas, Aristomène, o Padre–Campo, faz sua entrada no terreiro. Monta um pequeno jumento que se dobra a seu peso e os pés do coitado se arrastam no chão. Está atrasado e o animal empaca; Aristomène aplica-lhe os calcanhares nos flancos com tal vigor que quase o levanta no chão.

Leva uma Levita que em tempos idos devia ter sido preta, mas, devido a sua idade venerável, lembra a cor lustrosa dos peitos dos pombos bravos.

Com um gesto, tira o chapéu e descobre um crânio calvo e brilhante.

– Bom dia a todos.

E os vizinhos o cumprimentam com cortesia.

Fazem–no sentar–se, e Délira, pessoalmente, lhe serve uma xícara de café.

Aristomène bebe lentamente, com plena consciência de sua importância. O murmúrio das conversas zumba ao redor, com uma homenagem, e seu rosto avermelhado, marcado pela bexiga, transpira uma abundante satisfação.

No quarto, repousaram Manuel no seu caixão. Duas velas ardem, uma a sua cabeceira, outra a seus pés. Bienaimé contempla seu filho. Não chora, mas sua boca não cessa de tremer. É pouco provável que tenha

notado a presença de Annaïse. As mãos de Anna cobrem seu rosto, as lágrimas correm entre seus dedos e ela se lamenta como uma criança doente.

Às vezes, uma das comadres: Clairemise, Mérilie, Déstine, Céline, Irézile ou Georgine, ou outra qualquer, lança um grito estridente, e é seguida imediatamente pelas demais e o coro das carpideiras enche a casa de uivos ensurdecedores.

Os homens, esses permanecem no terreiro ou na varanda. Falam em voz baixa, mordem a boquinha de seus cachimbos.

Leurélien, porém, está na câmara mortuária. “Adeus, chefe, nunca mais hei de ter um amigo como tu; adeus, meu irmão, adeus, meu camarada”.

Seca os olhos com as costas da mão. Não é costume ver um negro chorar, mas o pranto é mais forte que ele e não lhe dá vergonha.

Délira voltou a ocupar o seu lugar junto ao caixão. Abana o rosto de Manuel com um daqueles chapéus de palha que ele trançava à tarde na varanda. Protege-o contra as moscas, moscas gordas, que só aparecem nos enterros, e a chama avivada da vela ilumina a frente de Manuel: “Havia luz em teu rosto no dia em que voltaste de Cuba e nem a morte pôde apagar este lume que vai para as trevas contigo. Que esta luz de tua alma te guie na noite eterna, a fim de que tu possas encontrar o caminho desta terra da Guiné, onde há de ficar em paz com os antepassados da tua raça.”

– Vamos começar – anuncie Aristómene.

Folheia seu livro, molha o dedo na boca para virar cada página:

– Oração para defuntos.

As mulheres caem de joelhos. Délira abriu seus braços em cruz, olhos sobre o alto fixam uma coisa que somente ela vê.

– Do fundo do abismo, clamei por vós, Senhor: escutai, senhor, a minha voz.

Que os vossos ouvidos sejam atentos à voz de minha oração.

Aristomène lê a toda pressa; engole as palavras sem mastigá-las, está com pouco tempo. Seu compadre Hilarion convidou-o a tomar um gole depois da cerimônia, e por essas duas miseráveis piastras e cinquenta cêntimos que vai receber não é necessário, não, realmente não vale a pena preocupar-se.

– Que repouse em paz. Assim seja.

– Assim seja – respondem os vizinhos.

Aristomène enxuga a calva, o rosto e o pescoço com um vasto lenço quadriculado.

Apesar de sua pressa, rejubila-se de antemão com as palavras latinas que vai pronunciar, desses, *vobiscum*, *saesculum* e *dominum*, que soam como batidas de varetas num tambor e fazem esses lavradores ignorantes murmurar com admiração: Puxa, esse Aristomène, sim senhor, é sabichão de fato!”

Sua voz se eleva com a melopéia queixosa, nasalada e solene dos padres. Não foi à toa que serviu de sacristão anos a fio e, não fora o lamentável incidente com a governanta de “meu Padre”, ainda ajudaria a missa na igreja do povoado. Ai, não fora sua culpa, ele “meu Padre”, devia ser tomado a seu serviço, uma pessoa de idade e não aquela negra moça roliça e rechonchuda com uma galinha nanica. Não nos deixeis cair em tentação, diz a Palavra.

Se as palavras tivessem ossos, Aristomène se engasgaria, tal sua pressa. As páginas voam sob seus dedos e ele vira várias ao mesmo tempo.

“Que negro desonesto”, pensa Antoine, observando-o de perto.

Délira não escuta essa linguagem precipitada, esse achincalhe sagrado, senão como um rumor longínquo e incompreensível. Está junto a Manuel, só para ele tem olhos e balança-se em sua cadeira como se não mais pudesse suportar o grande peso dessa dor, está, como um galo na tormenta, abandonado à noite amarga sem fim. “Misericórdia, peço misericórdia e salvação, Senhor, livrai-me, pois estou cansada, A

velha Délira está tão cansada, tão cansada Senhor! Deixai-me acompanhar meu filho pela grande várzea da morte, deixai-me passar com ele o rio do país dos mortos: eu o levei nove meses no meu ventre e a vida toda no meu coração, não posso deixá-lo.

Manuel, ah, Manuel, tu eras os meus dois olhos, tu eras meu alento, tu eras o meu sangue: eu via por teus olhos como a noite vê pelas estrelas, eu respirava por tua boca, e minhas veias se abriram quando teu sangue correu, tua ferida me doeu, tua morte me matou. Não tenho nada mais que fazer na terra. Só me resta esperar num canto da vida, como um trapo jogado atrás da porta, como uma pobre desgraçada que estende a mão: caridade, por piedade, é o que ela diz, mas a pena que implora é a morte. Salve, Virgem da Alta Graça, fazei com que chegue este dia, que chegue amanhã, que chegue hoje mesmo. Ó, meus santos, ó, meus “loa”, valei-me: Papai “Legba”, vinde a mim, São José, Papai, vinde a mim, “Dambala Siligoué”, vinde a mim, “Ogum Xangô”, vinde a mim, Santiago Maior, vinde a mim, ai, “Loko Atisou”, Papai, ai, “Guédé Hounsoum”, vinde a mim, “Agoueta Royo Doko Agoué”³ valei-me, meu filho morreu, vai-se embora, vai atravessar o mar, vai para a Guiné, adeus, adeus, dou adeus a meu filho, ele não voltará mais, foi-se embora para sempre, ah, tristeza, ah, miséria, ah, angústia, ah, dor.”

Ergue os braços para o céu, o rosto desfigurado pelas lágrimas e pelo grande sofrimento, os ombros embalados por essa encantação desesperada e as comadres a sustentam e lhe murmuram: “Coragem, Délira, coragem, querida!” Mas ela não as ouve, não ouve Aristomène, que salmodia cada vez mais, cada vez mais depressa, decidido está a terminar...

... *Santae Trinitatis. Per Christum Dominum nostrum. Amém* e tira das profundezas de sua levita uma pequena garrafa, que desarrolha com os dentes; asperge o cadáver, eis Laurélien que trás a tampa do caixão. “Não, não, grita Annaïse, debatendo-se nos braços de Clairemise, mas Laurélien chega, com a tampa; “deixem-me ver meu filho pela última vez”, grita Délira, mas Laurélien prega a tampa do caixão e, a cada golpe do martelo, Délira treme como se os pregos se cravassem no sangue de sua alma, acabou-se, sim, acabou-se. Joachim Dieuveille Fleurimond e Laurélien levantam o caixão e é o instante das lamentações, dos gemidos e dos gritos:

Valei-me, meu Deus, estão levando o caixão, eles estão levando o seu irmão para essa terra que tanto amou, tanto que, na verdade, morreu por ela.

Marcham lentamente até a orla dos campeches e o esconderijo dos moradores os segue: as mulheres choram os homens vão em silêncio.

Cavaram a sepultura à sombra de um campeche e um casal de pombas e rolas fogem num bater de asas assustadas e se perde sobre a roça na luz do meio-dia.

–Baixem o caixão devagarzinho – diz Laurélien.

O caixão desliza e repousa no fundo do buraco.

– Coitado, diz Antoine – morreu no melhor da mocidade e era um negro bom, esse Manuel.

Laurélien e Fleurimond apanham as pás. Uma pedra rola e ressoa ao chocar contra o caixão. A terra cai na fossa. O caixão começa a desaparecer. Ouvem-se soluços abafados e o choque surdo dos torrões de terra endurecidos pela seca. O buraco está cheio.

Uma mulher geme:

– Meu Deus nós te pedimos força e coragem, consolo e resignação.

“Manuel não era partidário da resignação”, pensa Laurélien. “Ele dizia que isso de sinal da cruz, de ajoelhar-se ao Meu-Bom-Deus, tudo isso não serve de nada. Que o negro foi feito para a rebelião. E agora estás morto, chefe, morto e enterrado. Mas as suas palavras não vamos esquecer nunca, e se algum dia, no caminho desta vida dura, o cansaço vier nos tentar com: e por que? e com: não vale a pena, ouviremos tua voz e voltaremos a ter coragem”. Laurélien enxuga com a mão o suor que escorre de seu rosto; apóia-se com as duas mãos no cabo da pá: a cova está cheia.

– Enfim, acabou-se – diz Antoine. – Irmão Manuel, paz para ti, na eternidade das eternidades.

– Na eternidade respondem os outros.

O círculo dos vizinhos se rompe; voltam para a choupana para despedirem-se de Délira e Bienaimé, e porque com esse sol forte a gente ficou com sede, precisa tomar alguma coisa, só pode fazer bem, um último gole de “branquinha”, não é certo, vizinho?

Mas Laurélien ficou. Levanta o montículo de terra sobre a cova. Rodeia-o de grandes pedras.

Quando tiver dinheiro o suficiente, construirá um túmulo de tijolos com um nicho para acender as velas da saudade e, sobre uma placa de cimento fresco, Antoine escreverá, pois sabe, com uma escrita caprichada e canhestra:

AQI JAZ MANUEL JUÃO JUZÉ

¹ Sacerdote improvisado dos campos haitianos

² Preferimos conservar o texto original, com sua grafia. “Porque excessos de vontade vós suportastes o peso de nossos crimes, vós sofrestes uma morte cruel, para nos salvar da morte”.

³ Divindades afro-brasileiras. Desnecessário identificar para o leitor em língua portuguesa, pois que – sob a grafia original, que se julgou preferível respeitar – estão muitas divindades afro-brasileiras.

Capítulo 14

Na mesma noite, após o enterro, Délira foi procurar Larivoire.

Bateu à sua porta.

– Quem está aí? – perguntou Larivoire.

Já estava deitado.

– Sou eu, Délira, eu mesma.

Larivoire acendeu o candeeiro e imediatamente abriu a porta.

– Meus respeitos, vizinha –. Entra, por favor.

Délira sentou-se. Arrumou em seu redor as pregas do vestido de luto. Mantém-se ereta, severa.

– Tu me esperavas, Larivoire.

– Esperava.

Há um silêncio entre os dois.

– Gervilén – disse Larivoire sem fitá-la.

– Eu sei – responde. – Mas ninguém vai saber. Quero dizer: Hilarion, as autoridades.

– Ele não quis.

– Não. Ele fazia que não se agitava na agonia: é preciso salvar a água, repetia. E apertava minha mão.

Larivoire levantou a mecha da cande – Na noite da desgraça, ele veio aqui mesmo. Ficou de pé de baixo da latada no meio dos vizinhos. Ele falava; eu o olhava, eu o ouvia. Conheço os homens. Ele era um negro de verdade.

– Morreu – diz Délira.

– Teu fardo de mágoas é pesado, minha madre.

– A dor é grande – diz Délira.

Larivoire coçou o queixo, cofiou a barba:

– Ele te fez um último pedido?

– Sim, e é por isso que estou aqui. Vai buscar tua gente, Larivoire.

– É tarde – diz o outro.

– Para mim é melhor que seja de noite. Vai buscar tua gente, Larivoire.

Larivoire se levantou, deu alguns passos indecisos na sala.

– Foi o finado Manuel que te pediu para falares com eles?

– Foi sim, mas eu também o quero: tenho minhas razões.

Larivoire apanhou o chapéu.

– Deve-se respeitar a vontade dos mortos – disse.

Entreabriu a porta:

– Não precisas esperar muito. Vou passar na casa de meu filho Similien. Ele avisará a uns, eu aviso a outros. Se o candeeiro baixar, basta puxar o pavio. Não é um candeeiro ruim, mas o querosene da Florentine não vale nada.

Délira ficou só, sua cabeça inclinou-se sobre o peito e ela juntou as mãos. A luz vacilava, a peça enchia-se de sombras. Fechou os olhos. “Estou gasta, esta velha Délira está gasta, não pode mais, meus amigos”.

A fadiga arrastava-se numa corrente lenta e irresistível como a náusea, para os limites da inconsistência. Mas a lembrança de Manuel dava-lhe forças. “Tenho de falar com estes vizinhos. Depois, então, vou-me deitar. Dormir, ah, dormir, e se o dia levantasse e eu não, para dizer a verdade verdadeira,

seria um dia de misericórdia”.

– Ficaste este tempo todo na escuridão?

– Exclamou Larivoire.

A candeia estava apagada. Larivoire bateu na escuridão e acabou por encontrar os fósforos.

– Eles estão aí fora – disse.

– Acende o candeeiro. Quero olhar para eles.

A peça se iluminou: a mesa, o garrafão sobre o aparador de carvalho, a esteira enrolada a um canto, e, sobre as paredes de pau-a-pique caiadas. Imagens de santos e um velho almanaque.

– Mande a gente entrar – Disse Délira.

Os trabalhadores penetraram na choça com uma estranha timidez, desajeitados e com movimentos canhestros e Nerestán não sabia que acomodar seu corpanzil, encurralados contra os e apertados que estavam uns contra os outros na peça estreita.

Délira ergueu-se em sua longa veste de luto.

– Fechem a porta – disse.

Louis–Pierre Louisimé fechou a porta.

Délira contemplou-os lentamente: parecia contá-los um por um e, à medida que o seu olhar triste e severo os tocava, eles baixavam a cabeça.

– Não estou vendo Gervilén, digo que não estou vendo Gervilis Gervilén. Eu pergunto: onde está Gervilis?

No silêncio, ouvia-se distintamente a respiração pesada dos camponeses.

– Porque eu queria repetir a Gervilis Gervilén as palavras de meu filho.

“Ele me disse, foi isso que meu filho Manuel me disse: vocês fizeram sacrifícios aos “loa”, ofertaram sangue de galinhas e de cabritos para fazer chover, tudo isso não adiantou nada. Porque o que vale é o sacrifício do homem, o sangue do negro”.

– É uma palavra muito justa – fez Larivoire, meneando a cabeça gravemente.

– Ele disse mais: “Vai procurar Larivoire. Fala qual a vontade do meu sangue que correu: o entendimento, o entendimento (ele disse duas vezes), para que a vida recomece, para que o sangue se levante sobre o orvalho...” Eu, eu queria prevenir Hilarion, mas ele segurava minha mão. Ele dizia: “não”, “não”, e o sangue pisado escorria de sua boca: “assim iria se perder a água, é preciso salvar a água”.

– Délira – disse Larivoire com voz rouca, e enxugou os olhos com o punho fechado – faz setenta e sete anos que as lágrimas não corriam dos meus olhos, mas ouve o que te digo, de verdade: teu filho era um negro bom de verdade, um lavrador até a raiz dos cabelos, tão cedo não se verá outro igual.

– Mãezinha – Disse Nerestán, com uma voz singularmente enternecida – que sofrimento estás tendo, mãezinha.

– Sim, meu filho – respondeu Délira – e eu te agradeço o consolo, mas eu não vim aqui falar de minhas mágoas: vim dizer a vocês a última vontade de meu filho. Ele estava comigo, mas estava se dirigindo a vocês todos: “Cantem meu luto – me disse ele – cantem meu luto com um canto de mutirão”.

Canta-se o luto, é o costume, com o cântico dos mortos, mas ele, Manuel, escolheu um canto dos vivos: o canto do mutirão, o canto da terra, da água, das plantas, da amizade entre os camponeses, porque ele quis, agora é que eu vejo, que a sua morte seja um começo da vida, para vocês todos.

Os camponeses são gente dura e rude: a existência curtiu-lhes o coração, mas apenas na aparência são brutos e empedernidos, é preciso conhecê-los, ninguém é mais que eles sensíveis àquilo que dá ao homem o direito de chamar homem: a bondade, a coragem, a fraternidade viril.

E Larivoire falou em nome de todos ao aproximar-se, com a mão estendida, de Délira, trêmulo de

emoção.

– Aperta esta mão, Délira, é a garantia de nossa promessa e de nossa palavra de honra.

Voltou-se aos vizinhos:

– Não é isso mesmo, irmãos?

– Sim responderam os vizinhos.

– A paz e a reconciliação?

E Nerestán respondeu:

– Mamãe, eu mesmo cavarei o canal de tua roça.

– Eu plantarei por ti, Délira – disse Josaphat.

– Conta comigo também – disse Louisimé.

– E eu, eu arrancarei o mato quando for preciso – disse Similien.

– Eu ajudo também – disse Gille.

– Todos nós também – disseram os demais.

O rosto de Délira como que se iluminou de loçura:

– Obrigada, meus negros, por este consolo. Meu filho, em tua sepultura, há de estar ouvindo: aí está a família do vizinhos unida pela concórdia como ele queria. Meu serviço se acabou.

Ela recobrou se súbito a severidade:

– Mas, uma coisa: desde hoje estamos ligados por um segredo: eu não vim aqui, estão ouvindo? E Manuel morreu de febres, entenderam bem? Façam o sinal da cruz sobre a boca:

Eles obedeceram.

– Jurem.

Os colonos bateram três vezes no peito, no lugar do coração e ergueram a mão para o juramento:

– Nós juramos – disseram.

– Compadre Larivoire – disse ela – deixa passar uma semana ainda. Vamos respeitar o luto.

E depois, tu virás com eles na casa de Laurélien, quando o sol baixar. Minha gente esperará. E em seguida, Annaïse, minha nora, levará vocês à fonte. Ela sabe o lugar. Os pombos bravos ruflam aí as asas na folhagem. Ora, ora, agora estou dizendo bobagens. É porque estou muito cansada, meus amigos, esta velha Délira, como vocês estão vendo, não tem mais forças, não, nem um restinho. Pois, boa noite, minha gente, sim?

Jean-Pierre Louisimé lhe abriu a porta.

– Espera – disse Larivoire. – Similien vai te acompanhar.

– Não, Larivoire, não; é preciso, eu agradeço a cortesia: há lua e estrelas. Eu sei o caminho.

E ela entrou pela noite.

O fim e o começo

Bienaimé dormia sobre o cabaceiro. O cãozinho está deitado na frente da cozinha, a cabeça entre as patas. Às vezes, entreabre um olho e abocanha uma mosca. Délira remenda um vestido. Segura o pano bem perto dos olhos: sua vista torna-se cada vez mais curta. O sol faz seu caminho, lá no alto do céu, e é um dia como os outros. As coisas voltaram ao seu lugar, ao seu curso habitual. Cada semana, Délira vende seu carvão no mercado. Laurélien corta a lenha e prepara o balão para ela. É um bom rapaz esse Laurélien. Bienaimé mudou tanto que está irreconhecível. Antes, à menor contrariedade o deixava furioso, estava sempre inclinado à cólera e à irritação, tinha uma resposta sempre pronta: um verdadeiro galo de briga. Agora, falta uma mola dentro dele. Diz sim a tudo, como uma criança. Sim e está bem. Délira o surpreendeu várias vezes no quarto de Manuel. Sua mão acariciava o lugar vazio na cama e as lágrimas corriam pela sua barba branca. Cada manhã, vai até a sepultura, à beira dos campeches.

Protegeram-na com uma pequena latada de folhas de palmeiras. Acocorado junto a ela, fuma seu cachimbo, o olhar vago, ausente. Ali, ficaria horas e horas, se Délira não fosse buscar para levá-lo para a sombra do cabaceiro. Ele a segue docilmente. Dorme muito e o sono o domina a qualquer hora. Antoine tinha razão: é um homem acabado.

O vento trás de longe o murmúrio de vozes e o fluído infatigável do tambor. Há mais de um mês os colonos estão em mutirão. Cavaram um canal: um leito comprido na terra, desde a fonte até Fonds Rouge, através da baixada estreita e do bosque de campeches; e o ligaram por regos às suas plantações.

A raiva quase mata Hilarion. Há, pode-se afirmar que ele ficou com a alma envenenada, além disso Florentine o recrimina e o atormenta dia e noite, como se a culpa fosse dele, com toda a sorte de queixas. Podia lá prever que este Manuel ia morrer? Se pudesse, é claro que o teria prendido e o teria feito falar em tempo onde estava a fonte, pois os meios para tanto não faltavam. O tenente o chamava imbecil. E agora era a Florentine... podia-se ouvir a voz de matraca em todo Fonds Rouge.

Quando Hilarion não agüentava mais, ela sentia o peso da grossa fivela de couro do seu cinturão. Isso a acalmava mais ou menos, a porcalhona.

Hilarion pensava: Talvez eu possa pedir ao doutor Sainville, o magistrado comunal, para botar um imposto nesta água. Eu faço a cobrança e deixo a minha parte de lado. Vamos ver. (Sim, vamos ver, mas isso se os camponeses se deixarem enganar). Nestes últimos dias estão trabalhando na própria fonte, nas cabeceiras da água, como eles dizem. Seguiram ponto por ponto o que Manuel marcou. Ele morreu, esse Manuel, mas é sempre ele quem guia os outros.

Alguém entra no terreiro de Délira, uma negra alta, uma bela negra: é Annaíse.

A velha observa-a que se aproxima e seu coração se alegra.

– Bom dia, mamãe – diz Annaíse.

– Ah, bom dia minha filha – responde Délira.

– Assim vais cansar ainda mais os teus olhos – diz Annaíse. – Deixa que eu te remendo esse vestido.

– É uma ocupação, minha filha, uma coisa que fazer. Fico costurando, é um jeito de emendar o que passou com o dia de hoje. Se ao menos se pudesse, Anna, remendar a vida, pegar do ponto em que a linha quebrou. Ah, meu Deus, não é possível.

– Manuel me dizia, parece que eu escuto a voz dele, como se fosse ontem: A vida é a vida. É um fio que não se quebra nunca, que nunca se perde; e sabes por quê? Porque cada negro, durante toda sua vida lhe dá um nó: é o trabalho que ele fez, é isso o que deixa a vida viva pelos séculos dos séculos: a serventia do homem sobre a terra.

– Meu filho era um negro que sabia pensar – diz Délira com orgulho.

Farrapos de canto chegavam aos seus ouvidos, algo assim como ô-ô ê-ê ô-ê-ô-ê-ô e o tambor ...

Antoine manejava-o com mais habilidade que nunca.

– Gille me disse que hoje vão soltar a água no canal. E se a gente fosse ver, mamãe? É um grande acontecimento, não é?

– Tu é que sabes, querida.

Délira levantou-se. Seus ombros se haviam curvado um pouco, e ela se tornara ainda mais seca.

– O sol está forte, vou botar meu chapéu.

Mas já Annaíse correria a buscá-lo na choupana.

– Tu és muito prestativa, minha filha – agradeceu Délira.

E sorriu com esse sorriso que conservara a graça da juventude, apesar da pequena cicatriz de tristeza que a vida lhe deixara no canto da boca, para marcar sua passagem.

Penetraram no bosque por aquele mesmo caminho que Manuel percorrera no dia seguinte à sua chegada. Os campeches cheiravam a fumaça fria dos balões de carvão. Caminharam em silêncio até alcançar o

vale inundado de luz. Os cactos arborescentes se alçavam com suas largas folhas carnudas, de um verde fosco e poeirento.

– Olha – disse Annaíse – se a gente não tem razão em dar o nome de “orelhas de burro”; essas plantas são intratáveis, espinhosas e de má-vontade.

– As plantas são como os filhos de Deus. São de duas qualidades: as boas e as ruins. Quando a gente vê laranjas, parecendo pequenos sóis pendurados nos galhos, a gente fica contente; as laranjas são bonitas e são prestativas. Agora, uma planta de espinho como essa... mas não se deve maldizer nada, pois tudo é obra de nosso senhor.

– E a cabeça – disse Annaíse – parece a cabeça de um homem e dentro tem essa coisa branca com o miolo; apesar disso, é fruta boba: não se come.

– Traquinas! – exclamou Délira. – Assim fazes a velha Délira rir mesmo contra a vontade.

Subiram rumo ao outeiro de Fanchon. Délira andava lentamente por causa da sua idade. Annaíse ia atrás dela. A picada era bastante íngreme; por sorte, fazia voltas.

– Não irei até o alto – disse Délira. – Aqui a gente tem esta pedra grande, que parece feita para servir de banco.

As duas mulheres se sentaram. A campina estendia-se como uma esplanada de luz violeta. Mas através da baixada, corria o corte do canal rumo aos campeches, desbastados para lhe dar passagem. E quem tivesse bons olhos veria nas roças a linha dos canaletes prontos.

– É lá que eles estão – disse Annaíse, estendendo o braço para um morro coberto de árvores.

– É ali que estão trabalhando.

O tambor exultava, sua voz precipitada enchia a baixada e os homens cantavam:

Manuel Jean-Joseph, oh, negro valente ê ê

– Estás ouvindo mamãe?

– Estou – disse Délira.

Em breve, essa baixada árida estaria coberta de grande verdura; nas roças nasceriam os bananais, o milho, as batatas, os inhames, os loureiros rosados e os loureiros brancos, e tudo seria graças ao seu filho.

De repente, o canto parou.

– O que há? – perguntou Délira.

– Não sei não.

E em seguida um imenso clamor subiu ao ar.

As mulheres se levantaram.

Os camponeses surgiam, correndo morro abaixo, jogando os chapéus ao ar, dançando e abraçando-se.

– Mamãe – disse Annaíse com uma voz estranhamente débil. Lá vem a água.

Um delgado fio de água avançava pela planície e os moradores seguiam-no gritando e cantando.

Antoine marchava à frente e fazia rufar orgulhosamente o tambor.

– Oh, Manuel, Manuel, Manuel, porque estás morto? – Gemeu Délira.

– Não, disse Annaíse e sorria através de suas lágrimas – não, ele não morreu, não.

Tomou a mão da velha e apertou-a docemente contra seu ventre, onde palpitava a nova vida.

FIM.

ia.